



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JOSÉ WANDREGESÍLIO DOS SANTOS SILVA

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES DE PESQUISA EDUCATIVAS E
EMANCIPADORAS NAS AULAS DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO**

FORTALEZA

2022

JOSÉ WANDREGESÍLIO DOS SANTOS SILVA

AS CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES DE PESQUISA EDUCATIVAS E
EMANCIPADORAS NAS AULAS DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fátima Maria Nobre Lopes.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S58c Silva, José Wandregesílio dos Santos.
As contribuições das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de Filosofia do Ensino Médio / José Wandregesílio dos Santos Silva. – 2022.
129 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Fátima Maria Nobre Lopes.

1. ensino de Filosofia. 2. atividades de pesquisa. 3. esclarecimento. 4. emancipação. I. Título.

CDD 100

JOSÉ WANDREGESÍLIO DOS SANTOS SILVA

AS CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES DE PESQUISA EDUCATIVAS E
EMANCIPADORAS NAS AULAS DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Aprovada em: 26 / 10 / 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Fátima Maria Nobre Lopes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Isabel Magda Said Pierre Carneiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

A Deus.

À minha mãe Erivanda, ao meu pai Pedro e à
minha esposa Lucilene.

À minha irmã Erineide, ao meu cunhado
Carlos Abraão, ao meu sobrinho Théo e ao
meu primo Jean.

À toda minha família e amigos, em especial à
comunidade de Timbaúba dos Marinheiros em
Chorozinho – CE.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar.

À minha família.

Aos meus professores da educação básica no meu processo inicial de formação, em especial, aos professores da escola de ensino fundamental Gregório Vitorino dos Santos na comunidade de Timbaúba dos Marinheiros em Chorozinho – CE.

Aos meus professores da escola estadual de ensino médio Raimundo Nogueira, em Horizonte – CE e da Escola Estadual de Ensino Médio Wladimir Roriz, em Chorozinho-CE.

Aos meus professores da graduação na UECE.

Agradeço ao meu amigo Ricardo Ytalo pela parceria de sempre.

Aos meus professores do mestrado profissional em Filosofia da UFC, em especial à Professora Dra. Fátima Maria Nobre Lopes e ao Professor Dr. Aduino Lopes da Silva Filho.

Aos estudantes da Escola de Ensino Médio Dione Maria Bezerra Pessoa, na cidade de Pacajus – CE, pelo desenvolvimento da pesquisa e a todos os meus alunos e integrantes do grupo de estudos emancipar.

Aos estudantes do Centro Educacional Merithus na cidade de Horizonte – CE e da Faculdade Metropolitana de Horizonte.

Aos componentes da Banca Examinadora deste trabalho.

A caminhada foi árdua, porém saio de cabeça erguida com os objetivos alcançados pela pesquisa. De todo coração, muito obrigado a todos(as).

O indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relações de que maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduos de um desenvolvimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe de si mesmo que está morto. (Theodor W. Adorno).

RESUMO

Apesar de algumas reformulações nas últimas décadas do processo ensino-aprendizagem na educação do nível médio, ainda há o preconceito de se ter a concepção de que o professor, e principalmente o aluno, desse nível de ensino não é um pesquisador. No entanto, a nossa prática enquanto docente da disciplina de Filosofia no nível médio nos permite afirmar que não podemos prescindir da atividade de pesquisa principalmente em se tratando do ensino de Filosofia posto que essa disciplina nos leva necessariamente para o caminho da pesquisa e do esclarecimento, e isso ocorre quer seja no bacharelado, quer seja na licenciatura, pois há uma tendência a se considerar que somente o professor e/ou aluno do bacharelado, no nosso caso, do Curso de Filosofia, é que são pesquisadores. Tomando essas considerações, temos como objetivo central da nossa dissertação apresentar o desenvolvimento de uma atividade de pesquisa, que consideramos educativa e emancipadora, como requisito essencial no processo ensino-aprendizagem nas aulas de Filosofia no nível médio, a fim de compreendermos se tal atividade realmente pode contribuir com a formação esclarecedora, crítica e emancipadora dos estudantes no ensino médio. Trata-se de uma pesquisa realizada numa escola pública estadual que partiu da necessidade de propormos uma atividade de pesquisa para estudantes da disciplina de Filosofia no nível médio. Utilizamos o método dialético numa abordagem qualitativa baseados num grupo focal por meio de uma pesquisa de observação participante. Para esse intento, formamos um grupo de trabalho de dez alunos, no contraturno, com o título *Grupo de Estudos Emancipar*, a fim de verificar junto a esses estudantes se a pesquisa pode aguçar a curiosidade e o gosto pela Filosofia e se a mesma contribui para o esclarecimento, formação e emancipação dos alunos. Esse grupo de estudos foi formado por alunos de diversas turmas da disciplina de Filosofia no nível médio, durante 1 ano, por meio do qual desenvolvemos as atividades de pesquisa tomando o pensamento de Adorno a partir da sua obra *Educação e Emancipação*. As reuniões aconteceram no contraturno das aulas, a partir dessa obra, onde eram discutidas as problemáticas que giravam em torno das questões de esclarecimento, autonomia e emancipação. Para arrematar a nossa pesquisa, ao final das atividades do grupo, fizemos a aplicação de um questionário com os membros do grupo de estudos sobre a pesquisa desenvolvida para sabermos se as atividades de pesquisa do grupo contribuíram para a sua aprendizagem e para a sua formação esclarecedora, crítica e emancipadora. Os resultados obtidos nos demonstraram que o grupo trouxe grandes contribuições para as aulas de Filosofia posto que os alunos que deles participaram trouxeram para a sala de aula discussões bastante interessantes, esclarecedoras e aguçadas para o debate e a aprendizagem dos alunos da turma.

Em nossas considerações finais, pudemos constatar que o grupo focal atingiu para além do nosso objetivo proposto uma vez que despertou alguns alunos até mesmo para cursar a Filosofia no nível superior. Além do mais, demonstraram o interesse (alunos e direção da escola onde atuamos) para que continuássemos com as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras expressas no *Grupo de Estudos Emancipar*, trabalhando novos temas e o pensamento de outros filósofos. Acreditamos que tais considerações demonstram um grande nível de contribuição das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras para o ensino de Filosofia no nível médio do nosso país.

Palavras-chave: ensino de Filosofia; atividades de pesquisa; esclarecimento; emancipação.

ABSTRACT

Despite some reformulations in the last decades of the teaching-learning process in secondary education, there is still the prejudice of having the concept that the teacher, and especially the student, at this level of education is not a researcher. However, our practice as a professor of the discipline of Philosophy at the secondary level allows us to say that we cannot do without the research activity, especially when it comes to teaching Philosophy, since this discipline necessarily takes us to the path of research and clarification, and this occurs whether in the bachelor's degree or in the licentiate degree, as there is a tendency to consider that only the professor and/or bachelor's degree student, in our case, from the Philosophy Course, are researchers. Taking these considerations into account, our dissertation's central objective is to present the development of a research activity, which we consider educational and emancipatory, as an essential requirement in the teaching-learning process in Philosophy classes at secondary level, in order to understand whether such activity can really contribute to the enlightening, critical and emancipatory training of students in high school. This is a research carried out in a state public school that started from the need to propose a research activity for high school students in the discipline of Philosophy. We use the dialectical method in a qualitative approach based on a focus group through participant observation research. For this purpose, we formed a working group of ten students, in the counter shift, with the title Emancipar Study Group, in order to verify with these students if the research can sharpen their curiosity and taste for Philosophy and if it contributes to the clarification, training and emancipation of students. This group of studies was formed by students from different classes of the discipline of Philosophy at high school, for 1 year, through which we developed the research activities taking Adorno's thought from his work *Educação e Emancipação*. The meetings took place after classes, based on this work, where the issues that revolved around questions of clarification, autonomy and emancipation were discussed. To complete our research, at the end of the group's activities, we applied a questionnaire with the members of the study group about the research developed to know if the group's research activities contributed to their learning and to their enlightening formation, critical and emancipatory. The results obtained showed us that the group brought great contributions to the Philosophy classes since the students who participated in them brought to the classroom very interesting, enlightening and sharpening discussions for the debate and learning of the students in the class. In our final considerations, we could see that the focus group reached beyond our proposed objective since it awakened some students even to study Philosophy at the higher level.

Furthermore, they showed the interest (students and school management where we work) for us to continue with the educational and emancipatory research activities expressed in the Emancipar Study Group, working on new themes and the thoughts of other philosophers. We believe that such considerations demonstrate a great level of contribution of educational and emancipatory research activities to the teaching of Philosophy at secondary level in our country.

Keywords: Philosophy teaching; research activities; enlightenment; emancipation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A primeira reunião do grupo de estudos emancipar.....	85
Figura 2 – A reunião de produção de cartazes para divulgação do grupo.....	86
Figura 3 – A aula de filosofia na cozinha com os funcionários da escola.....	87
Figura 4 – A pesquisa sobre os teóricos e as obras utilizadas nas reuniões do grupo.....	88
Figura 5 – Planejando ações do grupo de estudos emancipar	89
Figura 6 – O emancipar trabalhando com o protagonismo juvenil	89
Figura 7 – A vivência da pesquisa no ambiente escolar.....	90

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FILOSOFIA E EDUCAÇÃO	17
2.1	O ensino de Filosofia no Brasil, um breve aparato histórico	17
2.2	Os desafios da disciplina de Filosofia no Brasil na atual conjuntura política	24
2.3	A relação da escola pública com o ensino de Filosofia na educação básica	32
3	A EMANCIPAÇÃO NO PROCESSO EDUCACIONAL	42
3.1	As contribuições da Filosofia marxiana para o ensino de Filosofia na educação básica	42
3.2	O conceito de emancipação humana na concepção do filósofo Adorno	50
3.3	A educação como mediação para a Emancipação humana	59
4	AS ATIVIDADES DE PESQUISA EDUCATIVAS EMANCIPADORAS E O ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO	68
4.1	Práticas de pesquisas educativas e emancipadoras no ensino de Filosofia a partir das contribuições do pensamento de Adorno	68
4.2	As atividades de pesquisas educativas emancipadoras e o grupo focal: uma descrição da atividade educativa	78
4.3	As contribuições das atividades de pesquisas educativas emancipadoras nas aulas de Filosofia no ensino médio: uma análise na perspectiva dos estudantes	84
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE MESTRADO	97
	APÊNDICE B – FICHA DE INSCRIÇÃO	107
	APÊNDICE C – BLUSA DO GRUPO	108
	APÊNDICE D – LISTA DE FREQUÊNCIA	109
	APÊNDICE E – ESTATUTO DO GRUPO	110
	APÊNDICE F – ATA DE FUNDAÇÃO DO GRUPO	112
	APÊNDICE G – PLANO DE ENCONTRO	114
	APÊNDICE H – RELATÓRIO SEMESTRAL	116
	APÊNDICE I – ACOMPANHAMENTO DE CADA PARTICIPANTE	118
	APÊNDICE J – OBRA LIDA NO GRUPO DE ESTUDOS EMANCIPAR	120
	APÊNDICE L – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES - 2019	121

APÊNDICE M – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2020.1	124
APÊNDICE N – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2020.2	126
APÊNDICE O – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2021.1	128

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Filosofia em um contexto educacional como o nosso, é uma tarefa muito árdua por conta das dificuldades enfrentadas desde a falta de estrutura até a ausência de investimentos em formação continuada para os profissionais, já que o ensino de Filosofia no nível médio requer um esforço muito grande do professor. Por conta do nível educacional da nossa população, que é muito baixo em termos escolares e pela instabilidade ideológica que permeia a nossa realidade.

A valorização de algumas áreas do ensino que difere do campo das ciências humanas, tem deixado de lado o pensar filosófico por parte de uma parcela significativa da população. Isso tem relação direta com a falta de investimentos massivos na área, pela negação de uma visão mais crítica sobre a realidade.

O que podemos fazer frente a essa instabilidade? Essa relação conflituosa entre a disciplina de Filosofia e o mercado de trabalho tem se acirrado pelas diferentes visões sobre o processo educacional. No entanto, essa posição ideológica de negação das ciências humanas por parte dos nossos governantes como um todo tem contribuído de forma negativa para frear o processo de formação crítica dos alunos.

A disciplina de Filosofia, de certo modo, tem superado esse dilema de uma forma bem contundente, pois se os profissionais de ensino têm passado por essa angústia e alguns momentos até mesmo a perda de alguns espaços no contexto educacional, percebemos que o pensar filosófico ainda está presente na formação dos nossos alunos, embora ainda de modo não totalmente satisfatório.

Muitos questionamentos em torno do que a Filosofia é capaz de proporcionar no tocante a formação dos alunos, é proposto até para tentar direcionar a Filosofia para um lado avesso à sua realidade, principalmente quando se trata do âmbito da pesquisa, pois, ainda há o preconceito de se ter a concepção de que o professor, e principalmente o aluno, desse nível de ensino não é um pesquisador, sendo uma tarefa dos profissionais do ensino superior.

No entanto, a nossa prática enquanto docente da disciplina de Filosofia no nível médio, nos permite afirmar que não podemos prescindir da atividade de pesquisa, principalmente em se tratando do ensino de Filosofia posto que essa disciplina nos leva necessariamente para o caminho da pesquisa e do esclarecimento.

Pensando nisso, consideramos necessário desconstruir o que é posto para desfavorecer o ensino de Filosofia, e para tentar proporcionar a efetividade do ensino nas

escolas, surge a possibilidade de pensarmos atividades baseadas na pesquisa que favoreçam um ensino livre, no sentido emancipador que seja algo construtivo para o pensar filosófico.

Tomando essas considerações, a nossa pesquisa de Mestrado Profissional em Filosofia tem como objetivo central o desenvolvimento de uma atividade de pesquisa, que consideramos educativa e emancipadora, como requisito essencial no processo ensino-aprendizagem nas aulas de Filosofia no nível médio, a fim de compreendermos se tal atividade realmente pode contribuir com a formação esclarecedora, crítica e emancipadora dos estudantes no ensino médio. As atividades serão realizadas no contraturno das aulas de Filosofia no nível médio, com a perspectiva de contribuir com a formação esclarecedora, crítica e emancipadora dos estudantes na educação básica.

Para desenvolver a supracitada atividade de pesquisa houve a criação de um grupo focal na escola de ensino médio Dione Maria Bezerra Pessoa na cidade de Pacajus – CE, escola na qual lecionamos e na qual iremos desenvolver a pesquisa proposta.

Tomamos como referencial teórico central o pensamento do filósofo Theodor Adorno amparado por outros pensadores correlatos. Por conseguinte, a leitura da obra *Educação e Emancipação* (1995) é um dos meios pelos quais brotará o gosto pela pesquisa e pelo filosofar.

Isso posto colocamos as seguintes indagações: Qual o papel das atividades de pesquisas nas aulas de Filosofia no contexto atual? A prática do professor de filosofia baseada no grupo focal favorece o pensamento crítico dos estudantes de nível médio? Será viável o contato com conteúdo visual, exemplos de filmes e documentários e, a partir delas, fazer reflexões críticas sobre? Quais os desafios e possibilidades do ensino de filosofia numa perspectiva emancipatória?

Assim, faz-se necessário compreender as implicações do ensino de Filosofia a partir das atividades de pesquisa para a formação esclarecedora, crítica e emancipadora dos estudantes do ensino médio. E refletir sobre o papel das atividades de pesquisas nas aulas de Filosofia do ensino médio no contexto atual. Verificando os desafios e possibilidades do ensino de Filosofia numa perspectiva emancipatória. Propondo um ensino que favoreça a reflexão e criticidade dos estudantes.

Por meio da nossa pesquisa, iremos verificar se a criação e a realização de um grupo focal são necessárias na contribuição para a formação esclarecida e emancipada dos alunos nas aulas de Filosofia no nível médio no contraturno.

Portanto, acreditamos que a leitura sobre a temática da emancipação nas aulas de filosofia irá exercer um papel significativo, pois, a função da criticidade proposta ao aluno, na

leitura da obra, será justamente de obtermos uma formação social, visando o esclarecimento, a liberdade e a autonomia dos alunos.

O grupo focal é uma de técnica de pesquisa que será desenvolvida por meio de atividades de pesquisa expressas em um grupo de estudos voltado centralmente para a temática da emancipação. Sendo assim, o grupo de estudos na escola pública Dione Maria Bezerra Pessoa, na cidade de Pacajus – CE, cujo nome será *Grupo de Estudos Emancipar*, constituindo como um espaço para o fino e bom ato de pensar entre os alunos, isso por meio de leituras, debates e de indagações de problemas filosóficos.

Os critérios utilizados para seleção dos membros do grupo aconteceram de forma democrática. No primeiro momento foram feitos convites nas salas de aula com os alunos, a questão da afinidade com a disciplina de Filosofia e da dificuldade de compreensão foram fatores primordiais no engajamento da pesquisa. Sendo abordado também a questão da disponibilidade nas reuniões e o compromisso com o grupo.

Ao longo das reuniões, foram aplicados questionários para sabermos como estava o andamento da pesquisa desenvolvida e na última reunião, em especial, tínhamos o feedback da aplicação. Vale ressaltar que o professor membro ativo do grupo participou de forma direta da pesquisa utilizando o instrumento de observação participante na coleta de dados.

Esperamos com as atividades de pesquisa poder contribuir para um ensino de qualidade, especificamente através de uma experiência que seja exitosa, compartilhando, dessa forma, para o conhecimento e contribuindo para um processo de formação humana e política dos alunos em um ambiente propício ao saber como o espaço escolar.

Ao longo da dissertação, iremos abordar alguns pontos que serão importantes para a pesquisa. Pontos esses como a abordagem teórica da relação entre Filosofia e educação, o esclarecimento e a emancipação no processo educacional, ambos dando ênfase na apresentação das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de Filosofia no ensino médio, possibilitando a necessidade do entendimento e da crítica permanente à realidade que nos cerca e aos problemas da nossa existência.

O ensino de Filosofia ocupa um papel importantíssimo dentro e fora dos sistemas de ensino, pois o pensar filosófico liberta os alunos das amarras postas pelo sistema capitalista, isso perpassa muito pelo papel do profissional de Filosofia que está em sala de aula, pois, faz com que os alunos saiam das suas respectivas cavernas, em termos platônicos.

Nesse caso, o professor de Filosofia não pode se comportar como um mero repetidor de assuntos desconexos da nossa realidade, sendo preciso o professor se dispor ao pensar filosófico, demonstrando uma atitude crítica perante a sociedade e isso certamente requer que

sejam desenvolvidas atividades de pesquisa, pois o conhecimento também liberta o homem das amarras do capitalismo. O professor exerce uma função catalisadora nesse contexto, e deve ser um crítico, tendo o domínio de concatenar as ideias, fazendo analogias com o contexto atual, facilitando a compreensão sobre o entendimento das questões filosóficas, fazendo isso sem perder o filosofar e respeitando a tradição filosófica.

As atividades de pesquisas educativas e emancipadoras no ensino de Filosofia no nível médio trará uma visão de um ensino mais intenso que se baseie na vivência, que possa focar em algo eficiente e que possa atrelar a promoção de uma liberdade de escolha, tendo em vista que os nossos alunos estudam conteúdos nas mais diferentes áreas, que não possuem relação alguma com os seus cotidianos, sem ao menos terem o direito de saberem o quê e o porquê estão estudando determinados assuntos.

Portanto, o ensino de Filosofia a partir das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, que será proposta no nível médio tem o papel de problematizar para facilitar a compreensão dos assuntos que serão abordados nas aulas, gerando a oportunidade de se ter uma formação emancipadora nos espaços escolares.

A partir dessas considerações dividimos a pesquisa em três partes, no primeiro capítulo abordamos a relação do ensino de Filosofia e educação, analisando o seu contexto histórico; no segundo capítulo, discutimos a questão da emancipação no processo educacional e no terceiro capítulo, tratamos das atividades de pesquisa educativas emancipadoras a partir do ensino de Filosofia no nível médio.

2 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Este capítulo aborda um breve histórico do ensino de Filosofia no Brasil e os desafios da disciplina de Filosofia na atual conjuntura, ressaltando o papel do ensino como um instrumento mobilizador no processo de ruptura com a reprodução lógica capitalista. Analisamos a relação da escola pública com o ensino de Filosofia na educação básica, a questão do agravamento da negação da disciplina a partir da desconstrução da realidade, resgatando o caráter crítico na formação dos alunos.

2.1 O ensino de Filosofia no Brasil, um breve aparato histórico

O ensino de Filosofia no Brasil vem seguindo uma direção distorcida desde o período de colonização até os nossos dias atuais. Tendo esse percurso um objetivo de reafirmação da necessidade histórica dessa disciplina no nosso currículo escolar, sobretudo porque haverá a necessidade de uma compreensão da realidade como um todo, daí compreendermos que o filosofar é uma atividade importantíssima no contexto educacional.

No entanto, a disciplina de Filosofia serve de base no processo de conscientização crítica, dessa forma, fazendo frente ao pensamento pragmático, ou seja, técnico que dificulta o contato direto do aluno com o filosofar, além de renegar a herança de um saber refinado.

A prática pedagógica do professor de Filosofia está pautada em orientações direcionadas para o campo filosófico, com metodologias e conteúdos programáticos que são tecidos de comentários e analogias, para trazer os alunos para esse universo novo que é o pensar filosófico. Para que o filosofar esteja presente nas discussões faz-se preciso encorajar a abordagem pessoal e criativa dos alunos.

A Filosofia no Brasil, tem sua origem no século XVI, dessa forma o ensino de Filosofia no País tem suas raízes ligada ao processo de colonização. Um ensino trago pelos padres jesuítas que estava direcionado para os filhos dos colonos que tinham contato com a Filosofia em primeiro nível de letras humanas.

Foram eles que exerceram maior influência no primeiro momento da história da educação brasileira. Os jesuítas eram os responsáveis pela educação e catequese dos povos das colônias, ou seja, a elite colonial da época, procurando sempre propagar e fortalecer o dogma e a doutrina cristã. Um ensino voltado para a tradição escolástica¹ medieval, com as suas raízes

¹ “Em sentido próprio, a filosofia cristã da Idade Média. Nos primeiros séculos da Idade Média, era chamado de scholasticus o professor de artes liberais e, depois, o docente de filosofia ou teologia que lecionava primeiramente

cristãs, com um direcionamento para a fé e a difusão do cristianismo, com uma proposta de ensino conteudista voltada para a doutrina.

A filosofia era assim considerada uma disciplina livresca. Da Europa ela nos vinha já feita. Era sinal de grande cultura o simples fato de saber reproduzir as ideias mais recentemente chegadas. A novidade supria o espírito de análise, a curiosidade supria a crítica. (COSTA, 1967, p.8).

Nesse período é preciso ressaltar que apenas alguns colégios que funcionavam no Brasil ofereciam esse ensino, voltado para uma classe específica, que era a elite colonial portuguesa na época. Com uma base alicerçada no cristianismo, e que mesmo durante séculos permaneceram com a mesma linha de pensamento. Não havendo interesse em abordar questões em torno das ciências modernas. A cultura filosófica naquele período passa a ser um mero comentário religioso baseado na fé cristã e, principalmente, na renovação da escolástica aristotélica.

O ensino jesuítico reafirmava a autoridade da igreja e dos clássicos, dessa forma freando o pensar livre, e controlando as informações que os alunos tinham acesso. Os padres jesuítas exerciam uma espécie de teocracismo, assumindo um monopólio do pensamento filosófico da época, afastando os estudantes do campo de contribuições do movimento científico.

A *Ratio Studiorum* foi, com certeza, a maior expressão do esforço de sistematização de um ensino, constituindo uma organização no seu plano de estudo. Direcionando o ensino superior à teologia e ao dogmatismo, que tinha como base, a procura de uma ortodoxia definida pelos próprios jesuítas e que levava a negação de textos de autores que se afastassem do princípio da autoridade que eram ideias reconhecidas na bíblia, por Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, um papa e até mesmo um santo.

No século seguinte, o século XVII, não houve avanços significativos em termos de contato com a Filosofia que florescia na Europa. Filósofos que se destacaram na época como Francis Bacon, René Descartes e John Locke, praticamente não foram estudados no Brasil naquele período.

O pensamento escolástico tomista permaneceu no Brasil até meados do século XVIII, depois da expulsão dos padres jesuítas por parte de Marquês de Pombal. Nesse momento

na escola do convento ou da catedral, depois na Universidade. Portanto, literalmente, E. significa filosofia da escola. Como as formas de ensino medieval eram duas (Jectio, que consistia no comentário de um texto, e disputatio, que consistia no exame de um problema através da discussão dos argumentos favoráveis e contrários), na E. a atividade literária assumiu predominantemente a forma de Comentários ou de coletâneas de questões.” (ABBAGNANO, 2000, p. 344).

de mudança, o aparato da fé cristã e as convicções tradicionais são fortemente criticadas por parte dos intelectuais.

A Filosofia passava a ser vista de uma forma mais abrangente esclarecedora, havendo uma ordem de liberação das obras esclarecidas, viabilizando a liberdade de leitura e pensamento. A Filosofia no Brasil, procurou ultrapassar a questão do escolasticismo visando uma proximidade com a ciência aplicada.

O Brasil, floresceu novamente saindo do dogma regrado da escolástica para um contato com uma Filosofia com questões mais aprofundadas, taxadas por muitos como questões seculares, isso no ponto de vista da escolástica. Contrariando o controle, as novas ideias filosóficas, e trazendo uma nova Filosofia para seus estudantes. O que podemos perceber também é que houve alguns equívocos, entre a substituição das escolas jesuítas, agora por aulas régias.

Logo, as medidas instituídas por Marquês de Pombal fizeram com que novas ideias circulassem no País por meio de estudantes formados no exterior, isso desencadeou a venda clandestina de panfletos. De maneira que houve uma manutenção de uma educação elitista e excludente. Se formos analisar que tipo de educação tínhamos no século XVIII, iremos perceber que uma das características marcantes seria o ensino desfocado, ou seja, desligado da realidade brasileira durante todo o império e posteriormente durante a república.

Não podemos negar que nesse período de secularização da Filosofia, isto é, de um contato com a Filosofia moderna da Europa, haverá um avanço em termos filosóficos, em relação ao período das escolas jesuítas no Brasil. Apesar do domínio, ou seja de um controle regrado sobre o ensino, havia algumas exceções, em que algumas classes como os intelectuais, professores e conhecedores de obras filosóficas, ensinavam disciplinas como ciências modernas, Filosofia e álgebra.

Inclusive, algumas congregações religiosas que permaneceram no Brasil mesmo depois da saída dos jesuítas, como a dos padres franciscanos, havia um interesse por parte deles, pelas contribuições no campo da ciência e da Filosofia de seu tempo. Diante disso, é preciso não esquecer a contribuição prestada pelos franciscanos, para o progresso do ensino de Filosofia no Brasil. Marquês de Pombal autoriza os padres franciscanos a estabelecerem no Rio de Janeiro uma cátedra de Filosofia.

Mesmo tendo sido um passo de grande valia para o ensino de Filosofia, as reformas do Marquês de Pombal não deixam de marcar, todavia, um retrocesso na educação brasileira. No Brasil, a partir do século XIX, a Filosofia começou a retomar o seu lugar de destaque, dessa

forma reacendia novamente um pensar filosófico entre uma pequena parcela da população brasileira.

Houve um avanço em termos de aceitação da disciplina de Filosofia nas matrizes curriculares de ensino, apesar dessa guinada o século XIX, predominou um intenso vaivém da disciplina de Filosofia, que ora se apresentava como disciplina obrigatória e ora como facultativa.

A corrente filosófica do Positivismo² foi a influência que teve maior repercussão no seio do pensamento brasileiro e na educação que aqui se ministrava naquele período. A razão fundamental desse fato está pautada na tradição cientificista que se iniciou com as reformas pombalinas, das quais houve uma estruturação de todo o sistema de ensino superior, em bases que privilegiavam a ciência aplicada.

Ao passo que, cansados do ensino da escolástica, as mentes mais abertas abraçaram com interesse o Positivismo. A propagação das ideias positivistas começava a ganhar adeptos nas escolas e notava-se o interesse pela ciência. A ciência era encarada como algo edificante para a humanidade, pois continha solução para todos os problemas levantados. O método positivista, buscava uma renovação dos padrões da nossa cultura e libertar a inteligência brasileira da tutela do dogma doutrinário eclesiástico.

Através de um ensino enciclopédico, o evolucionismo também deixou suas marcas na História da Educação Brasileira, pois estava ligado ao Positivismo. Ele acentuava a importância das ciências no pensamento europeu e nacional. Havendo de fato, uma negação da metafísica e uma afirmação de que todo o conhecimento está contido nas ciências positivas. Tanto o evolucionismo, como a corrente filosófica do positivismo, declarava que o homem pode apenas investigar o mundo dos fenômenos.

Nesse período, o Brasil passava por um processo de mudança social e econômica, ao ressaltarmos a criação dos cursos jurídicos superiores, especificamente em São Paulo e Recife. Esses cursos tinham como pré-requisito a disciplina de Filosofia obrigatória, para que os alunos ingressassem nos cursos superiores. Isso permitiu ao pensamento brasileiro compreender-se a si mesmo, superando o vício da Filosofia Apologética. Dessa forma, havia

² “(in. Positivism- fr. Pasitivisme, ai. Positivismus; it. Positivismo). Este termo foi empregado pela primeira vez por SaintSimon, para designar o método exato das ciências e sua extensão para a filosofia (De la religion Saint-Simoniennne, 1830, p. 3). Foi adotado por Augusto Comte para a sua filosofia e, graças a ele, passou a designar uma grande corrente filosófica que, na segunda metade do séc. XIX, teve numerosíssimas e variadas manifestações em todos os países do mundo ocidental. A característica do P. é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível.” (ABBAGNANO, 2000, p. 787).

um interesse de uma parte da elite naquele período em reforçar o caráter propedêutico³ de ensino dos cursos superiores no País.

As reformas em torno do ensino de Filosofia começaram no início do século XX, a preocupação com a busca de uma sociedade racional tornou-se meta prioritária da elite intelectual brasileira. A primeira reforma colocava a disciplina de Filosofia como disciplina optativa. Perdurando até a década de 1932, quando o então ministro da educação na época Francisco Campos reverteu esse quadro, tornando o ensino de Filosofia obrigatório. O ministro ganhará créditos também por ter atuado no Movimento Escola Nova, um movimento de extrema importância para o processo educacional brasileiro.

Vale ressaltar o processo tardio de industrialização que se iniciava no País, surgindo uma necessidade de melhoramento de alguns setores essenciais de funcionamento, sobretudo a educação, ou seja, uma melhora nos quadros de escolarização apresentava-se como algo primordial.

No mesmo século, ainda no vaivém da Filosofia como disciplina, houve uma reforma, que foi chamada de reforma Capanema, em 1942, essa reforma educacional dividiu o ensino em duas vertentes, em ginásial e colegial. Ao passo que o ensino colegial foi dividido em científico, dando ênfase no estudo de ciências, e clássico, que estava atrelado ao ensino de ciências humanas.

Nesse contexto, a Filosofia se constituiu como disciplina obrigatória em uma parte do ensino científico, e em uma parte do ensino clássico, com um programa de estudos bastante complexo. Porém, houve uma sequência de portarias que acabaram reduzindo o número de horas-aulas da disciplina.

Com a promulgação da nossa primeira lei de diretrizes e bases da educação, em 1961, na ocasião o ensino de Filosofia perdeu novamente a obrigatoriedade. Essa Lei n. 4024, foi o resultado de inúmeros debates e lutas ideológicas entre os educadores e políticos da época. A Filosofia dessa vez foi sugerida como disciplina complementar, no sistema federal de ensino.

No ano de 1964, com o golpe militar, a Filosofia foi excluída dos currículos escolares, tornando-se facultativa o seu ensino. Algumas disciplinas de ciências humanas como sociologia, história e geografia, também sofreram restrições. A educação estava, marcadamente, voltada ao serviço dos interesses políticos e econômicos, sendo notório o real abandono pela área de ciências humanas.

³“Ensino preparatório. Foi assim que Platão chamou o ensino das ciências especiais (aritmética, geometria, astronomia e música), relativamente à dialética (Rep., VII, 536 d). Ainda hoje se dá esse nome à parte introdutiva de uma ciência ou de um curso que sirva de preparação a outro curso.” (ABBAGNANO, 2000, p. 800).

No período da ditadura militar no Brasil, o ensino de Filosofia praticamente foi extinto pela Lei n. 5692, de 1971. Uma lei que reformulou o então chamado 1º e 2º graus e introduziu o ensino técnico profissional, sendo uma tendência na época, que partia dos ideais militares.

Uma das ideias dessa nova tendência, era adequar o ensino às exigências da sociedade industrial, visando um retorno de mão de obra para o mercado de trabalho. Isso dentro de um campo de uma racionalidade técnica, ou seja, que prevalecesse a lógica capitalista. Para implantar o projeto de educação proposto, o governo militarista não revogou a LDB de 1961, mas introduziu alterações e fez atualizações de maneira impositiva.

O ensino de Filosofia foi aos poucos desaparecendo nesse período, considerado como desnecessário às novas diretrizes dadas pelo sistema de educação. Sendo essa retirada, reflexo de um governo autoritário. Por sua vez, houve a criação de disciplinas para tentar suprir a área de ciências humanas, que foi a aglutinação de disciplinas que deu origem a moral e cívica no primeiro nível de ensino, e a outra disciplina também oriunda desse ajuntamento de disciplinas, que foi a organização social e política, que exercia uma clara intenção de doutrinação político.

Havendo diversas controvérsias, para alguns a extinção do ensino de Filosofia revelava a intenção dos militares de evitarem o desenvolvimento do pensamento crítico no País. O que percebemos é que quando o regime militar tornou-se mais rígido nas suas ações, esse momento caracterizou-se como um verdadeiro desprestígio com a Filosofia.

Muitos professores e intelectuais dos mais diversos campos do saber, foram cassados e exilados. Logo, foi notório a presença de perseguições contra os adeptos da Filosofia no Brasil. Outros interpretam que o ensino de Filosofia, reduziu-se a história da Filosofia, com ênfase na memorização, dessa forma não representando, nenhuma ameaça ao regime militar, ao passo que desempenhava um papel de submissão e nada de subversivo. Dentro do viés profissionalizante tecnicista, atendendo a demanda da lógica capitalista de mercado.

No ano 1971, com a lei n. 5692, a disciplina de Filosofia é expulsa por completo dos currículos de ensino, para somente no ano de 1986, voltar a ter a sua inclusão recomendada nos currículos escolares. O ensino da disciplina de Filosofia, no Brasil, revestiu-se sempre com a roupagem da alienação e do dogmatismo.

Todavia, o propósito de formar profissionais, não se concretizou. Havendo um retrocesso em relação ao ensino público, o sucateamento das instituições, as fragilidades e as limitações do currículo escolar contribuíram para esse momento negativo da educação.

Enquanto vivíamos um retrocesso na escola pública, as escolas de rede particular no País, encontraram meios de contornar a lei e oferecer um ensino de qualidade com os mesmos conteúdos oferecidos, visando desenvolver a criticidade e, portanto, a capacidade dos alunos pensarem por si mesmos, ou seja, dando a eles a liberdade de filosofar.

Com o final da ditadura militar e a redemocratização do país, conseqüentemente, despontaram para o ensino de filosofia novas teorias no campo filosófico. A disciplina foi aos poucos retornando aos currículos das escolas de maneira optativa. Sendo o começo de uma grande retomada, renovando a esperança de profissionais do magistério, alunos e entidades pela inserção do ensino da disciplina de Filosofia dentro da nova LDB que será promulgada.

Logo depois de um longo período de discussão, no âmbito da educação, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB 9394/96, e, na seqüência, em 1999, os Parâmetros Curriculares Nacionais, para a decepção de muitos, a disciplina de Filosofia foi apenas recomendada como conteúdo complementar aos Temas Transversais dos PCN's.

Um pouco antes da criação da nova LDB, 1997, dando continuidade aos anseios e angústias dos profissionais do magistério no Brasil, o deputado federal Padre Zimmermann apresentou um projeto de lei que tornava obrigatório o ensino de Filosofia e Sociologia no currículo do ensino médio. Sendo inclusive, o projeto aprovado no senado federal, em 2001, o projeto foi vetado pelo então presidente da época, Fernando Henrique Cardoso. Uma das alegações para o veto é que não dispomos de mão de obra qualificada em número suficiente para atender à demanda do projeto proposto.

Após décadas de lutas e resistência, intencionalmente a trajetória do ensino de Filosofia no Brasil, constata-se que o movimento pendular em prol da disciplina de Filosofia, no contexto educacional brasileiro, foi causado por razões políticas e ideológicas que inibiam o pensar crítico, e que, quando se defende a obrigatoriedade do retorno da disciplina no ensino médio, somos levados a pensar no filosofar, como uma necessidade na formação dos estudantes do nosso País.

Em 2008, houve um dos avanços mais significativos em torno do ensino de Filosofia, com a alteração do artigo 36 da LDB, que torna obrigatório o ensino de Filosofia e de Sociologia no currículo do ensino médio, por meio da Lei n. 11.684/2008.

Portanto, quando defendemos a obrigatoriedade do retorno da disciplina de Filosofia nos currículos escolares, despertamos, em cada cidadão, o desejo de pensar a realidade com criticidade e vislumbrar na totalidade os diferentes aspectos que a compõem a sua existência de uma maneira mais reflexiva.

2.2 Os desafios da disciplina de Filosofia no Brasil na atual conjuntura política

A educação é um desafio social, pois ela é um instrumento mobilizador que faz frente a alienação capitalista, quando ressaltamos os interesses sociais, políticos, ideológicos e econômicos, que coordenam as ações pedagógicas, percebemos o quanto somos fragilizados pelo domínio do capital.

O resultado desse domínio do capital, acabou deflagrando problemas que perduram há anos, como a má qualidade de vida, o sucateamento da educação pública, a crise de geração de empregos, aumento de desigualdade social, fome e outras mazelas sociais, onde as medidas tomadas para amenizar os problemas são apenas maquiagens para transparecer que algo está sendo feito.

Um exemplo dessa fragilidade está no ensino de Filosofia na educação básica, somos renegados em muitos momentos da história da nossa educação, isso por conta de interpretações políticas precipitadas que nos coloca no rol de inimigos de muitos modelos políticos adotados ao longo da nossa história.

O ensino de Filosofia em toda a educação básica, adequada aos níveis específicos, tem um papel insubstituível na formação dos estudantes, principalmente na realidade estrutural na qual o individualismo e a lógica do capital humano estão sendo fomentados como princípios básicos da vida social.

Nessa caminhada árdua, que é o ensino de Filosofia nos dias atuais, percebemos que precisamos evoluir muito ainda em termos estruturais, em investimentos massivos em material humano, que venham proporcionar uma boa formação acadêmica para os profissionais do magistério, investimentos em programas de educação continuada para que os profissionais de Filosofia e os demais profissionais da educação para que possam estar se aperfeiçoar ao longo da carreira. Isso numa perspectiva de uma mudança do atual cenário, que venha possibilitar um salto ontológico para a educação do nosso País.

A esperança e a crença em um futuro promissor têm alimentado o desejo de mudança no campo educacional, quando relacionamos com o ensino de Filosofia, percebemos o quanto essa situação tem se agravado nos últimos anos. Um dos desafios da atualidade na educação, está relacionado a construção de uma teoria educacional e pedagógica que seja consistente, que possa contribuir de forma significativa para o seu o crescimento.

Nesse caso, percebemos que o ensino de Filosofia tem sofrido algumas represálias, por conta da alegação de uma presença ideológica doutrinadora por parte da disciplina, isso é

reflexo de um senso comum que permeia toda a nossa sociedade, e que tem contribuído para que esse tipo de pensamento se propague.

Ao partirmos dos ideais teóricos da educação, para fundamentarmos as nossas colocações no campo de estudo do ensino de Filosofia, percebemos que a corrente filosófica marxiana pode nos ajudar nesse processo de enfrentamento e de reconhecimento da disciplina na matriz curricular.

A corrente filosófica marxiana é reconhecida como uma força teórica que influencia o campo educacional. A necessidade de um avanço no campo teórico, e dentro dele, de uma teoria da transição que seja consistente, alicerçada com base na referência marxiana para a educação, irá possibilitar uma série de avanços em termos de compreensão sobre as contribuições do ensino de Filosofia a partir das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras na formação dos estudantes no ensino médio.

O papel que a educação vem assumindo na sociedade capitalista, aponta caminhos tortuosos, embaçados e sem um direcionamento. Ao fazermos essa análise filosófica, podemos compreender o quanto isso pode afetar a formação de milhares de estudantes. Isso é reflexo da atual conjuntura política que estabelece alguns pontos estratégicos, por meio de ações paliativas que visam o enfraquecimento de uma política educacional contínua.

Dessa forma, para o alcance desse propósito, iremos recorrer aos estudos da ontologia marxiana, da qual a matriz determinante reside na compreensão da categoria filosófica da totalidade que envolve o conjunto das relações sociais. Esse estudo terá um direcionamento acerca do papel e das formas assumidas pela atividade de pesquisa educativa voltada para o campo da emancipação.

O estudo sobre as atividades de pesquisa educativas emancipadoras nas aulas de Filosofia no ensino médio irá fazer frente a essa inversão de valores no Brasil, que tem contribuído para o agravamento das questões educacionais, caracterizando um verdadeiro retrocesso em termos pedagógicos. A complexidade das relações sociais estabeleceu ao homem a possibilidade de criar outras atividades que tenham a função de mediar a reprodução social e que venha possibilitar um engajamento maior do homem na sociedade. As atividades educativas precisam estar pautadas no campo da emancipação humana no processo de consolidação da formação crítica.

Em primeiro lugar, são atividades que contribuem para que as pessoas compreendam o processo histórico, desde as suas origens e fundamentos até os dias atuais, de modo a que entendam que a realidade social é radicalmente histórica e social, isto é, que ela resulta apenas da atividade humana e não de potências divinas ou naturais. Um sólido compromisso com a emancipação humana supõe a convicção, racionalmente fundada,

de que a história é feita exclusiva e integralmente pelos homens. (TONET, 2014, p. 09).

A proposta apresentada das atividades educativas emancipadoras propõe uma ruptura com o modelo de educação capitalista, e é algo que se apresenta de forma indispensável, tendo em vista que a corrente marxiana se ocupou de uma forma direta da elaboração teórica no campo da educação, mas existem formas de repensarmos essas ações, um exemplo são atividades de pesquisa educativas emancipadoras para que possam ser executadas em prol da educação.

É preciso considerar que as questões educacionais podem variar de acordo com as necessidades de cada organização social. Nesse caso, devemos salientar o papel das atividades de pesquisas nas aulas de Filosofia no contexto atual. Até porque os nossos desafios são gigantescos. Assim, aumenta a nossa responsabilidade em sala de aula com os nossos alunos. Por isso, esse ensino precisa estar bem fundamentado, com questionamentos e reflexões dentro da nossa realidade.

No entanto, precisamos questionar o papel que as escolas vêm desenvolvendo no tocante a formação dos alunos, essa escola que impede a prática e o desenvolvimento de uma luta revolucionária e de certa forma acaba contribuindo de maneira significativa para o aumento da marginalidade que é produzida socialmente, ao invés de servir de instrumento de luta social da classe proletária em prol do desenvolvimento social e de uma elaboração teórica estratégica de combate a essa forma de controle social.

Essas lutas por mudanças no sistema de ensino são correlações de força, de luta pela emancipação humana, no sentido de uma disputa contra hegemônica. As atividades de pesquisa educativas emancipadoras com a perspectiva de ensino de Filosofia no interior das escolas irão fazer frente a discriminação e o rebaixamento do ensino das classes populares, propiciando uma popularização da Filosofia enquanto disciplina e priorizando uma qualidade no ensino e ao mesmo tempo uma democratização dos saberes, lutando contra o *apartheid* educacional que conseqüentemente gera uma desvalorização do ensino das classes populares.

O desejo de nos libertarmos de um ensino desfocado da realidade é algo que buscamos constantemente em nossa prática diária. Enquanto, profissionais da educação não podemos perder a essência de educadores, porém, precisamos facilitar a compreensão dos nossos alunos.

Quando indagamos aos colegas sobre esse posicionamento, temos que ter em mente, que deve haver uma ação em conjunto do professor e o aluno, para que o aluno possa compreender os assuntos abordados. Temos que entender, que facilitar nesse sentido é tornar o

pensar filosófico algo mais agradável, ou seja, mais próximo da sua realidade, sem perder a sua essência.

Num sentido amplo, a educação nasce quando o homem se constituiu como ser social. Com isso, deve haver uma aproximação entre a Filosofia e as teorias pedagógicas para a consolidação do processo educacional. Diante disso, devemos recorrer a essas teorias para termos um embasamento teórico maior, e conseqüentemente obtermos êxito no exercício docente. Para estruturar as nossas ações faz-se necessário uma superação dessa condição de negação que é imposta em torno do ensino de Filosofia no Brasil.

A ação dos professores é algo primordial, a práxis filosófica é um instrumento de mudança que alimenta as transformações, entrando também a questão da conscientização como outro fator fundamental nesse processo de mudança. A Filosofia precisa dessa ação para que a ruptura com a atual conjuntura aconteça, essa modificação depende diretamente de ações pontuais que estejam voltadas para um progresso em termos educacionais.

Para estruturar as atividades de pesquisa educativas emancipadoras nas aulas de Filosofia, recorreremos a pedagogia freireana, a partir do que é indicado como critério do método pedagógico de ensinar, que exige criticidade na sua execução:

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. (FREIRE, 1996, p. 34).

Freire, nessa colocação, tem um discurso de aproximação da obra de Adorno (1995) considerando que, dentre os teóricos marxianos, foi um dos que mais avançou na discussão da questão do ensino, para caracterizar as atividades de pesquisa educativas emancipadoras no momento culminante do processo educativo.

Estas indicações de aproximações de teorias, são inspiradas e construídas em consonância com os princípios teórico-práticos do materialismo histórico. Essa construção não é uma tarefa individual do ponto de vista pedagógico. Esse processo de construção precisa ter continuidade nas suas ações práticas, que tenham efetividade e que busquem algo sólido para que possa se propagar como forma de ensino.

E sobretudo que esteja consolidado como uma prática educacional, para que não ofusque ou venha restringir o que almejamos como meta, que seria uma quebra do modelo de educação capitalista que é proposto. Tendo em vista que a educação é um processo contínuo de formação dos saberes que requer tempo, assim podemos conceituar a educação como uma arma

social libertadora que servirá como forma de superação dos obstáculos existentes que são produzidos pelo sistema capitalista.

Os desafios enfrentados pelo ensino de Filosofia no Brasil, está associada a essa problemática educacional, ao passo que faz-se preciso identificar os erros que danificam as estruturas sociais do sistema educacional, para que haja uma mudança nos quadros sociais e conseqüentemente, a inserção de um modelo proposto com uma base formativa, por uma reflexão educacional, que possa constituir uma focalização política social.

Ao passo que a primeira mudança tem de partir do indivíduo para depois chegar às massas. Tendo em vista que essa gama de possibilidades de uma ruptura parte de uma visão ampliada da realidade com a perspectiva de uma educação emancipada que englobe as questões sociais.

As atividades de pesquisa educativas emancipadoras nas aulas de Filosofia surgem como uma alternativa que está pautada numa valorização dos estratos sociais menos privilegiados que seria o povo, adotando uma maneira consciente que está firmada em condutas que possam combater a reprodução da exploração diante da sociedade, sendo essa ação uma parte crucial no processo de emancipação do indivíduo social que necessita se desprender das amarras posta pelo sistema.

Nesse caso, o que é proposto a partir das atividades de pesquisa educativas emancipadoras está pautado numa educação voltada para beneficiar a grande massa popular, que possa atingir as camadas mais pobres.

O ideal dessa proposta diante dos problemas enfrentados pelo ensino de Filosofia, ou seja, pela educação como um todo. É que haja um desenvolvimento da estrutura educacional e a transformação contínua da realidade dos indivíduos sociais que usufruirão de uma educação pública de qualidade que esteja preocupada realmente com a formação humana e social, ou seja, uma formação para a vida.

O filósofo Adorno (1995), não abdicara da vinculação, necessária embora não automática, entre esclarecimento e liberdade, entre razão e emancipação. Dessa forma, ressaltando a Filosofia como princípio educativo da escola do nosso tempo:

A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado. (ADORNO, 1995, p. 27).

Dessa forma o capital tem um único sentido e objetivo que é a degradação humana da sociedade e conseqüentemente da educação. A crueldade dessa lógica gera um impacto

educacional que afeta diretamente milhares de estudantes no nosso País. Ao passo que, será preciso a elaboração de estratégias que estejam voltadas para a mudança desse cenário, já que não há condições para permanecer com o atual modelo de educação nem sair de imediato.

O problema estar na forma como o sistema capitalista se transformou em um problema de dominação, que impede o indivíduo de emancipar-se, outro problema é a reprodução que o sistema propõe, sendo uma determinação sistêmica da sua ordem.

O capital não pode ter outro objetivo que não sua própria auto reprodução, a qual tudo da natureza e todas as necessidades e aspirações humanas deve se subordinar gerando reflexos na educação, assim não há uma compreensão da história da sociedade e da educação sem realmente compreender o movimento do capital, tendo em vista que o capital e a sua reprodução não só procedem, mas também necessariamente sobrevivem do sistema capitalista.

A educação capitalista sustenta a ideologia burguesa, consolidando uma política de dominação, envolvendo a população desprovida de conhecimento com o intuito de controlá-los. Utilizando essa dominação para se beneficiar e ao mesmo tempo prejudicar a sociedade. Adorno (1995) propõe que o contrário de emancipação é a barbárie. Essa dominação capitalista que é imposta pelo sistema no âmbito da educação é resultado necessário e não acidental do processo de desenvolvimento do sistema.

Contudo, a possibilidade de uma ação contra o sistema capitalista é quase inexistente, mas devemos acreditar que será preciso efetivar as mudanças necessárias no momento oportuno para que haja uma ação conjunta dos profissionais de educação e o povo.

Podemos partir de ações como as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de Filosofia no ensino médio, nesse processo de resistência devemos priorizar os valores humanos e a área social, ou seja, desenvolvendo o indivíduo em todos os aspectos para uma melhor formação.

Nesse caso, que a valorização humana seja de fato a prioridade, assim como a difusão de conhecimentos, acesso à cultura e um ensino público de qualidade. Que determine um padrão de inteligência e esclarecimento para a população. Essa estrutura estabelecida, irá validar um avanço em termos de políticas educacionais.

A ruptura só será consolidada com a efetivação e a independência da educação, daí surge uma necessidade de algo mais consistente, dessa forma a prática das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras se apresenta como um mecanismo de autodefesa frente ao senso comum, que com os conteúdos irracionais disseminam desinformações.

Essas mediações são formidáveis para em seguida compreendermos a natureza do ensino de filosofia a partir das práticas educativas de pesquisas e sua função como complexo

social no desenvolvimento do ser social. Desde o início, a educação atua na universalização subjetiva dos conhecimentos, de forma a fornecer à reflexão humana com informações sobre as relações existentes.

Esse ensino de Filosofia com a perspectiva emancipatória deve estar presente nas atividades propostas nos terrenos da pedagogia, havendo necessidade de uma práxis educacional que estejam presentes nas escolas e que vá além dos muros das escolares, sendo preciso sair às ruas, abrir-se para o mundo e conseqüentemente romper com a lógica do capital.

Essa questão não se trata de qualquer formação aos estudantes, mas de uma formação que propicie inicialmente um conhecimento específico do ser social e da condição estrutural a que esse indivíduo está inserido, de possibilitar o acesso ao saber construído ao longo da história da humanidade, além de saber fazer a crítica a esse conhecimento que será imposto.

Um dos propósitos dessa metodologia é a construção de um modelo teórico onde o referencial seja o indivíduo enquanto ser humano, para que acima de tudo a prática docente não perca a sua essência. Ao passo que é preciso o papel da militância em prol da escola pública, sendo que essa mesma escola pública nos oferece chances concretas de libertação das amarras capitalistas a partir das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras.

Logo, a lógica capitalista, os problemas educacionais, políticos, econômicos e sociais não lhe interessam, sendo mais importante o individualismo, a concorrência e a sua própria sobrevivência, o que objetiva o lucro em cima da exploração daqueles que detém pouca educação. A manipulação faz com que o homem se sinta acomodado pela situação e acabe se acostumando com a realidade, isso contribui para a construção de uma hegemonia capitalista. Predominando uma característica marcante que é o controle social sobre a sociedade.

Sendo notório a falta de instrução e esclarecimento que é primordial para combater essa exploração ditada pelo sistema capitalista, que devemos de alguma forma tentar favorecer a sociedade como um todo com a superação dessa lógica que permeia no âmbito social.

Constatamos que na atual conjuntura é-nos impossibilitado realizar uma mudança por meio da educação que favoreça a o povo que é tido como a espinha dorsal da nação. Contudo, temos, ao menos, a oportunidade de edificar, sob todas as contradições já elencadas, consciências revolucionárias.

A nossa realidade educacional está cercada de uma negação, ou seja, de uma descrença nas atividades educativas de natureza pedagógica que proponha mudanças na nossa realidade. Na verdade, esse complexo de negação continuará reproduzindo e perpetuando o

capital, o que podemos realizar através dele são ações de cunho emancipatório que colaborem na articulação de luta frente ao capital.

Para evitarmos o desaparecimento da consciência histórica precisamos atribuímos o princípio da racionalidade, ao passo que as atividades de pesquisas educativas emancipadoras serviram para combater a falta de liberdade que é convertida em ideologia dominante. Contudo é possível utilizar a educação para articular as lutas sociais. A teoria educativa emancipatória voltada para o campo da Filosofia só será possível em sua sociedade livre, porém o desejo de mudança nos faz resistir frente a esse momento histórico.

A educação se manifesta como uma experiência vital, pois alimenta no homem o desejo de conhecer. Assim, as atividades de pesquisa educativas emancipadoras promovem esse direcionamento, pois desperta a criticidade nos alunos. Isso em um espaço político pedagógico que é a escola, que na concepção freiriana é um espaço de mudança social.

É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (FREIRE, 1996, p. 37).

O sujeito fundamental para a transformação dessa realidade são os professores, a ausência desses sujeitos nas lutas sociais impõe limites insuperáveis, uma vez que eles serão os sujeitos que conscientizaram o povo no processo de ruptura. Caberá então ao complexo educativo contribuir para essa tomada de consciência, visando um processo de transformação da sociedade.

Nesta tarefa complexa, o professor de Filosofia é catalisador na formação de subjetividades livres e autônomas. Todo o potencial teórico das atividades de pesquisas educativas emancipadoras contribui para que o professor desenvolva os seus estudos e práticas pedagógicas repensando nas formas de ser filósofo no ensino médio.

Nesse sentido, precisamos romper com a lógica do sistema capitalista, pois se continuarmos a reproduzir essa lógica e nos distanciarmos dos movimentos sociais e principalmente das ações de cunho revolucionário, iremos cair em contradição.

Essa preocupação com reprodução da lógica do capital é algo que deve ser repensado entre os educadores, haja vista que essa prática dificulta uma ação concreta das atividades educativas emancipadoras, sendo um desafio frente ao que é proposto pelo capital como forma de dominação e controle.

Nessa perspectiva, a alternativa que surge diante das situações proporcionadas pela exploração do homem é justamente a realização das atividades de pesquisas educativas emancipadoras nas aulas de filosofia, que deem ênfase aos trabalhos de base no interior das escolas, conscientizando através de ações participativas que possam ser executadas entre os professores e alunos.

2.3 A relação da escola pública com o ensino de Filosofia na educação básica

A relação da escola pública com a área de ciências humanas é sinônimo de resistência, especificamente com a disciplina de Filosofia atrelada a uma série de interpretações pré-estabelecidas na sociedade, entre as interpretações está o dilema que a Filosofia exerce na sociedade. Isso depende muito de como enxergamos o ensino de Filosofia no ensino público e qual o seu papel no processo de transformação social.

Esses questionamentos têm surpreendido bastante os profissionais do magistério da área de Filosofia, ao passo que a negação da disciplina tem agravado bastante a situação do ensino da disciplina na rede pública. Essa situação é fruto do sucateamento da educação pública no País.

O caos na educação pública do nosso País reflete muito na qualidade do ensino, sendo notório a falta de compromisso com a educação, que exerce um papel de suma importância na construção de uma sociedade democrática. A escola pública precisa se reerguer novamente, haja vista que nesse processo a educação não pode ser deixada para segundo plano. Precisando ser prioridade no processo de mudança, visto que o ensino de Filosofia será um dos mediadores dessa transição.

O reconhecimento de um ensino público de qualidade depende de algumas ações em conjunto dos órgãos que gerenciam a estrutura base da educação. A Filosofia entra como um elemento agregador, onde acrescenta um valor ao conhecimento no âmbito educacional. Essa valorização parte de um ensino voltado para uma conscientização do povo frente ao papel exercido pelo sistema capitalista.

Dessa forma, o que há de antemão por parte dessas ações que precisamos ressaltar? Neste caso, seria um processo de negação da coisa pública que vivenciamos por parte daqueles que usufruem desses serviços. A educação não fica atrás, porque somos cientes que isso faz parte de um projeto de uma envergadura maior, onde somos obrigados a reproduzirmos essa lógica que permeia a nossa realidade.

O ensino de Filosofia vivencia um momento crucial, ou seja, a própria educação como um todo passa por esse processo. Especificamente em relação ao ensino de Filosofia na educação básica com as mudanças propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens dos alunos. Um documento que não exclui a filosofia nem dá diretrizes rígidas para a sua configuração no Ensino Médio.

O futuro incerto da disciplina de Filosofia no currículo escolar tem despertado uma série de discussões em torno da permanência do ensino na unidade curricular das escolas, um ponto importante é a participação dos profissionais da área nessa discussão e o engajamento das escolas nessa luta de resistência. Esse diálogo precisa continuar e ganhar força, no sentido de ter a participação de pessoas para seguir nessa luta pela permanência do ensino de Filosofia como disciplina.

As atividades de pesquisa educativa emancipadoras é uma mostra do que representa a Filosofia no contexto escolar, já que essa atividade educativa favorece uma dinâmica nas aulas e ao mesmo tempo desconstrói os estereótipos de que a disciplina de Filosofia seria apenas mais uma disciplina no currículo escolar.

Essa desconstrução da realidade que é posta pelo sistema, impede de construirmos uma sociedade estruturada, daí a negação da disciplina de Filosofia como um fator crucial para a derrocada do pensamento crítico. Nesse processo de enfrentamento surge uma saída que fará frente a esse quadro emblemático que são as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de Filosofia, um instrumento de suma importância nesse processo de valorização da educação pública.

Eu diria que atualmente a educação tem muito mais a declarar acerca do comportamento do mundo do que intermediar para nós alguns modelos ideais preestabelecidos. Pois se não fosse por outro motivo, a simples e acelerada mudança da situação social bastaria para exigir dos indivíduos qualidades que podem ser designadas como capacitação à flexibilidade, ao comportamento emancipado e crítico. (ADORNO, 1995, p. 141).

Essa jornada propicia inicialmente bases imprescindíveis para o debate sobre a educação pública e o ensino de Filosofia nas escolas, a partir de um complexo fundado com embasamento ontológico a qual, remonta a sua formação de consciência. Mostrando que a educação é necessária porque atende a determinadas funções sociais que, ainda se mostram como ferramentas imprescindíveis à sua existência.

Ao constatarmos que seus reais fundamentos estão enraizados no mundo objetivo situado nos níveis históricos concretos da educação, percebemos que as atividades de pesquisa

educativas de cunho emancipador são mediações que se apresentam de maneira formidável para compreensão da natureza da educação, em sua função como complexo social no desenvolvimento do ser social.

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, por que não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. (ADORNO, 1995, p. 141).

Em função disso, podemos compreender que a educação em termos ontológicos situa o seu surgimento a partir das formas de ser precedentes, em outras palavras, da construção das capacidades subjetivas do homem que está diretamente ligada às ações objetivas.

Isso deve-se ao fato que o ensino de Filosofia pautado nas atividades de pesquisa educativas e emancipadoras está alicerçado em uma educação que liberta os indivíduos das amarras postas pelo sistema, despertando-os para uma formação crítica que se preocupe com a vida, ou seja, um ensino que prepare para além dos muros escolares.

Essa ruptura educacional tem o papel de frear o desenvolvimento da educação pública e ao mesmo tempo de legitimar o poder de uma estratificação social privilegiada, enquanto o outro lado da moeda fica à mercê de questões políticas que não resolvem nossos problemas. Daí a importância de termos o ensino de Filosofia nas escolas para que possamos fomentar o debate e trazer essas questões para o público de interesse. Precisamos sair dessas decisões de gabinetes e construirmos juntos uma mudança na nossa educação.

A Filosofia cumpre seu papel de proporcionar esse esclarecimento, assim como o ensino de Filosofia na educação básica, mesmo com toda uma problemática não podemos retroceder sabemos dos problemas na estrutura, o que as redes de ensino propõem no currículo, o que causa nessas poucas horas que são disponibilizadas, uma vez que não se prevê o mínimo da carga horária.

Didaticamente, também é questionável, mas sabemos do papel exercido pelo ensino de Filosofia na escola pública, o que ganhamos com tudo isso, dessa forma pode-se afirmar que a educação surge como expressão das capacidades humanas e da necessidade de domínio sobre a realidade. O ensino com o viés emancipador nas reuniões no contraturno com os alunos será uma forma de ler a realidade que os cercam e conseqüentemente uma contribuição para formação crítica.

Não podemos negar que temos o privilégio de ter o contato com um conhecimento de um valor inestimado como a Filosofia. O ensino de Filosofia atua na universalização

subjetiva dos conhecimentos, de forma a fornecer à reflexão humana com informações sobre as relações existentes, seus elementos e fenômenos históricos.

A reflexão humana é filosófica, no sentido de que a proximidade da Filosofia com a educação traz essa possibilidade de algo que esteja imerso numa realidade que é posta. Isso nos faz perceber o quanto a Filosofia é capaz de mediar e dar continuidade ao desenvolvimento do ser humano.

Ao que tudo indica, teremos novamente uma discussão acalorada. Concordo com o senhor; a ideia da emancipação, como parece inevitável com conceitos deste tipo, é ela própria ainda demasiada abstrata, além de encontrar-se relacionada a uma dialética. Esta precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional. (ADORNO, 1995, p. 143).

O ensino de Filosofia surge como uma condição de enfrentamento no processo de reprodução do capital. Para ampliar essa compreensão é preciso compreender que as salas de aula são locais de enfrentamento, nesse caso, faz-se necessário identificar o conjunto de atividades humanas voltadas para o campo da emancipação que faz-se presentes nos confrontos dos sujeitos entre si e destes com a objetividade, uma mediação entre os indivíduos e a sociedade.

O ensino de Filosofia será um guia nessa caminhada, ao passo que essa união deve esta pautada em prol de um bem comum a todos, que é a prioridade na qualidade do ensino e aprendizagem, isso alimenta o desejo de obtermos melhorias no tocante a educação, possibilitando um avanço significativo em relação ao ensino público.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. (ADORNO, 1995, p. 143).

É desafiadora a luta pela valorização da educação pública, no entanto, necessária para a livre reprodução social da humanidade pautada para além da base material fundamentada na propriedade privada dos meios de produção. Isso viabiliza uma mudança de consciência em relação à perspectiva de um ensino público que favoreça ao povo, dessa forma havendo um reconhecimento do campo educacional como um instrumento social capaz de mudar a realidade dos indivíduos.

Para aproximar-se do horizonte que se pretende conquistar, devemos compreender que essa relação entre o ensino de Filosofia e a educação pública faz-se necessário, pois essa união permite uma compreensão do nosso processo sócio-histórico. Havendo uma abertura

maior para o diálogo e conseqüentemente um ganho cultural de um saber refinado que é capaz de transformar radicalmente a sociedade.

Nesse sentido, a educação deve realizar escolhas edificadas em valores, que estejam ligados à questão da plena liberdade humana com objetivos traçados para o campo da emancipação. Esses valores estão presentes nas categorias filosóficas que serão abordadas como a categoria de ensino, aprendizagem, autonomia e esclarecimento. Que a meu ver são mediadores no processo de entendimento da real possibilidade da necessidade da superação do capital. Abrindo uma série de questionamentos em relação ao papel que a educação pública vem exercendo em meio a essa situação.

Sugiro neste ponto uma pequena reflexão histórica. A importância da educação em relação à realidade muda historicamente. Mas se ocorre o que eu assinali há pouco – que a realidade se tornou tão poderosa que se impõe desde o início aos homens –, de forma que este processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático. (ADORNO, 1995, p. 144).

Esse posicionamento que ataca ao ensino público se dá por conta das articulações que são impostas pelas estruturas de poder. Assim, isso acaba gerando uma desconfiança em relação à educação pública, sem haver uma defesa desse instrumento de luta social que modifica a nossa realidade.

O ensino de Filosofia, apesar de toda essa relevância, é mais um atributo dessa instituição transformadora de caráter pedagógico que é a escola pública, que está muito além de uma estrutura física defasada. O conhecimento da natureza do campo específico da educação é verdadeiramente o de produzir em cada indivíduo singular a humanidade, sendo esse papel um instrumento de resistência frente a situação da educação pública no nosso País.

Esta situação permite compreender os fundamentos para a construção de uma sociedade democrática, pautada nos princípios de uma formação cidadã e acima de tudo emancipada.

Certa feita, quando discorria acerca de educação política para jovens professores, mostrei por que acredito que quem deseja educar para a democracia precisa esclarecer com muita precisão as debilidades da mesma. Eis um exemplo de como nossa educação constitui necessariamente um procedimento dialético, por que só podemos viver a democracia e só podemos viver na democracia quando nos damos conta igualmente de seus defeitos e de suas vantagens. (ADORNO, 1995, p. 144).

Nesse caso, o ensino de Filosofia que se apresenta de forma dialética será um elemento que irá agregar os valores necessários para que haja essa mudança de consciência, que possibilite uma conscientização e ao mesmo tempo um esclarecimento para os estudantes.

Esse papel de construção de conscientização e de autonomia será exercido pelas atividades de pesquisas educativas emancipadoras no interior das salas de aula.

A Filosofia enquanto saber refinado dará essa nova visão de mundo aos discentes, ao passo que uma abertura para esse saber na educação básica trará pontos positivos. Tendo em vista que o ensino por meio das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras irá oportunizar aos estudantes um contato com uma cultura filosófica que objetive uma mudança através da educação, garantindo a centralidade no processo de transformação da sociedade.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 1996, p. 46).

A direção a ser tomada será pela via da educação em conjunto com o ensino de filosofia pautado nas atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, numa ampla produção e difusão do saber, de modo que sempre estejam articulados com a prática social.

Para que a essência do saber filosófico no campo da educação não se perca e venha enveredar-se para um caminho avesso ao campo de luta e de resistência da educação pública. Incluindo aí a questão do entendimento da realidade, ou seja, de esclarecimento de concepções de mundo, de valores que possam ser agregados, de comportamentos segundo a contribuição de cada educador, pois a efetiva mudança irá implicar também na apropriação do que há de mais avançado em termos de saber e de técnica.

Exigindo o domínio das questões que farão parte do enfrentamento, ou seja, da reafirmação da escola pública enquanto instituição social transformadora. Segundo Adorno (1995), a questão da adaptação não deve conduzir à perda da individualidade em um conformismo uniformizador. Nesse caso, sabemos da dificuldade que será enfrentada para nos libertarmos dessa forma de sistema educacional que sustenta a crença na eliminação dos indivíduos.

Sob fortes consequências, os nossos estudantes se defrontam com constantes desânimos, sendo induzidos a submeter-se sempre aos ditames daqueles que possuem o domínio sobre o conhecimento. Em uma dada circunstância, a falta de esclarecimento, se apresenta sempre de forma acidental e casual, acaba se naturalizando de forma negativa, silenciando os questionamentos, apenas prevalecendo uma aceitação das circunstâncias impostas.

É importante ressaltar que não será fácil articular esse enfrentamento diante de um sistema que freia as ações que coloca as lutas em xeque, negando a superação da ordem social estabelecida, especialmente inviabilizando as posições decisivas na estrutura produtiva, porque vivemos as consequências dessa cortina escura que é o senso comum que não permite o pensar filosófico.

Uma das formas de luta contra o desrespeito dos poderes públicos pela educação, de um lado, é a nossa recusa a transformar nossa atividade docente em puro bico, e de outro, a nossa rejeição a entendê-la e a exercê-la como prática efetiva de “tias e de tios”. (FREIRE, 1996, p. 75).

De fato, o que temos hoje é o total desaparecimento da perspectiva esclarecedora da sociedade, em consequência das variadas formas de organizações reformistas. Que mostram suas faces em meio a essa política de hostilidades diante de um bem precioso que é a educação pública.

O embate sempre acaba convergindo tudo para a intensificação do capital, o que de fato mostra a ausência de construção de uma sociabilidade que supere radicalmente essa lógica do capital que reproduz essas atrocidades que atingem de forma direta o sistema público de ensino.

Pretendemos atentar nossas ações para algo significativo no meio em que estamos inseridos, fornecendo informações, organizando e articulando forças para o fazer frente no interior das escolas públicas, com um conjunto de ações articuladas bem definidas, daí a importância do ensino de filosofia com o viés emancipador a partir das atividades de pesquisa, nesse processo de reafirmação da escola pública em meios aos anseios reais do contexto educacional.

O melhor ponto de partida para estas reflexões é a inconclusão do ser humano de que se tornou consciente. Como vimos, aí radica a nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas, mas também delas podemos ter um conhecimento cabal. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas. (FREIRE, 1996, p. 76).

Sabe-se que para tal pretensão o filosofar em sala de aula tem um papel imprescindível para mantermos esse desejo de mudança do atual cenário. As atividades de pesquisa educativas e emancipadoras irão construir essa ponte entre o ensino de filosofia e o papel de transformação social que a educação é capaz de fazer na vida dos nossos estudantes.

Escolarizar todos os homens era condição para converter os servos em cidadãos, era condição para que esses cidadãos participassem do processo político, e, participando do processo político, eles consolidariam a ordem democrática, democracia burguesa, é óbvio, mas o papel político da escola estava aí muito claro. A escola era proposta como condição para a consolidação da ordem democrática. (SAVIANI, 2008, p. 33).

É preciso ir além dessa proposta e reconhecer o fundamento real do problema enfrentado na educação pública. Por isso, há uma necessidade de sermos filósofos em sala de aula para compreendermos a nossa realidade. Nesse caso, conhecer a realidade da escola pública nos ajuda a ter um norte da situação em que vivemos e das mazelas que enfrentamos.

Essa educação deve resgatar radicalmente o caráter crítico do pensamento desenvolvido pelo ensino de Filosofia em sala de aula. Que está pautado apenas nas lutas de caráter defensivo, tirando genuinamente a especificidade ontológica da natureza ofensiva da luta pela liberdade de autonomia e esclarecimento dos nossos estudantes.

Sabe-se dos inúmeros obstáculos enfrentados nessa corrida de sobrevivência, um deles seria a falta de esclarecimento que é tido como um ponto crucial. Assim, ao situarmos a educação como um poderoso instrumento de contribuição para a transformação social da nossa realidade, passamos a perceber que o ensino de Filosofia entra nesse caso como um aliado em sala de aula, uma disciplina que é capaz de fazer brotar uma nova visão sobre o meio a qual estamos inseridos, ou seja, fazendo com que gere uma compreensão maior.

[...] no lugar da emancipação, encontramos um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia. Por isso, a preocupação que se apresenta não está restrita à emancipação do educando, mas também à formação do educador, enquanto são ambos sujeitos do processo ensino aprendizagem numa proposta de desenvolvimento da autonomia e da cidadania. (ADORNO, 1995, p. 175).

Diante de tais propostas pedagógicas, passamos a entender essa relação de proximidade da educação com o ensino de Filosofia, uma ação em conjunto que garante o acesso de um conhecimento valoroso aos nossos estudantes e aos profissionais do magistério. Isso permite que o povo tome consciência da realidade e volte a assumir o protagonismo no processo de transformação radical da sociedade.

Uma ação mais pontual na escola, deve surtir efeito através de um ensino sólido e direcionado para o diálogo, onde as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras venham possibilitar uma abertura maior e apropriação dos espaços oportunizados. É necessário compreender que ao tratar a educação enquanto elemento fundador das formas de sociabilidade

humana, sempre haverá um lugar de destaque para que a educação forneça aos indivíduos um horizonte a ser seguido.

A situação é paradoxal. Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem algo de quimérico e de ideológico. A única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo, para voltar mais uma vez à adaptação, colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde isto é inevitável, e em qualquer hipótese confrontar a consciência desleixada. Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador de resistência. (ADORNO, 1995, p. 144).

Partindo de um posicionamento mais crítico, voltado para uma formação consciente que aponte para a necessidade de lutar sem perder de vista o objetivo inicial e final. Inicial por ser preciso entender que essa luta só tem sentido se partir da superação da ignorância dos homens, e final se partir da necessidade de consumir a verdadeira humanização propiciada pela educação.

Neste sentido, uma das mais importantes esferas secundárias de mediação é, pois, a educação, a qual, indispensável à passagem do ser individual, singular, ao ser social, coletivo. Buscando, dentro dos limites possíveis, aprofundar, clarear e alargar todos os aspectos essenciais a construção desse horizonte de conhecimento, capaz de superar essa situação a qual enfrentamos no contexto educacional.

Evidentemente a isto correspondente uma instituição escolar em cuja estruturação não se perpetuem as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna praticamente possível o desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseada numa oferta diversificada ao extremo. (ADORNO, 1995, p. 170).

A filosofia será um norte nesse processo, em que as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras farão parte dessa empreitada. Fazendo com que o estudante consiga ser sujeito da sua própria história.

Esse embate entre a educação e o sistema, é fruto de uma necessidade, ou seja, de uma carência de esclarecimento e de autonomia que impede o desenvolvimento intelectual que subjagam e rebaixam aquele que não tem conhecimento sobre a realidade. Isso parte de um ponto importantíssimo que é a educação no seu sentido real, diferentemente dessa formalidade que é feita nas escolas, que não preparam para o mercado de trabalho e nem esclarecem, no sentido de ter consciência sobre seu papel no meio social.

Esse papel de apreensão do pensar filosófico é fundamental no ensino de Filosofia, ou seja, trata-se de uma contribuição para que a educação seja um caminho que nos leve para a

autonomia e o esclarecimento. Essa é uma experiência de caráter formativo, que contribui para a humanização dos homens.

O desenvolvimento de práticas pedagógicas como as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, a partir de um planejamento traçado, que promovam uma organicidade dos estudantes e conseqüentemente gere um envolvimento maior da comunidade escolar. Essa organicidade, como problema pedagógico, deve relacionar-se com a questão do domínio do saber, à sensibilidade e à capacidade dos educandos de aprenderem em diálogo.

Nessa perspectiva, uma das alternativas que surge diante das situações geradas no contexto atual, é justamente a realização das atividades de pesquisa no interior das escolas, com a participação massiva dos alunos, professores e de toda comunidade escolar.

Portanto, é impossível o desenvolvimento da condição humana quando as pessoas sobrevivem sem terem uma noção mínima da realidade social. Assim, há uma necessidade da sociedade de esclarecer-se, por meio da educação como um instrumento de luta social, que está ancorado com o ensino de Filosofia a partir das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, com o intuito de reverter esse momento a qual resulta a forma desumanizada do homem.

3 A EMANCIPAÇÃO NO PROCESSO EDUCACIONAL

Neste capítulo abordamos as contribuições da Filosofia marxiana para o ensino de Filosofia na educação básica, analisando a prática docente do professor de Filosofia tocando na questão da desvalorização dos profissionais e no sucateamento do ensino público. Analisamos o conceito de emancipação humana na concepção do filósofo Adorno e a educação como mediação para chegarmos à emancipação humana.

3.1 As contribuições da Filosofia marxiana para o ensino de Filosofia na educação básica

O ensino de Filosofia no nível médio é um exercício muito difícil no campo educacional, pois a sala de aula da escola pública é um campo de atuação bastante complexo e cheio de inquietações. Nossos olhares sempre se voltam para a figura do professor, um ser que exerce uma tarefa nobre no dia a dia e que contribui muito com os seus ensinamentos.

Na prática, o magistério vive ainda mergulhado em um sistema educacional desestruturado que dificulta o profissional de exercer seu trabalho com qualidade. Essa realidade tem início com a desvalorização dos profissionais e com o sucateamento do ensino público, isso parte dos órgãos que gerenciam o setor educacional. Logo, o sistema impede o desenvolvimento produzindo barreiras e dificultando o exercício da profissão.

O ensino de Filosofia em sala de aula, irá reforçar a luta e a resistência por melhorias para a classe trabalhadora. Dessa forma, podemos ressaltar a necessidade em relação a formação política do professor e conseqüentemente do aluno, uma carência que causa uma certa apatia, ou seja, aversão ao campo político. Nesse caso, a Filosofia irá quebrar esse estigma que é posto de uma maneira tendenciosa para frear os movimentos de luta contra a opressão capitalista, mesmo com todo esse cenário adverso no campo educacional.

Ao analisarmos a educação pública, especificamente a partir do ensino de Filosofia, passamos a perceber as suas deficiências estruturais, o que de certa forma é gritante, mas, apesar de toda a problemática, mesmo com todas as carências, esse ensino ainda continua sendo o alicerce da nossa educação.

Ainda podemos reverter esse quadro emblemático, pois o ensino de Filosofia pode contribuir para um esclarecimento em torno da realidade. Isso requer uma ação em conjunto dos profissionais do magistério e dos milhares de estudantes. Esse desejo de união tem como objetivo uma ação prática para obtermos uma melhoria no tocante à educação e aos demais setores do País.

Esse momento de crise estrutural do capital que vivenciamos precisa ser superado, a educação segundo Mészáros (2008) “é a ponta do iceberg” de todo esse processo árduo que vivemos, sendo que toda essa situação passa despercebida pela grande massa que é o povo, pois, a alienação, que é uma ferramenta muito importante no processo de desconstrução da realidade, e é usada para silenciar a população. Daí a importância da Filosofia em sala de aula a partir das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, esse saber refinado e eficaz precisa fazer parte da formação educacional.

Como dito anteriormente, a Filosofia é um elemento muito forte e agrega valores que são importantíssimos para o sentimento de mudança. Vale a pena ressaltar que todo esse papel é exercido em sala de aula, um ambiente propício ao aprendizado e, logo em seguida, vai além dos muros escolares.

A Filosofia contribui para uma mudança de discurso e esse processo ideológico deve estar pautado em ideais de luta contra o imediatismo criado pelo senso comum, que a meu ver nos faz reféns e que muitas vezes nos usa como fantoches para beneficiar a conjuntura política que está no poder.

Para que essa desconstrução aconteça, faz-se necessário o ensino que possibilite aos nossos estudantes deleitarem-se nessas discussões do campo político, econômico e social. É evidente que não se pode carregar sozinho esse fardo histórico, pois fica impossível a realização de um trabalho por parte do docente, em que os problemas se agravam por conta das estruturas danificadas por um sistema educacional corroído pelas mazelas sociais que foram criadas ao longo do tempo.

Isso inviabiliza modificações nos quadros educacionais, acarretando sérios problemas que impossibilitam o ensino e a aprendizagem. Então, qual seria a saída? Como podemos enxergar um futuro promissor no cenário educacional?

O ensino de Filosofia em sala de aula nos dará essa resposta, uma vez que promove uma compreensão maior do todo. Por isso propomos as atividades de pesquisa voltada para o campo da emancipação. Esse repensar parte de um desejo de superação, no qual predomina uma expressão de universalismo que não nos potencializa como seres humanos, ou seja, indivíduos esclarecidos, pois segundo Marx (1983) “não é a consciência dos homens que determina o ser, mas o ser social que determina a sua consciência.”.

No entanto, a Filosofia marxiana está preocupada com a formação crítica e política dos nossos estudantes, um ensino que não está preocupado em formar apenas para o mercado de trabalho, mas sim uma formação para a vida.

Um dos problemas fundamentais da educação do ponto de vista filosófico, está na nossa caminhada diária no magistério, quando somos expostos a uma realidade de salas de aula lotadas, em que somos movidos por vontades e ações morais que, às vezes, ultrapassam o sentido pedagógico e enveredamos realmente para o campo filosófico. Muitos questionamentos e teorias, porém, não resolvemos quase nada. Somos reféns de nós mesmos no magistério.

Nas aulas de Filosofia no ensino médio sempre haverá espaço para o pensar filosófico em sala de aula, pois nossos alunos conseguem compreender suas angústias e inquietações ao filosofarem sobre a sua realidade. Como não filosofar sobre a nossa realidade, aquilo que está sendo posto e que nos instiga a pensar e refletir sobre o meio no qual estamos inseridos?

O sentido de ensinar Filosofia está em transmitir, reinventar e explorar as mais diversas fontes do saber, sendo que é necessário aprender a pensar, ou seja, é filosofando sobre a realidade que o homem irá tornar-se prudente, no sentido de assumir um lugar na sociedade e transformar-se em um indivíduo livre.

Segundo Mészáros (2008), “A educação para além do capital visa a uma ordem social qualitativamente diferente”. Assim, reitera-se a ideia de que o homem precisa dessa liberdade do ponto de vista filosófico e que esse processo se situa fora das instituições educacionais formais, isso porque existe a manipulação, que visa um controle de imediato. Porém, essa concepção dominante precisa ser superada.

Essas falhas no sistema educacional são fruto de uma educação alienada que não tem preocupação alguma com o processo de formação humana, ao passo que predomina uma mera educação bancária⁴ quantitativa, que adota uma postura que dissemina uma ideologia escolar como preparação mínima para o mercado de trabalho.

O que é mais preocupante ainda é a falta de formação ética e cidadã no contexto educacional, pois esse tipo de formação é enxergado apenas como mais uma deficiência da educação pública, uma educação que não forma para o trabalho e muito menos para a vida. Por esse motivo, o ensino de Filosofia pode servir como uma resposta a esse momento de total abandono da educação pública.

⁴ “Esta concepção ‘bancária’ implica, além dos interesses já referidos, em outros aspectos que envolvem sua falsa visão dos homens. Aspectos ora explicitado, ora não, em sua prática. Sugere uma dicotomia inexistente homem-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como ‘corpos conscientes’.” (FREIRE, 2005, p. 40).

Por isso, recorro a Marx no final do século XIX, para demonstrar o quanto o sistema capitalista contribui para o empobrecimento do trabalhador, isso ocorre também no campo educacional, na situação da educação pública do País e no papel que os nossos educadores estão exercendo a partir das suas práticas pedagógicas. No tocante a reprodução da lógica do capital, isso acaba dificultando uma formação crítica dos nossos estudantes que ingressaram no mundo do trabalho.

A ignorância é a mãe da indústria, como da superstição. A reflexão e a imaginação estão sujeitas ao erro; mas o hábito de movimentar o pé ou a mão não depende nem de uma nem da outra. As manufaturas prosperam, portanto, mais onde mais se dispensa o espírito, de modo que a oficina pode ser considerada como uma máquina cujas partes são seres humanos. (MARX, 1983, p. 284).

A categoria marxiana do trabalho irá desempenhar um papel de suma importância nessa leitura, já que iremos analisar como se estabeleceu esse retrocesso da educação básica no País do ponto vista filosófico, que impede o povo que é a espinha dorsal da nação, de se desenvolver e de ter uma compreensão maior sobre a realidade. Percebemos que podemos transformar o meio do qual fazemos parte, pois a nossa situação não nos permite ficar de braços cruzados.

Dessa forma, a massa de manobra alienada caracterizada por aqueles que não são esclarecidos fica à mercê, permanecendo uma situação mais fácil de corrompê-los e controlá-los ideologicamente.

Isso reflete na grande massa populacional, sendo necessário incluir também uma parte dos profissionais do magistério que exercem seus papéis por meio de submissão, posição que causa uma deformação e que contribui para o abandono, o descaso e o desmantelamento da educação básica.

Dessa forma, será preciso rever a questão do processo de formação escolar dos estudantes, já que a mudança deve partir de nós mesmos, esse estigma de uma educação capenga e desfavorável é fruto de uma formação alienada que nega as possibilidades de nos desenvolvermos humanamente.

A Filosofia com a prática das atividades de pesquisa, irá quebrar com todo esse cenário ideológico conservador que impõe e dissemina um discurso moralista e excludente, dando ênfase realmente na conscientização política, na formação humana do homem e no estabelecimento de questões pontuais em relação à sobrevivência da humanidade.

A nossa sujeição voluntária ao sistema nos impede de construirmos um pensar verdadeiramente filosófico, pois nossos alunos precisam de uma atenção maior. Ainda podemos

salvá-los do mal que o mundo lhes oferece e precisamos apenas de boa vontade e de ações consistentes, ou seja, algo que lhes sejam agradáveis e atraentes.

Haja vista que existem dois polos importantíssimos no ensino de Filosofia, que apresentam uma relevância enorme. Primeiro, o estudante precisa aceitar o processo de formação voluntariamente, e segundo o professor precisa estar bem instruído para as adversidades que farão parte do processo educacional, permanecendo a lógica marxiana.

Na concepção de Mészáros (2008), “para que o educador eduque é preciso se educar primeiro”. Dessa forma o filósofo húngaro, oferece-nos uma reflexão densa e crítica sobre os limites e os equívocos das visões liberais e utópico-liberais da educação, o que nos conduz a uma visão emancipatória, pois, faz uma análise da educação no âmbito geral. Já Marx, apresenta-se como um filósofo além do seu tempo e que com a elaboração dos seus escritos, revolucionou todo pensamento filosófico do século XIX e XX.

Marx escreve textos relacionados de forma indireta à educação, sendo que as referências sobre essas questões aparecem separadas ao longo de sua obra, mesmo assim com seus escritos despertou o interesse de muitos teóricos da educação, entre eles podemos destacar o filósofo Adorno.

Essa perspectiva de uma nova realidade tem como um dos pilares base os escritos de Marx. A construção de uma frente ideológica que esteja pautada em ações práticas e pontuais de enfrentamento diante da lógica capitalista. Assim,

O homem é um ser genérico não somente quando prática e teoricamente faz do gênero, tanto do seu próprio quanto do restante das coisas, o seu objeto, mas também – e isto é somente uma outra expressão da mesma coisa – quando se relaciona consigo mesmo com o gênero vivo, presente, quando se relaciona consigo mesmo com um ser universal e por isso livre. (MARX, 2010, p. 84).

Marx, descreve com maestria como vem se consolidando a hegemonia do sistema capitalista no mundo. Um sistema que podemos descrever como desumano, crítico, cruel e avassalador, que transforma o homem em um ser alienado, dominado e manipulado com toda essa realidade que é imposta.

Cabe aos professores exercer o seu papel em sala de aula, pois a superação dessa situação emblemática no campo educacional exige muito do magistério, o aparato teórico é de suma importância, porém a atuação no chão da escola fará uma diferença enorme. Precisamos ser filósofos na prática, para que o magistério mesmo com essas condições desfavoráveis possa contribuir para a educação do nosso País.

Logo, os problemas educacionais, políticos, econômicos e sociais não têm interesse algum segundo a lógica capitalista, sendo mais importante o individualismo e a sua própria sobrevivência humana, a necessidade de sobreviver associada à concorrência e à venda do bem mais precioso que é a sua força de trabalho. Assim, objetiva-se o lucro do capitalista em cima da exploração da mão de obra barata alheia ao sistema, cujo perfil é marcado pela falta de qualificação.

Sendo notória a falta de instrução e esclarecimento da grande massa que é o povo, afirma-se que é primordial para combater essa exploração ditada pelo sistema, um ensino que favoreça a sociedade como um todo, dando a possibilidade de obtermos mudanças programadas e articuladas que objetivem um desprendimento das amarras postas.

O ensino de Filosofia com viés emancipador, neste contexto, surge como perspectiva de mudança e de esclarecimento para o trabalhador, a preocupação não é só com a formação dos nossos estudantes, pois temos que perceber que os trabalhadores estão, a cada dia, exercendo os seus trabalhos diários em condições insalubres e desumanas, sendo fruto dessa exploração sem escrúpulos posta pelo sistema.

Para que haja uma melhora nos quadros sociais e educacionais, precisamos agir através de ações educativas que possam edificar e realizar o “conhecer e conscientizar”, porém, para que esse fenômeno aconteça é necessário que o conhecer, não seja de qualquer maneira e que se apresente como um requisito imprescindível para o aprofundamento desse conhecimento, incluindo dentro de si condições para a aproximação do objetivo, que é adquirir e se apropriar dos conhecimentos já produzidos pela humanidade.

Assim, a formação social de cada indivíduo singular está pautada na aproximação de novos conhecimentos e no contato com um ensino de Filosofia que busque uma formação para a vida, que tenha uma preocupação em formar os indivíduos em todos os aspectos.

A educação é um campo em que as disparidades estão presentes, os problemas são vigentes, haja vista que só teremos mudanças a partir de uma formação de consciência. Esse papel de formação de consciência quem irá exercer será o professor através do ensino da filosofia voltado para o campo da emancipação.

O descaso no ensino público é reflexo das barbaridades que a nossa educação vem passando nos últimos anos, essa relação da alienação com a educação tem como função retardar as políticas públicas ligadas ao setor, ao passo que uma mudança nesse cenário depende de uma tomada de consciência da real situação. Sendo assim, faz-se necessário analisar e discutir medidas cruciais para uma alteração dessa conjuntura.

Quando falamos em educação, temos que ter em mente que se trata de algo obrigatório e de livre acesso e torna-se evidente que o ensino de Filosofia irá contribuir para que haja uma mudança, ou seja, uma evolução a partir de uma postura crítica diante dos excessos do sistema capitalista em relação à educação.

No contexto educacional, a necessidade de termos uma postura eficiente é essencial, que seja voltada para uma práxis, que possa fazer frente à necessidade histórica. É um caminho a ser percorrido muito árduo, pois é preciso toda uma transformação social-econômica para atingirmos um estágio de superação de toda a desigualdade social que foi constituída pelo sistema.

Essa tarefa da educação, especificamente do ensino de Filosofia, visa realmente mudanças neste cenário atual, para que assim possamos fazer um ensino que possa atender às necessidades e às deficiências de cada um. Essa estruturação cabe à Filosofia no interior das salas de aula organizar com as atividades de pesquisa educativa, havendo um preparo intelectual, tendo como foco uma modificação.

Temos como peça fundamental nessa luta, o professor, que por meio dos seus ensinamentos, consegue fazer frente e resistir à opressão do sistema. Enquanto a alienação prepara seu terreno na sociedade, o ensino de Filosofia no interior das salas de aula tenta desconstruir o que é posto como verdades inquestionáveis, esse dilema percorre todo o processo de formação educacional.

Essa desvalorização parte dos órgãos que gerenciam o setor educacional produzindo barreiras e dificultando o agir que é essencial no processo educativo. Costumeiramente, nos deparamos com a realidade do sistema público de ensino que para alguns causa espanto, porém é uma problemática que tem percorrido décadas, sendo que a cada década o sucateamento tem se tornado um complexo. Claro que os investimentos são poucos e que ainda temos muito para conquistar, mas tudo dentro de uma perspectiva transparente da nossa prática pedagógica.

Para não regredirmos, teremos que repensar sobre as políticas públicas ligadas à educação, para que a mesmice não permaneça e o fracasso seja extinto deste processo de transformação social. O avanço será concluído com a formação de consciência política por meio do ensino de Filosofia a partir da metodologia desenvolvida, trará uma reestruturação radical no cenário da educação.

A prioridade do ensino de Filosofia com atividade de pesquisa educativas e emancipadoras tem como justificativa, um avanço e uma contribuição frente às necessidades que a nosso ver são históricas, pois a educação irá combater e extinguir as mazelas sociais.

As formas de planejamento pautadas a partir de uma execução de atividades voltadas para o meio educacional se apresentam como necessidades, já que ao falarmos em mudanças, temos que ter em mente que estas são um processo lento que requer tempo, pois acreditamos que o ensino de Filosofia, enquanto prática educacional é uma das únicas estruturas funcionais capaz de salvar a humanidade.

A educação seria uma das saídas para logarmos êxito, mesmo sendo diagnosticadas também várias irregularidades nas unidades escolares, mas apesar disso não podemos desacreditar desse espaço político pedagógico.

Para confrontarmos essa realidade devemos dar ênfase priorizando um sistema de ensino alternativo, que esteja voltado à disposição do povo desconstruindo aquela imagem até então posta de que é uma atividade nobre e que deve ser restrita a um determinado público.

Esse projeto de ensino de Filosofia está alicerçado em uma formalidade, com uma abordagem de uma prática educacional voltada para o campo da formação política e com uma concepção de transformação da realidade vigente através do viés marxiano. A construção de um sistema unificado que universalize a educação e que esteja fundamentado com base filosóficas. Uma educação que favoreça o povo, ou seja, os estratos sociais menos privilegiados, dessa forma mantendo as condições necessárias para uma educação que atenda as massas.

É evidente que essa reestruturação está pautada na necessidade do indivíduo de compreender a realidade no sentido de estar inserido no meio social, mas não perceber aquela ação desumanizante, por falta de esclarecimento. Uma educação voltada para a massa com um ensino voltado para atividades educativas emancipadoras será a base estratégica de sustentação para a superação da alienação capitalista.

Educação popular igual? Que se entende por isto? Acredita-se que na sociedade atual (que é a de que se trata), a educação pode ser igual para todas as classes? O que se exige é que também as classes altas sejam obrigadas pela força a conformar-se com a modesta educação dada pela escola pública, a única compatível com a situação econômica, não só do operário assalariado, mas também do camponês? (MARX, 2012, p. 37).

Assim, na educação básica um ensino de qualidade terá a função social de estruturar a nação com um planejamento centralizado no progresso do povo, organizando e conduzindo para um processo de ascensão política e social, ao passo que a fundamentação das ideias de Marx irá alcançar todas as classes, favorecendo um avanço e uma mudança significativa.

O desafio deste trabalho é proporcionar, por meio do ensino de filosofia, um ensino que favoreça o povo, que esteja preocupado com a formação de consciência política, com os valores humanos e com uma educação que atinja as massas. O ensino de filosofia na educação

básica irá nos ajudar, pois contribuirá para o processo de obtenção de conhecimentos que é um mecanismo de perpetuação dos saberes.

A liberdade que a Filosofia possibilita na educação básica irá contribuir para um processo de transformação social, que requer um esforço e aceitação de toda a comunidade escolar. Ao passo que, faz-se preciso uma reavaliação dos conceitos postos pela sociedade que reproduzem a lógica capitalista.

O papel dado à Filosofia na educação básica é bem claro: desalienar o povo que é refém do sistema e procurar desconstruir os discursos midiáticos que são reproduzidos pelos capitalistas.

A forma como a sociedade atual vive é uma situação preocupante, pois a população é escrava do consumo de uma forma que o “ter” material supera o “ser” condição social. Isso engloba quase todas as classes sociais existentes, massacrando e difundindo uma ideia que põe o povo numa condição miserável.

Uma das saídas dessas amarras do sistema será o ensino de Filosofia a partir das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras na educação básica, um ensino que esteja para além do capital de uma forma responsável com um planejamento que tenha o propósito de melhorar as condições sociais.

A solução irá partir de uma tomada de consciência do povo, que será um importante instrumento de luta nesse processo de retomada do progresso, sendo preciso resgatar a sua autonomia para que possam lidar com os problemas sociais existentes. Tendo em vista que o atual contexto priva o homem da sua real necessidade que é o conhecimento, dificultando o desenvolvimento da sociedade e estabelecendo normas, regimentos a serem seguidos.

Além disso, a implantação da atividade de pesquisa abordada na educação básica irá contribuir para o esclarecimento das massas, pois dará ao homem conhecimento e isso irá refletir nas áreas que subjagam a sociedade. Dessa forma, devemos estar cientes que a filosofia na educação básica se apresenta como uma força capaz de guiar o povo no processo de transformação social. Consolidando uma mudança estrutural que dê ênfase realmente na qualidade de ensino e que esteja completamente à disposição do povo.

3.2 O conceito de emancipação humana na concepção do filósofo Adorno

As críticas feitas por Adorno ao processo pedagógico implantado nos modelos de educação são consequências do reconhecimento da capacidade que a educação tem de transformar as relações sociais e agregar valores na formação social dos homens.

Uma sociedade emancipada é caracterizada como uma solução histórica e prática para as contradições subjetivas e objetivas provocadas pelas condições sociais da sociedade capitalista, sendo, portanto, um estágio necessário para o desenvolvimento das potencialidades humanas.

Nesse sentido, essa relação entre a educação e a questão da emancipação humana se fundamenta na sociedade visando o desenvolvimento e o progresso histórico. A educação é uma alavanca social capaz de mudar a realidade, ou seja, fazer com que os sonhos se tornem possíveis.

É sob esta conjuntura que o debate em torno da questão da emancipação através da educação foi sendo incorporado na sociedade, uma vez que a categoria da emancipação humana o identifica como uma área fecunda para a defesa dos direitos educacionais e garantias individuais e coletivas.

No entanto, à superação destes obstáculos que se opõem à emancipação humana se apresentam como uma necessidade, nesse caso, faz-se necessário uma ação coletiva, que esteja pautada na liberdade como autodeterminação no sentido de que ações planejadas irá consistir em uma mudança social, objetivando melhorias que possibilitem um bem está na sociedade.

Neste sentido, é necessário a indagação teórica acerca da complexa temática da emancipação humana na visão de Adorno. Aqui, busca-se abordar a educação de forma crítica, buscando captar seu significado social na conjuntura atual, apreendendo suas possibilidades e limites no contexto da sociedade capitalista.

Contudo, o que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrado no complexo pedagógico, é que mesmo na literatura pedagógica não se encontra está tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, como seria de se pressupor o que constitui algo verdadeiramente assustador e muito nítido. (ADORNO, 1995, p. 172).

O filósofo Adorno, deixa claro a sua vontade de fazer com que haja um projeto de libertação dos indivíduos com uma amplitude humanística da educação. Nesse ponto Adorno aborda a questão da emancipação humana como uma forma de desprendimento da realidade. Que esse elemento contribua para a formação de consciência crítica e permita que o indivíduo compreenda as contradições da coletividade. Dessa forma ampliando a sua visão de mundo e consequentemente evoluindo enquanto ser humano.

O pensamento de Adorno, possui um caráter verdadeiramente emancipatório e libertador, fundamentalmente oposto às formas de domínio exercidas pela burguesia. Este pensamento emancipador fundamenta-se na análise de sua época em torno do significado do

ser humano e das condições sociais que possibilitaram a realização plena das potencialidades humanas.

A educação considerada ideal nos modelos atuais, a partir de uma perspectiva dentro de uma limitação que é posta e condicionada a uma realidade nada promissora, Adorno prega um projeto pedagógico direcionado para a formação social, que consiga libertar os homens da opressão e da massificação que é engolfada pela classe dominante.

Eu queria chegar justamente neste ponto. Creio que a questão da emancipação é a rigor um problema mundial. Estive durante algumas semanas visitando escolas da União Soviética. Foi muito interessante ver como num país que há muito tempo realizou a transformação das relações de produção mudou extraordinariamente pouco em termos de não educar as crianças para a emancipação e que nessas escolas persista dominando um estilo totalmente autoritário de educar. (ADORNO, 1995, p. 174).

O caminho para que haja essa superação está centrado justamente na formação do indivíduo culto, com conhecimentos científicos, humanos e artísticos, preparando-os para uma vivência democrática. Acreditamos que a cultura da sociedade capitalista impõe um mecanismo de construção de uma sociedade que nega a capacidade crítica dos indivíduos que simplesmente vivem imersos a uma realidade que é incompreensível, por conta da falta de cultura e conhecimento.

Nesse caso, percebemos a ideia de falsa consciência que é disseminada pelas estruturas de poder que ditam as regras desse jogo de interesses alimentando essa carência vigente na sociedade. A emancipação está atrelada a uma realidade diferente da que existe, ao passo que a negação da realidade é aplicada como forma de desinformação, gerando o processo de massificação e de adaptação cega à uma ordem pré-estabelecida pelo sistema.

Uma vez que a mudança só irá ocorrer a partir do momento que o indivíduo venha desenvolver a capacidade de pensar e agir por conta própria, ou seja, quando houver esse salto ontológico de esclarecimento da realidade, estaremos libertos e prontos para vivermos numa sociedade democrática.

A emancipação, na perspectiva do filósofo Adorno, não se refere apenas ao indivíduo como entidade isolada, mas fundamentalmente como um ser social engajado na sociedade. O envolvimento do indivíduo com as questões culturais dará uma possibilidade de obter um entendimento maior sobre as questões sociais, dando um embasamento teórico necessário para a compreensão da realidade.

Acreditamos que a educação irá suprir essas necessidades a qual enfrentamos, e que os mesmos elementos históricos que influenciaram os grandes conflitos do passado que nos assombram com as suas atrocidades, que ainda perduram em nossa sociedade devem ser

combatidos prontamente, e a melhor forma para isso é direcionar a educação no sentido amplo de estabelecer ao indivíduo uma autorreflexão sobre si e sobre suas ações, demonstrando sua importância numa coletividade para um bem comum.

Isto porque não se trata de uma análise da educação como fato social, mas da explicitação das condições lógicas de possibilidade de toda e qualquer educação para toda e qualquer sociedade de toda e qualquer época ou lugar. Trata-se de uma teoria axiomática que se desdobra dedutivamente dos princípios universais para os enunciados analíticos de suas consequências particulares. (SAVIANI, 2008, p. 14).

A humanização da sociedade irá acontecer através da emancipação, porém, isso só pode acontecer se for por um processo em conjunto, já que a mudança individual não provocaria uma mudança social. A educação deve contribuir, portanto, para o processo de emancipação, contribuindo para criar condições em que os indivíduos, socialmente, conquistem o esclarecimento e a autonomia.

As finalidades humanas direcionadas para o campo da emancipação, se constituem em uma espécie de bem comum, que só pode ser alcançado mediante ao uso de nosso esclarecimento, alcançado a partir de uma autonomia, que não se dá através de um mergulho profundo no terreno da técnica, mas sim com o bom uso de nossa razão, sobretudo, observando o que é necessário para superar essa problemática.

A educação é a alternativa dada para nos emanciparmos enquanto indivíduos, como uma forma de combater a barbárie capitalista diante desse cenário a qual enfrentamos, toda vez que essa tem por objetivo frear o nosso desenvolvimento e negar a nossa capacidade de construir a nossa própria história, ou seja, retirar a nossa possibilidade de resistir em meio aos obstáculos que são postos pelo capitalismo.

O que é proposto pelo filósofo Adorno é que não podemos agir com passividade diante de situações a qual somos expostos, não podemos eliminar o que temos como progresso social, mas devemos mostrar como não chegar nessas situações e como progredir socialmente sem perdemos, talvez, o que temos de mais nobre que é a nossa autonomia que está em risco pelo mal-uso de nosso esclarecimento.

Nesse ponto o filósofo Adorno, enfatiza a questão de como devemos nos preparar para esse enfrentamento que faz parte do nosso cotidiano, que nos atinge de forma direta, até porque o sistema objetiva isso como algo traçado, dessa forma precisamos estar atentos ao que pode nos acontecer.

A realidade é que emancipação no processo educacional irá aniquilar as possibilidades de barbárie existente, o que podemos salientar como algo positivo em meio a

essa problemática o que nos deixa calmo, porém, ao mesmo tempo apreensivo, fazendo com que as indagações sejam feitas diante do tal cenário. Qual seria a maneira de chegarmos a esse estágio em uma sociedade individualista, onde a concorrência impera?

Nesse caso, precisamos passar por um processo de desconstrução da realidade, ou seja, algo que permita um posicionamento crítico e uma formação humanística e cultural para todos, sem deixar ninguém de fora desse processo educacional.

Mas quero acrescentar ainda algo mais específico, já que o senhor apontou a questão da autoridade: algo que se relaciona ao processo de socialização na primeira infância, e por esta via eu diria que se refere como que ao ponto de confluência das categorias sociais, pedagógicas e psicológicas. O modo pelo qual – falando psicologicamente – nos convertemos em um ser humano autônomo, e, portanto, emancipado, não reside simplesmente no protesto contra qualquer tipo de autoridade. (ADORNO, 1995, p. 176).

Nesse ponto específico faz-se necessário uma compreensão de mundo para aqueles que irão estar à frente desse processo, exigindo um nível de qualificação, ou seja, uma aptidão para a reflexão. Essa situação se apresenta de forma paradoxal, já que a educação está ligada à emancipação humana dos homens, assim para alcançar a emancipação na perspectiva do filósofo Adorno é necessário impulsionar as atividades emancipadoras que serão trabalhadas em direção a essa ruptura.

A resistência nesse caso passa a ser sinônimo de luta frente ao sistema capitalista, o que também deve permanecer para dar continuidade no processo de emancipação humana deve ser a produção de uma consciência verdadeira.

Então há uma prioridade para que a emancipação possa se concretizar, que seria o esclarecimento da consciência, isso garante uma visão de mundo e um entendimento da realidade. Por mais abrangente que isso pareça, a emancipação na visão de Adorno precisa estar pautada em medidas educacionais, que estejam alicerçadas num planejamento de conteúdos direcionados para a luta, a partir de uma identificação das incapacidades humanas, que possam ser destruídos todo e qualquer tipo de caráter autoritário.

Assim, precisamos repudiar qualquer sentimento que alimente um caráter manipulador e que faça frente à barbárie capitalista e ao pensamento de superioridade diante dos menos favorecidos, ou seja dos desprestigiados perante a sociedade.

A educação irá guiar esse processo de compreensão do conceito de emancipação na perspectiva do filósofo Adorno, uma educação que precisa ter um sentido único e ao mesmo tempo reflexivo para que possa direcionar suas ações.

Sim, certamente este também é um momento significativo. Sem assumir a pretensão de julgar obrigatoriamente a respeito desse setor específico de acrescentar que a emancipação precisa ser acompanhada de uma certa firmeza do eu, da unidade combinada do eu, tal como formada no modelo do indivíduo burguês. (ADORNO, 1995, p. 180).

Esse processo autorreflexivo tem contribuído de forma significativa para a questão que é tida como chave nessa discussão que seria a sobrevivência da humanidade como um pressuposto imediato capaz de propor a superação desse estado de alienação, e ao mesmo tempo uma forma de resolver diretamente os empecilhos que giram em torno da emancipação.

Adorno, coloca como um ponto importantíssimo para combater essas mazelas que são expostas perante a sociedade, um elemento capaz de contribuir para a superação desse estado de coisificação do homem. Essa ferramenta seria os meios de comunicação de massa, claro que esses instrumentos precisam estar condicionados com os fins educacionais.

O que existe de fato é uma tendência do filósofo em propor uma espécie de função formativa da televisão. Já que esse veículo de informação tem prejudicado a formação crítica das pessoas, que para o filósofo deveria fazer um caminho inverso. Adorno, não se apresenta contra a televisão em si, para ele o problema maior está na forma como essa ferramenta é utilizada na sociedade, com um viés ideológico disseminando uma falsa consciência e conseqüentemente um ocultamento da realidade.

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeras canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. (ADORNO, 1995, p. 181).

Assim, agindo de forma ideológica ao invés de caminhar em direção ao esclarecimento e autonomia dos indivíduos, dessa forma acaba dificultando a emancipação. Nessa luta incessante entre o senso comum e a instituição moral, existe uma defesa, no tocante a uma programação qualificada nas redes de tv, ou seja, algo que seja de cunho educativo na tv aberta e que esteja voltada para as minorias.

Para que a consciência coisificada pelo senso comum não ponha a couraça oculta e venha impedir o indivíduo de se emancipar. Quando nos libertamos do imediatismo do senso comum, nos desprendemos das relações naturais e passamos a reconhecer a ciência como procedimento entre si própria e a experiência viva.

Esse desenvolvimento histórico irá permitir um posicionamento extraterritorial em relação à formação cultural de cada indivíduo singular. O que tem amenizado a rudeza da

linguagem e uma compreensão do conhecimento humano enquanto processo de transformação histórica.

Sim, este é um risco muito grave. Creio que nestes termos chegamos propriamente ao ponto crítico de nossa discussão. No ensaio que citei no início, referente à pergunta “vivemos atualmente em uma época esclarecida” Kant respondeu: “Não, mas certamente em uma época de esclarecimento”. Nestes termos ele determinou a emancipação de modo inteiramente consequente, não como uma categoria estática, mas como uma categoria dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser. (ADORNO, 1995, p. 181).

O ensino de Filosofia e os atributos que proporcionam esse potencial de resistência que leva a emancipação, tem trabalhado em prol desse primeiro passo de conscientização que almeja despertar de forma natural uma autoconsciência crítica, quebrando as barreiras que ligam o exagero midiático aos questionamentos em torno da verdade.

A propaganda tem manipulado bastante nosso ideário social, ao passo que isso acaba freando o nosso saber verdadeiro. Uma das medidas tomadas como forma de clarear as nuvens do senso comum, seria despertar a consciência crítica dos indivíduos, ao passo que o combate daquilo que entendemos como delírio social precisa ser revisto e incluído na pauta de enfrentamento.

Um dos fatores primordiais nesse processo de emancipação será estabelecer como prioridade a quebra do autoritarismo, um experimento bárbaro que tem provocado diversos problemas e que tem o propósito de dominação, identificando-se como uma estrutura de poder capaz de frear o desenvolvimento da humanidade.

Se não quisermos aplicar a palavra “emancipação” num sentido meramente retórico, ele próprio tão vazio como o discurso dos compromissos que as outras senhorias empunham frente à emancipação, então por certo é preciso começar a ver efetivamente as enormes dificuldades que se opõem à emancipação nesta organização do mundo. (ADORNO, 1995, p. 181).

A ausência de emancipação na sociedade acaba sendo convertida em ideologia dominante, ganhando espaços como forma de controle social. Fazendo com que o sentimento impeça a consciência, desaparecendo uma parte da história por conta da irracionalidade. O problema maior é que sociedade capitalista irá converter desinformação em informação. Esse processo é fruto de um resultado que vem gerando fraqueza frente aos processos sociais inconscientes.

A educação se apresenta como um dos princípios base que garante a sobrevivência da humanidade, esse instrumento de luta garante uma compreensão das questões que estão ligadas ao campo da emancipação. O homem que é uma peça-chave nesse dilema não consegue

se humanizar por conta da racionalização instrumental centralizada. A emancipação por meio de uma educação crítica e subversiva irá possibilitar esse processo catártico.

A negação desse quadro de dominação que mapeia a nossa sociedade é fruto de um processo de superação da manipulação e da dominação política. Em prol de uma ação em conjunto que fará frente à repressão e a uniformização da sociedade. Existe uma racionalidade por trás da manipulação das massas, esse projeto está encabeçado por uma estrutura de dominação que está vinculado a sociedade capitalista e o seu processo de reprodução.

Com o que ainda ficamos sem saber se esses filmes desvendados dessa maneira exercem mesmo assim, com base em motivações subjacentes muito bem conhecidas ao senhor, um poder de atração considerável, de modo que talvez a indústria cinematográfica acabe inclinada a considerar esse desvendamento uma espécie de propaganda, em vez de opor-se de cara ao mesmo. (ADORNO, 1995, p. 184).

Para tanto, existe uma lógica de dominação que simboliza o controle e a disseminação de uma política conformista, com conteúdo irracionais, esse propósito almejado, garante um domínio sobre a sociedade, por meio de mecanismos dinâmicos que estão ligados ao processo produtivo.

A emancipação na concepção adorniana, não abdicara da vinculação necessária entre educação, esclarecimento, autonomia e liberdade. Essa junção levará o indivíduo ao progresso emancipatório, gerando um contato maior com a cultura e conseqüentemente com um conhecimento mais seguro.

Por outro lado, reconhecer o avanço da emancipação humana por meio do processo educacional será o ponto central, já que através de um espaço de organização e de luta das classes oprimidas como a escola pública podemos continuar resistindo, um espaço importantíssimo para combater essas desigualdades que assolam o nosso sistema público de ensino.

Imaginemos por um instante fazer tudo o que dissemos aqui: teríamos uma instituição escolar diferenciada em que a amplitude das ofertas produz as motivações de aprendizado correspondentes, em que não ocorre a seleção conforme falsos conceitos de talento, mas sim uma promoção nos termos da superação dos obstáculos sociais correspondentes por meio de uma educação compensatória e assim por diante e, por esta via, poderíamos esclarecer por assim dizer, determinados pressupostos básicos para emancipação, e na formação profissional seriam feitas coisas semelhantes. (ADORNO, 1995, p. 184).

Nesse caso, temos que compreender que a educação por mais que esteja interligada a questão emancipadora, ela não é necessariamente um fator que irá levar o indivíduo a essa experiência formativa, porém se apresenta como um dos fatores imprescindíveis.

Havendo uma necessidade de uma crítica permanente para que possamos analisar a questão da formação social dos indivíduos para obtermos uma compreensão mais efetiva. A emancipação, aparece como uma forma plena de desenvolvimento do ser humano, este desenvolvimento é moralmente afirmado, pois, não se trata de um desenvolvimento histórico ininterrupto.

A emancipação, é uma ascensão do mundo humano e das relações humanas. A questão emancipatória está relacionada à promoção do ser humano a membro da sociedade, pois essa questão em destaque depende das condições de superação da cisão do ser humano com o contexto da sociedade capitalista.

Para Adorno, a emancipação é na realidade uma experiência formativa que constitui uma reflexão humana educacional que está pautada em uma política social, direcionada para o coletivo de forma democrática. Até porque uma sociedade de emancipados só será possível através de uma educação para contestação e para a resistência.

A educação mesmo não sendo um fator primordial na emancipação, segundo Adorno, ela irá exercer no papel de guiar a sociedade nesse caminho, através de um pensamento mais humanístico, que possa sanar os questionamentos em torno das angústias que giram em torno das questões educacionais, porém, chega um momento que as explicações já não satisfazem, ou seja, não convencem, aí percebemos que a mudança acaba sendo algo indiscutível em meio a esse cenário.

A alienação tem freado a emancipação, no sentido de manipular os indivíduos, daí a educação fazer parte desse processo de desconstrução. O controle das massas faz com que a sociedade capitalista consiga lograr êxito, porém, a adequação dessa situação está cada vez mais provocando a ilusão nos homens de que a naturalização da exploração dos indivíduos é algo que pertence ao campo da normalidade.

A educação é um elemento que se modifica, quando se trata de manipulação, na medida em que ao mesmo tempo retira a possibilidade de ter um conhecimento mais seguro e livre das amarras postas pelo sistema. Ao passo que a educação voltada para uma questão de formação mais crítica é diferente quando analisamos desse ponto de vista e comparamos essas duas situações.

Nesse caso, a educação se apresenta como um processo formativo que está pautado em algo direcionado para os educandos e para os educadores, haja vista que a emancipação nesse sentido deve ser uma forma de enfrentamento e superação da lógica do capital.

Enfim, para Adorno a luta que deve permanecer será pela emancipação, ou seja, por uma revolução social. Objetivando uma representatividade do magistério, já que eles exercem

um papel de suma importância nesse processo. Devemos buscar a emancipação humana, vislumbrando a possibilidade e a necessidade de uma mudança, tendo em vista a substituição da sociabilidade capitalista por uma sociedade emancipada.

3.3 A educação como mediação para a Emancipação humana

A educação é um processo duradouro de integração e de ganho cultural que contribui para a formação social e humanística do ser humano enquanto pessoa. Isso mostra o quanto a aproximação de uma educação com a emancipação eleva o grau de consciência dos indivíduos.

É necessário pensar a questão da emancipação em sua essência, nesse caso um diálogo efetivo entre a teoria e a prática educativa deve ser mantido e mediado para construção de uma unidade que favoreça as possibilidades reais para execução desse projeto maior na sociedade que é a emancipação humana.

Na concepção de Kant (1999) “O homem é a única criatura que precisa ser educada”, dessa forma, o que o filósofo expõe como algo significativo é que o princípio racional do homem é o esclarecimento direcionado para as boas ações, a qual não está pautada na igualdade, mas na equidade no seu sentido real.

A emancipação humana está direcionada para um esclarecimento, tendo um papel importante na abertura do processo educacional frente à barbárie capitalista, a saída mais eficaz é aprender que a consciência deve prevalecer para que permaneça o desejo de mudança, essa modificação da sociedade, tem que estar pautada numa transição que requer um processo lento que irá precisar de tempo, mas que resultará nos efeitos necessários, haja vista que esse é um dos caminhos traçados para obtermos progresso no campo educacional.

É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. (ADORNO, 1995, p. 121).

Adorno (1995) retoma essa problemática da emancipação e relaciona com a educação. Segundo o autor, a proposta kantiana de esclarecimento permanece ainda válida, pois é fundamental tendo em vista que a construção de um sujeito racional e livre é condição de possibilidade de uma sociedade democrática.

A proposta de esclarecimento seria neste caso uma saída para elaboração de um propósito de superação da concepção idealista e individualista de emancipação e uma ampliação

do entendimento, a fim de construir em comunidade um conhecimento objetivo que supere a reprodução da lógica capitalista.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objectivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (ADORNO, 1985, p. 5).

Ao passo que, Adorno (1995) faz críticas à capacidade que os homens têm em não enfrentar os problemas de frente, da forma como aconteceram. Ao mesmo tempo que há uma negação desses problemas, isso abre precedente para que o perigo retorne.

Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. (ADORNO, 1995, p. 121).

A emancipação humana é o único estágio da sociedade em que se permite a construção de uma coletividade, onde todos poderão ter acesso às objetivações que constituem o nosso conhecimento. A experiência proporcionada pela emancipação é um processo educativo e reflexivo mediado de forma objetiva em prol do desenvolvimento da sociedade.

Em uma sociedade emancipada, a finalidade educacional dos homens será direcionada por eles. Isso não significa a inexistência de problemas e, que tudo será superado, haja vista que as contradições permanecem no mundo dos homens. Isso é resultado de um processo de manipulação e de dominação na sociedade capitalista.

Percebe-se que em todas as relações humanas existem complexidades. Entretanto, com esse estágio conquistado no campo educacional, isso dará liberdade e autonomia de determinar o processo social e ainda o seu livre desenvolvimento. A emancipação humana deve ser considerada como a maior conquista histórica que a humanidade poderá realizar para combater as mazelas que a sociedade enfrenta.

Assim, notamos que será inviável uma mudança individual na sociedade. Neste caso, sabemos da importância dos indivíduos numa adesão em massa, a fim de unir forças para mudar essa realidade. Sendo preciso identificar a barbárie na sociedade para que o medo do passado seja superado. Isso nos faz pensarmos de que forma podemos enfrentar esse inimigo que nos afeta? Até quando ele vai continuar existindo? Esses questionamentos são essenciais para mantermos um diálogo sobre a nossa real situação.

E para tentar evitar esse medo do passado para que não haja um agravamento da situação no presente e no futuro, faz-se preciso conscientizar os homens dessas amarras que conduzem à barbárie. Uma dessas saídas seria uma educação contra a barbárie capitalista, sendo uma necessidade a desbarbarização como uma das questões mais urgentes, pois o homem necessita da educação para chegar à emancipação humana.

O nosso inimigo, fazendo uma alusão ao sistema capitalista, no seu interior demonstra problemas de estruturação que o impedem de continuar se expandindo com a sua lógica de dominação. Dessa forma o problema parece ter um antídoto, porém precisamos continuar lutando para que a mudança se concretize.

O ensino de Filosofia nesse processo será de suma importância, pois o seu papel de esclarecer e conscientizar terão uma atribuição de grande valor. Vale ressaltar também que os homens precisam se livrar do passado para que tenhamos a oportunidade de superarmos esse sentimento de culpa e de medo que assola.

Esta questão central para mim é decisiva; é a isto que me refiro com a função do esclarecimento, e de maneira nenhuma à conversão de todos os homens em seres inofensivos e passivos. Ao contrário: esta passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma da barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo. (ADORNO, 1995, p. 164).

Ao considerarmos as possibilidades históricas, a natureza do ser social e a sua consciência, faz-se preciso o desenvolvimento social dos indivíduos a partir desse processo educacional que é proposto através das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de filosofia no ensino médio, que por sua vez, só se desenvolve nesse processo de enfrentamento do sistema.

A emancipação humana tem um valor histórico e social que é determinado por situações conjunturais que sempre se envolvem em disputas entre quem deseja a emancipação e quem promove as condições para que este desejo apareça. A verdade é que os indivíduos percebem a emancipação humana de várias formas. No campo educacional isso é percebido quando há um rompimento com a lógica do capital.

Essa ação parte no campo educacional como uma forma de defesa contra o inimigo que se apresenta de forma camuflada, que pode, porém, nos trazer riscos. O educador nesse caso em sala de aula é um intermediário entre os conteúdos repassados e a práxis filosófica de esclarecimento, isso de forma bem articulada para que possamos transmitir um conhecimento mais concreto e aprofundado, que possa gerar questionamentos e reflexões.

Daí, ressaltamos a importância da elaboração de um planejamento prévio e de um replanejamento que são necessários para a dinâmica do que será executado em sala de aula. Porém, todo engajamento pressupõe persistência frente aos obstáculos encontrados.

Os planejamentos traçados para obtermos uma educação emancipada e conseqüentemente uma sociedade emancipada, estão pautados na execução de atividades emancipadoras, no caso da educação, estão voltadas para o campo de ensino de Filosofia no nível médio, com o viés marxiano. Essa ação no âmbito educacional irá ser alicerçada com fundamentos filosóficos capazes de contribuir para ações pedagógicas que sejam adequadas ao ensino de filosofia na educação básica.

Evidentemente a isto corresponde uma instituição escolar em cuja estruturação não se perpetuem as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna praticamente possível o desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseado numa oferta diversificada ao extremo. (ADORNO, 1995, p. 170).

A educação seria uma das saídas para logarmos êxito mesmo sendo diagnosticado também várias irregularidades nas unidades escolares, porém, não devemos desacreditar desse espaço político pedagógico. Tendo em vista que cabe aos educadores, no caso os professores de Filosofia em sala aula, proporem algo que esteja pautado nessa temática da emancipação, visando autonomia e o esclarecimento dos alunos.

A produção de uma consciência verdadeira é de suma importância para a formação política dos nossos estudantes. Haja vista que uma democracia para existir e funcionar, precisa estar dentro dos pressupostos da emancipação humana. Havendo uma necessidade sem precedentes de uma compreensão da realidade por parte dos cidadãos.

Ao ressaltar a função social da educação frente ao capital, permitimos aos indivíduos a apropriação dos conhecimentos, habilidades e valores necessários para se tornarem livres. Dentro dos limites possíveis, percebemos que o espaço político pedagógico que é a escola, tem um papel importantíssimo para alcançar tal perspectiva de luta e resistência da educação.

Para confrontarmos essa realidade de um ensino desfocado, devemos dar ênfase a ações que estejam voltadas para a libertação do povo, no sentido de uma superação do senso comum. Que seja desconstruída aquela imagem posta de que a educação é uma atividade nobre e que deve ser restrita a um determinado público, que seria nesse caso a população com alto poder aquisitivo.

Segundo Tonet (2012), a emancipação humana na educação não é um estágio, ou o início de um projeto estabelecido, mas um determinado momento, que determina a forma de sociabilidade em que os homens alcançarão para chegar à liberdade possível para adquirir conhecimentos.

A proposta educacional emancipadora deve estar alicerçada em uma aproximação com a prática pedagógica, com a concepção de uma abordagem transformadora da realidade como um todo. O que vemos em Marx (2010), quando ele deixa claro que a emancipação humana, nada mais é do que um outro nome ao comunismo. É o que fundamenta a posição de Marx, quando afirma que os homens é que fazem sua história.

O propósito do ensino de Filosofia pautado na emancipação, é possibilitar uma igualdade social, étnica e econômica. Que nos garanta uma valorização do ensino público, que priorize um reconhecimento dos profissionais do magistério, dessa forma unificaremos um ensino, que universalize a educação, que dê ênfase aos estratos sociais menos privilegiados com políticas educacionais que mantenham as condições necessárias para que o povo tenha acesso um ensino de qualidade.

Quando falamos em ensino de qualidade, notamos a importância que é dada a questão da emancipação. Haja vista que a emancipação exerce um papel importante na formação social e educacional dos nossos estudantes. É evidente que essa reestruturação do quadro educacional deve-se uma maior atenção à questão do ensino que é proposto pelo sistema capitalista.

É importante ressaltar que os conteúdos trabalhados devem ser contextualizados com a atualidade, dessa forma desenvolvendo um ensino voltado para as questões mais próximas da nossa realidade, sendo entrelaçados o saber filosófico e vice e versa. Partindo de uma educação crítica é tendencialmente subversiva para chegar ao nosso propósito que é a emancipação.

O importante é estabelecer e dar continuidade nessa relação, já que esse papel de apreensão do pensar é fundamental no ensino de Filosofia no nível médio, visto que a educação construirá, ou seja, edificará esse novo homem que será constituído. Sendo preciso tornar conscientes neles os mecanismos que provocam neles próprios essa vontade de prosseguir com essa autoconsciência crítica que se apresenta como um saber preciso e incisivo.

A necessidade da emancipação do aluno, a partir do ensino de filosofia com a utilização das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, dá-se com uma mudança de concepção da realidade, ou seja, um progresso frente a atual conjuntura. Isso a partir de uma compreensão do processo sócio-histórico a qual nossos alunos amargam uma experiência

frustrante, por conta do ensino desfocado da realidade. No entanto, estes apenas devem superar as mediações que impedem a percepção de que sua história é fruto da ação humana.

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma. (ADORNO, 1995, p. 181).

Esse problema advém de uma falta, ou seja, do não entendimento da realidade social, no sentido de estar inserido em um contexto, porém não há de forma alguma um posicionamento frente a real situação, por conta das amarras que são impostas. Dessa forma, essas ações contribuem para uma reprodução da lógica capitalista.

A dificuldade de obtermos um avanço no tocante a emancipação na educação, especificamente a partir do ensino de filosofia, está alicerçada em uma revisão conceitual, que esteja pautada em ações estratégicas que possibilitem uma reestruturação elaborada, que defenda de fato o ensino e que objetive uma mudança gradual. Ao possibilitar essa tentativa, estabelecemos as bases de um projeto educacional que visa no homem uma mudança, tornando a educação algo mais próximo da nossa realidade.

Pensando na simples situação da estruturação tríplice de nossa educação em escolas para os denominados altamente dotados, em escolas para os denominados mediamente dotados e em muitas escolas para os que seriam praticamente desprovidos de talento, encontra-se nela já prefigurada uma determinada menoridade inicial. Acredito que não fazemos jus completamente à questão da emancipação se não iniciarmos por superar, por meio do esclarecimento, o falso conceito de talento, determinante em nossa educação. (ADORNO, 1995, p. 170).

Um dos objetivos centrais nessa empreitada é estabelecer uma base concreta no ensino, para que possa ser articulada ações, com o intuito de remover esses defeitos específicos de um ensino desfocado da realidade, consolidando uma estrutura concreta que possa ajudar na construção das reivindicações necessárias para a proposta da temática da emancipação.

O pressuposto dessa proposta da educação como mediação para emancipação, está em um direcionamento para um ensino público de qualidade, essa transformação social visa reerguer o campo educacional e conseqüentemente a área de ensino de filosofia que tem amargado uma negação no nosso currículo educacional.

A perspectiva emancipatória no contexto educacional, se estabelecerá a partir das relações humanas. Essa ação deverá passar pela superação das mediações criadas por essas mesmas relações em suas ações na sociedade, tendo em vista que não há outra maneira de

transformá-lo se não assumirmos conscientemente nosso destino, ou seja, se não estivermos dispostos a fazê-lo no momento oportuno.

Disto resulta uma série de consequências muito complexas e aparentemente contraditórias para a elaboração de nossa estrutura educacional. Afirma-se que não tem sentido uma escola sem professores, mas que, por sua vez, o professor precisa ter clareza quanto a que sua tarefa principal consiste em se tornar supérfluo. Esta simultaneidade é tão difícil porque nas formas de relacionamento atuais corre-se o risco de um comportamento autoritário do professor estimulando os alunos a afastar dele. (ADORNO, 1995, p. 177).

Dessa forma o ensino de filosofia e a emancipação humana devem estar acompanhados, neste processo de assimilação de conhecimentos, como algo que permita ao homem provir de uma mudança de estado de natureza.

Assim, a educação tem uma função social de estruturar a nação com articulações centralizadas no progresso do povo, organizando e conduzindo para um processo de ascensão política e social, que seja fundamentado em uma revolução social que alcance todas as classes que favoreça um avanço e uma mudança a partir da emancipação.

Esse processo produz descontentamentos, pois fortalece uma classe que são os professores, que tem no seu horizonte um projeto sócio-histórico de superação do modo de produção capitalista e conseqüentemente a possibilidade da emancipação humana no processo educacional.

A mediação do que almejamos será construída por intermédio de uma prática pedagógica sólida que objetive a construção de algo maior. Que seja disponibilizado as forças necessárias para a superação desse estado de coisificação da história humana. A educação passa a ser um elemento fundamental na construção desse projeto maior que é a emancipação. Vale ressaltar que a falta de emancipação nesse caso, é convertida em ideologia de controle que se estabelece de forma autoritária.

A função da educação nessa sociabilidade regida pelo capital e suas consequências frente aos problemas que emergem são notáveis. De modo que a atividade de pesquisa educativa voltada para o campo da emancipação se vê diante de uma encruzilhada: que é desconstruir a reprodução, diante de um avanço desenfreado dos diversos paradigmas ideológicos da classe dominante, por outro lado, em meio a essa situação guiar o povo para a possibilidade de superação desta ordem social.

Visando uma melhoria nas condições sociais e educacionais do povo e ao mesmo tempo um crescimento na expectativa em relação ao um ensino de qualidade, já que a educação é um fator que influencia de forma direta os quadros sociais.

As reflexões precisam, portanto, ser transparentes em sua finalidade humana para que o objetivo seja concretizado. Tendo em vista que o ensino de Filosofia propicia essa discussão, desencadeando um afastamento da lógica capitalista, e conseqüentemente propondo uma educação no interior das salas de aula para a resistência e contestação. Essa emancipação é vista como uma libertação de uma consciência coisificada é um procedimento de experiência formativa que nos propõe um desenvolvimento humano.

Nesse caso, o ensino de Filosofia atrelado às atividades de pesquisa educativas e emancipadoras irão possibilitar que os estudantes desde cedo possam ter consciência das suas ações. De modo que estimule um ensino de qualidade e favoreça uma aprendizagem satisfatória para os nossos estudantes.

Poderíamos continuar inferindo diversos obstáculos que impedem a realização dessas atividades na educação, porém, deixamos claro as inúmeras adversidades geradas pelo capital que tentam impedir essa prática construtiva. Cabe-nos salientar que as contradições existentes também oportunizam seu exercício no campo educacional.

Uma das questões chaves dessa discussão, seria para onde a educação deve conduzir os indivíduos? Adorno com seu amigo Becker na obra Educação e emancipação (1995) levanta esse questionamento que a meu ver é algo crucial para a consolidação de um modelo ideal que seria as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de filosofia.

Com essa proposta, os nossos estudantes da educação básica, especificamente do ensino médio, são convidados a pensarem por conta própria, dessa forma desenvolvendo seu pensamento crítico, que é um dos pilares base dessa atividade educativa. Isso irá contribuir com uma experiência concreta do objeto de estudo trabalhado na pesquisa, corroborando com o ensino de filosofia na educação básica, pautado em princípios que estão fundamentados na emancipação.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjuste ãpeople, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. (ADORNO, 1995, p. 143).

Sabemos que um projeto educacional não pode ser articulado, sem ter uma proximidade de um projeto social de uma envergadura maior. Claro, que essas ações precisam ser pensadas para que possamos realizar uma educação mais próxima da emancipação.

É possível no ensino médio propiciar atividades que reflitam sobre a emancipação dos indivíduos? Evidente que sim, tomando em consideração que para a construção de uma

sociedade democrática é preciso proporcionar a emancipação como forma de combater a ideologia dominante. Essa iniciativa no espaço escolar parece um contrassenso frente a situação a qual enfrentamos. Em termos gerais, as intenções de um processo educacional de formação de seus estudantes visam propiciar um conhecimento maior da nossa realidade.

Na verdade, o ambiente escolar é um dos espaços destinados a suprir as necessidades do sistema capitalista, porém essa realidade educacional está perto de superarmos. Até porque a escola em si é uma possibilidade concreta de resistência. Neste caso, por mais abrangentes que sejam as medidas tomadas pelo sistema, para manter de alguma forma o controle, faz-se preciso a produção de uma consciência verdadeira, daí ressaltarmos a importância do magistério nesse processo de desconstrução da realidade.

A efetivação das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras na educação como metodologia pedagógica se apresenta como necessidade nesse momento de transição, para que isso aconteça não existem receitas prontas e acabadas para sua execução, uma vez que para cada situação tem momentos diferenciados que ocorrerão conforme a decisão das instituições e dos indivíduos que o adotarem como Filosofia de trabalho.

No esforço de alcançar tal desejo, ocorreram intensas mudanças no caminho para uma educação voltada para a emancipação. Aparece como uma proposta pedagógica que anseia nesse horizonte, que deve permitir amplamente o desenvolvimento e a formação humana através da educação fundada com bases filosóficas. Ao passo que essa proposta crítica pode ser capaz de contornar a política educacional, através de uma eliminação das mazelas causadas pelo sistema. Essa educação deve resgatar radicalmente o ensino, com caráter crítico do pensamento ontológico desenvolvido por Marx.

Nesse sentido, não podemos negar o valor do ensino de Filosofia na educação básica. É necessária uma ação concreta para que os estudantes consigam compreender o processo de humanização do homem, não por meio de dogmas impostos ou valores dominantes, mas que seja um processo de construção independente. Tendo em vista que ninguém tem o direito de decidir a orientação educacional das outras pessoas, ou seja, essa escolha cabe a nós mesmos decidirmos sem manipulação e exigência. É preciso despertar a consciência crítica dos nossos estudantes do ensino médio, para que o caminho traçado esteja mais próximo da nossa realidade.

4 AS ATIVIDADES DE PESQUISA EDUCATIVAS EMANCIPADORAS E O ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO

Este capítulo tem uma reflexão teórica a partir de Adorno, uma descrição das atividades de pesquisa do grupo focal a partir da aplicação das leituras utilizado nas reuniões do *Grupo estudos emancipar* e uma abordagem a partir de uma análise dos dados coletados na pesquisa desenvolvida.

4.1 Práticas de pesquisas educativas e emancipadoras no ensino de Filosofia a partir das contribuições do pensamento de Adorno

O ensinar Filosofia no nível médio é uma prática educacional que tem como base o pensar filosófico que é uma oportunidade de fazer com que a Filosofia esteja presente no processo de emancipação humana e, ao mesmo tempo, possa contribuir com uma prática de ensino que esteja voltado para uma sociabilidade.

A pesquisa visa demonstrar a importância do filósofo Adorno no ensino de Filosofia e as suas contribuições para o campo educacional, tendo em vista que as categorias da educação e emancipação que Adorno usa se apresentam como um dos conceitos-chave para o ensinar Filosofia. Numa concepção marxiana o ensino de Filosofia contribui para uma superação de um estado de coisificação do homem, haja vista que pessoas emancipadas estarão preparadas para a educação voltada à contestação e a resistência.

Esse papel de apreensão do pensar é fundamental no ensino de Filosofia no nível médio, ou seja, transforma a educação em uma forma de libertação do indivíduo. Essa experiência educacional trata-se de uma experiência formativa que se apresenta como um meio de humanização dos indivíduos, porém essa mesma educação, segundo Adorno (1995) “não é necessariamente um fator de emancipação”, pois é preciso uma continuidade da crítica permanente para que a história da barbárie não se repita.

A grande preocupação dos intelectuais na Alemanha, após a catástrofe que foi o nazismo, era que os campos de concentração como os de Auschwitz não se repetissem, uma vez que essa parte da história se apresenta como algo emblemático na memória do povo alemão.

Uma das respostas dadas para que o povo alemão superasse essa mancha da história do País, foram as ações em conjunto dos intelectuais e dos educadores unidos em prol de um bem maior, que era o desenvolvimento da sociedade após um processo doloroso que o País vivenciou no século XX.

A educação e a formação cultural são elementos primordiais para a superação do estado de barbárie capitalista, através das atividades de caráter emancipador que têm um papel de extrema importância no que constitui a base da sobrevivência humana. Essas atividades visam quebrar a rigidez e a superação do senso comum que é posto como uma barreira no processo educacional.

A necessidade de um diálogo constante entre os intelectuais, educadores e o povo se apresenta como algo inevitável para um crescimento, ou seja, para uma formação humana que priorize uma abertura com a reflexão filosófica e que esteja preparada para fazer frente ao obstáculo que é o pensamento enrijecido de dominação.

A prática das atividades emancipadoras, no contexto da Alemanha, foi um elemento necessário para que a nação superasse aquela experiência de dominação e servidão de um povo, constituindo desta forma um escapamento das armadilhas postas pela sociedade capitalista burguesa.

Quanto às propostas de educação voltadas para as atividades emancipadoras, verdadeiramente não prescindiu nada de novo que não apenas expressasse criticamente os interesses da burguesia. No século atual, de fato, é quase impossível que as instâncias educacionais adquiram uma concepção nova em relação à necessidade de uma educação que liberte os indivíduos das ideologias regidas pelas classes sociais. Sendo preciso, mesmo com todo esse cenário adverso continuarmos acreditando em uma mudança.

Essas práticas educativas precisam continuar existindo e resistindo ao que o capital propõe como forma de frear as articulações de sociabilidade, pois a atual conjuntura política e econômica alimentam essa deformação que é resultante de uma submissão ao sistema capitalista. A limitação do pensar humano pode impedir uma nação de se desenvolver, já que negar as relações sociais afeta a construção das subjetividades humanas.

Na Alemanha, a manipulação das massas pelo regime nazifascista foi responsável pela reprodução da desumanização do homem, o movimento expandiu-se e afetou as relações sociais e econômicas. Essa expansão originou a dominação de um povo que iria vivenciar os efeitos imprescindíveis da natureza humana.

O filósofo Adorno contribui para que a luta contra a opressão e a sujeição capitalista permaneça, uma vez que o alicerce que foi posto servirá de base e resistência contra as atrocidades do capital. O que podemos perceber no tocante a leitura deste brilhante filósofo é o desejo pela mudança, ou seja, a superação da irracionalidade objetiva do homem. O que o filósofo propõe enquanto mudança não nos impede de fazermos um canal de ligação com o

papel das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, como uma forma de fazer frente ao que o capital propõe enquanto sistema de controle e dominação.

A mudança parte primeiro do indivíduo, para depois chegar às massas das quais esse mesmo indivíduo faz parte. A prática das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras visa essa modificação, que se apresenta de forma necessária e racional no campo da educação, implicando numa práxis educativa e filosófica.

A educação na perspectiva do filósofo Adorno, com as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, se apresenta como uma forma de frear a animalidade humana, buscando por meio da emancipação, algo que conduza o indivíduo para a sua libertação, sendo que o homem, ao agir, assume um lugar na sociedade.

Adorno propõe uma abordagem educacional que está atrelada à educação como uma saída do sujeito das amarras postas pelo sistema. Ao possibilitar essa tentativa, ele estabelece as bases de um projeto educacional que visa no homem uma mudança, tornando a educação algo mais próximo da realidade.

A função da educação no plano ontológico e concreto, tem suas origens nas possíveis contribuições de oposição sobre as imposições educacionais dadas pela sociabilidade do capital. Desvendaremos, a questão última da educação que seria, então, a possível autoconstrução do homem na expectativa da emancipação, para isso a realização das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras seria relevante no processo de enfrentamento.

O ideal de uma sociedade com uma perspectiva emancipada, parte primeiro do esclarecimento, ou seja, da superação da ignorância, cabendo agora ao indivíduo esclarecido fazer uso das suas faculdades mentais no âmbito da racionalidade humana.

Não há sentido para a educação na sociedade burguesa senão o resultante da crítica e da resistência à sociedade vigente responsável pela desumanização. A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado. (ADORNO, 1995, p. 27).

O ensino de Filosofia pautado nas práticas das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, deve estar acompanhado neste processo de assimilação de conhecimentos, como algo que permita ao homem provir de uma mudança do estado de embrutecimento.

Adorno, tenta viabilizar normas racionais que trarão ao homem ações incumbidas no processo de construção de uma sociedade livre e consciente, visando uma coletividade que supere a instrumentalidade e o pensamento fragmentário do campo científico.

A educação, do ponto de vista de Adorno, só é possível a partir da necessidade do homem em relação à superação da concepção idealista e individualista de emancipação humana, enquanto que a autonomia do indivíduo deve ser expandida, a fim de construir uma ideia coletiva de um conhecimento objetivo que supere a lógica dos parâmetros da sociedade capitalista burguesa, sendo possível assim apurar os mecanismos de controle e de alienação social. O que podemos notar é o desprezo pelas dimensões sensíveis e naturais do ser humano.

Neste ângulo, o ensinar Filosofia com as práticas educativa e emancipadoras é considerado humanamente educacional, pois permite que o educando possa ter contato com o novo e desenvolva a ideia de humanidade, que deve ser vista com uma máxima de interesse pelo bem da sociedade. Assim sendo,

A partir da modernidade e das diversas formas de institucionalização do ensino de filosofia, a questão começa a adquirir uma fisionomia distinta. A filosofia passa a integrar os sistemas educativos e, portanto, começa a ocupar um lugar, de maior ou menor importância, nos programas oficiais. (ALEJANDRO, 2009, p. 13).

O sentido de ensinar Filosofia está em transmitir, reinventar e explorar as mais diversas fontes do saber, sendo que se faz necessário aprender a pensar, ou seja, é filosofando que o homem irá tornar-se prudente, no sentido de assumir um lugar na sociedade, e buscar emancipar-se no sentido de tornar-se um indivíduo livre, uma necessidade que se apresenta como algo primordial.

Segundo Mészáros (2008), nunca é demais salientar a importância estratégica da concepção mais ampla da educação, expressa na frase: “a aprendizagem é a nossa própria vida” reiterando a ideia de que o homem precisa dessa liberdade, que está pautada na categoria da emancipação, e que esse processo se situa fora das instituições educacionais formais, isso porque existe a manipulação, que visa um controle de imediato, porém essa concepção dominante precisa ser superada.

A experiência de Auschwitz rompe como toda noção de humanidade que nos restava, uma vez que parte de uma racionalidade instrumental centralizada em grupos específicos que obtiveram o poder naquele determinado momento. Assim, por meio da barbárie capitalista, ou seja, da desumanização, ocuparam espaços provocando horrores na vida das pessoas que viveram na pele o nazismo e que ainda tem na memória lembranças de um passado que poderia ser esquecido.

Numa visão filosófica da realidade percebemos que Adorno (1995), ao colocar essa problemática “Auschwitz aqui e agora”, vai de encontro com as mais diversas situações da nossa realidade, desde problemas de ordem social, educacional e política, vivenciadas no

mundo todo e enraizadas na nossa atual conjuntura, até situar-se nos problemas de ordem econômica.

O certo é que o nazismo, com todos os aparatos do poder de repressão, ainda demonstrava fraqueza do ponto de vista organizacional, esse enfraquecimento ideológico se deu no nacional-socialismo, havendo uma corrosão interna nas práticas fascistas contra a democracia.

Que na Alemanha a falta de domínio do passado, já que esta é a questão, não se restringe ao âmbito dos chamados irrecuperáveis, isto é inquestionável. Sempre se remete ao chamado complexo de culpa, muitas vezes alegando que o mesmo na verdade apenas foi gerado pela construção de uma culpa coletiva dos alemães. (ADORNO, 1995, p. 30).

Na Alemanha, o Instituto de Pesquisa Social situado na Universidade de Frankfurt, da qual Adorno fazia parte, fez todo o acompanhamento do processo do regime nazista. Uma parte da população foi trabalhada psiquicamente como se o momento vivenciado fosse uma ferida aberta, e essa chaga da humanidade perdurou por muito tempo. Logo, quando retomadas as discussões sobre o porquê de tudo isso? Sempre ficamos sem respostas, com motivos quaisquer.

A natureza humana produziu a irracionalidade do homem em seu mais alto grau, tornando-o um verdadeiro idiota, gerando um complexo de culpa doentio, fora do controle do homem e da realidade na qual está inserido.

Nessa medida, o esquecimento do nazismo pode ser explicado muito mais a partir da situação social geral do que a partir da psicopatologia. Até mesmo mecanismos psicológicos que operam na recusa de lembranças desagradáveis e inescrupulosas servem a objetivos extremamente realistas. (ADORNO, 1995, p. 33).

Essa experiência não exitosa, nos faz repensarmos sobre a nossa capacidade humana de compreensão da realidade e no quanto essa experiência acumulada nos afeta. A dimensão filosófica dessa questão simbólica exige do homem uma resposta concreta para tentar humanizar a decadência desse fato histórico.

Nessa medida, a emancipação do homem significa superação de uma determinação, eliminando as particularidades sociais existentes. Numa visão educacional, a inserção dessa prática irá quebrar o estigma da alienação da memória de um povo.

A objetivação do desenvolvimento é o que alimenta os sujeitos desse processo político. Porém, vez ou outra nas palavras de Adorno (1995) “Na Alemanha, ouviremos com frequência dos próprios alemães a estranha afirmativa de que eles ainda não estão maduros para

a democracia.”. Nesse caso, percebemos o quanto o emancipar-se é um processo apartado da nossa realidade e ainda se apresenta como ideologia convertida, o que pode ser interpretado como uma verdadeira contradição da consciência humana.

Apesar de todo esse desenvolvimento da política internacional, ainda temos o receio do estranhamento do povo alemão em relação à democracia, ainda somos afetados pela insanidade de grupos que trazem memórias, lembranças de um passado recente.

A construção de um exercício filosófico em sala de aula, nas aulas de Filosofia no ensino médio sempre será algo essencial na formação escolar, pois nossos alunos nos permitem esse acesso ao conhecimento filosófico. Como não filosofar sobre a nossa realidade, aquilo que está sendo posto e que nos instiga a pensar e refletir sobre o meio no qual estamos inseridos. Nossa reflexão analisará as possíveis contribuições da educação na perspectiva de ir além dessa lógica, através de propiciar ou não as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras e ainda os limites dessa possibilidade voltada para a emancipação.

A pergunta “que é ensinar filosofia” poderia admitir uma resposta imediata, que se inscrevem em um dos lugares comuns que costumam guiar qualquer ensino. Ensinar filosofia seria a atividade em que alguém transmite ao outro determinado conteúdo, neste caso, “de filosofia” ou “filosófico”. (ALEJANDRO, 2009, p. 11).

A filosofia de Adorno é uma Filosofia que tem como base a luta por uma formação humana que prioriza a sociabilidade, ou seja, um ensino que visa desbarbarizar o que é posto enquanto educação instrumentalizada.

No espaço político e pedagógico que é a escola não são diferentes esses tipos de prioridade, apesar das mudanças nos últimos anos. Porém, a escola, longe dessas amarras, apresenta-se como um espaço propício à construção de um conhecimento livre, que permite a liberdade e, conseqüentemente, a reordenação de todos os objetivos educacionais.

Nesse caso, o que seria o filosofar? O filosofar seria uma atividade reflexiva, crítica e autônoma sobre a nossa realidade, isso só será possível a partir do momento que nos dispomos diante de uma atitude precisa que irá construir um novo olhar sobre o mundo, daí a necessidade de compreensão da realidade.

Fazer Filosofia no ensino médio não é fácil, somos consumidos por uma gama de conteúdos programáticos que seguem uma matriz curricular engessada de assuntos que precisam ser repassados de acordo com as suas respectivas competências, com uma carga horária mínima por aula semanalmente. Precisamos mesmo ser filósofos para atuarmos no magistério com essas condições.

Apesar da situação, podemos contribuir de alguma forma, seja através do uso das atividades de pesquisa, como uma inflexão particularmente humana, que pode ser encarada como uma fuga da realidade, e, ao mesmo tempo, uma aproximação de algo mais efetivo no seu sentido real.

Infelizmente, as condições de trabalho impostas à ampla maioria dos educadores tornam essa tarefa sobremaneira difícil. Como dedicar um tempo extra à aquisição desse conhecimento se praticamente todo o tempo está tomado por um excesso de trabalho e uma remuneração muitíssimo precária? É preciso muita disposição, fundada na convicção da importância desse conhecimento para que as pessoas assumam essa tarefa. Não é impossível, mas não é nada fácil. (TONET, 2014, p. 11).

A possibilidade de obtermos êxito no ensino de filosofia a partir das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, e superarmos esses obstáculos, depende muito no sentido da predisposição do professor em se dispor no exercício nobre de ensinar. Dessa forma, será preciso um esforço para a objetivação daquilo que almejamos quanto à desbarbarização.

Devemos concordar com Adorno (1995), quando ele cita que “um dos problemas educacionais de urgência seria a barbárie, e que instituições educacionais desempenharam um papel-chave na estrutura educacional do País”, ajudando na construção de uma nova consciência social.

A Filosofia não é um saber comum, não estamos presos na praticidade, ela nos permite transitar em todas as áreas do saber humano, daí a ideia de usarmos esse elemento agregador em conjunto com as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras para sairmos das amarras postas pelo sistema. Entretanto, precisamos continuar com esse desejo de superação que deve estar contido em ações práticas que passa desempenhar seu papel fundamental que é desacostumar o conformismo e as famosas cotoveladas da competitividade.

Becker- Alegria-me muito o fato de o senhor ter frequentado uma escola que lhe foi tão agradável, e alegre-me a nossa concordância tão profunda acerca da recusa das ideias exageradas de competitividade. Creio que tanto no seu tempo como hoje a massa dos professores continua considerando a competitividade como um instrumento central da educação e um instrumento para aumentar a eficiência. Eis um aspecto em que pode ser feito algo de fundamental em relação à desbarbarização. (ADORNO, 1995, p. 162).

Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar que, todo professor, de qualquer área de ensino, pode realizar esse tipo de atividade de pesquisa educativa de caráter emancipador em sala de aula que se apresenta como uma quebra de um paradigma. Seja ele um professor de Filosofia ou não.

Segundo Tonet (2014), “Antes de ser físico, químico, biólogo ou filósofo e cientista social, todo professor é membro do gênero humano e, por isso mesmo, em princípio, a atividade que desenvolve deveria estar conectada com os destinos de toda a humanidade”. Vale ressaltar ainda que as atividades emancipadoras não são concebidas por Tonet como uma pedagogia, mas como uma ação prática, limitada e possível de contribuir com o engajamento dos indivíduos nas lutas revolucionárias pela emancipação.

Dessa forma, as atividades de pesquisa educativas de caráter emancipador precisam ser definidas com o propósito de mudança, no sentido de rompimento com a lógica do sistema. Essas atividades devem estar articuladas propositalmente visando uma ruptura com a atual conjuntura, de modo direto ou indireto, porém com as ideias fundamentadas em um viés ideológico marxiano, devendo direcionar os indivíduos para lutas e, em seguida para a superação, visando a construção de uma sociedade emancipada.

As atividades de pesquisa educativas e emancipadas devem resgatar radicalmente o caráter crítico e revolucionário do pensamento ontológico desenvolvido por Karl Marx. Optar apenas por lutas de caráter defensivo tira genuinamente a especificidade ontológica da natureza ofensiva da luta pela liberdade plena dos homens.

A educação contra a barbárie capitalista pretende combater as situações de violência que são muito comuns, onde a barbárie ganha terreno. Foi assim na Alemanha, com os famosos campos de concentração nazistas, as autoridades com a força física de caráter bárbaro, alimentaram uma educação que tinha como princípio a autoridade ao invés de esclarecimento.

Entrando nesse ponto, a questão das agressões e o direito à punição que para os alemães é um recurso sagrado, são ações que podem e devem ser quebradas a partir da utilização das atividades emancipadoras em sala de aula.

O mais importante nesse processo, seria a cobrança inevitável para aquilo que Kant (2007) chama de “Esclarecimento que é a saída dos homens de sua auto inculpável minoridade”. Adorno, reacende o desejo de mudança, quando por meio do esclarecimento, traz consigo a forma particular de emancipar-se.

Essa preocupação dele com a formação educacional e cultural do povo alemão está contida na superação dos velhos hábitos tradicionais, a qual o povo precisa se desenvolver em direção à emancipação mediante um processo de caráter educacional.

Evidentemente a isto corresponde uma instituição escolar em cuja estruturação não se perpetuam as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna praticamente possível o desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseado numa oferta diversificada ao extremo. (ADORNO, 1995, p. 170).

A realidade educacional, no nosso contexto atual, está cercada de idealismo pela crença fajuta de que algumas teorias pedagógicas poderiam mudar tal realidade, ou até a disposição de mais recursos e organização para o crescimento educacional. Efetivamente, esse complexo continuará reproduzindo e perpetuando a lógica do capital, o que podemos realizar através dele são ações que poderão contribuir para articular as lutas no horizonte.

Dessa forma devemos aproveitar os espaços que o capital nos permite e a utilização das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de Filosofia, são de fato um desejo de mudança, aquela necessidade esclarecedora que ainda nos serve de esperança.

Esse momento histórico, nos alimenta de vontades, ou seja, o desejo e a ânsia que os indivíduos têm em relação à transformação, esse enfrentamento frente ao capital pode dar-se em locais adversos, sendo um dos possíveis locais de enfrentamento o chão da sala de aula nas escolas públicas, um espaço em que brotam sonhos reais. Assim sendo, essa luta deve permanecer para que possamos possibilitar ao homem a emancipação.

A proposta que é trabalhada ao longo do texto é de que as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de filosofia exerçam um papel no processo educacional, no sentido de esclarecer a grande massa que é o povo e, conseqüentemente, auxiliar na superação desse estado de coisificação do homem que contribui para barbárie capitalista.

O tema específico surgiu do interesse e do desejo de mudança da realidade, uma possibilidade de entender de forma crítica como se constitui o processo de ensino e aprendizagem no espaço educativo e principalmente o papel que as escolas vêm fazendo diante desse momento de barbárie capitalista.

Essas atividades educativas contribuem de alguma maneira, no sentido de mudança da realidade nos quadros sociais. Dessa forma, faz-se necessário um questionamento em relação ao papel que o ensino de Filosofia vem desenvolvendo ou não na perspectiva da transformação social.

A disciplina de Filosofia, em conjunto com as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, possibilita a formação política e pedagógica? Nos últimos anos, os papéis inverteram, no sentido de reproduzir essa lógica do capital. Nesse sentido, cabe aos professores de filosofia quebrarem essa lógica que impera, para que possamos ter um ensino mais livre das amarras doutrinárias do capital, e possibilitar ao aluno um ensino de Filosofia com mais esclarecimento e liberdade.

Logo, devemos compreender que não há como desenvolvermos uma prática de ensino de Filosofia satisfatória, na qual o Estado está a serviço do capital e que a estrutura de

poder inviabiliza qualquer ação que coloque em risco o Estado, porém devemos tomar medidas que estejam pautadas em ações pontuais para o processo de enfrentamento, utilizando-se dos espaços que o próprio capital nos propicia para atuarmos nessa luta.

Cabe aos professores de Filosofia no interior das escolas e fora dos muros escolares lutarem em prol de um ensino que favoreça o povo, que venha contribuir para uma práxis educativa que esteja preocupada com a formação humana.

Assim, devemos retomarmos as leituras do filósofo Adorno, pois a contribuição dele é de uma relevância enorme para a educação e para filosofia no que diz respeito aos seus ensinamentos em torno daquilo que ele viveu na Alemanha nazista. Os seus direcionamentos são questões fundamentais para o processo de desbarbarização do povo, mediante a educação.

Sendo um dos desejos centrais de Adorno, a superação dos indivíduos do estado de embrutecimento, e a construção de um sistema educacional que tivesse aversão a violência física. Nesse contexto, foi possível perceber que a escola, atualmente, passa por um processo de mudança, sendo notório a desconstrução dos reais conhecimentos educacionais no cenário capitalista.

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado “Respostas à pergunta: o que é esclarecimento?”. Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. (ADORNO, 1995, p. 169).

Parte-se do pressuposto de que a falta de decisão e de coragem das pessoas é fruto de um processo de alienação, que não possibilita uma emancipação humana e uma educação de qualidade, e que apesar desse cenário crítico de desconstrução faz-se preciso a continuidade da resistência, devemos seguir lutando mesmo com as adversidades, pois, a mudança só irá se concretizar se seguirmos fazendo o nosso papel em sala de aula.

No entanto, precisamos questionar o papel que as escolas vêm desenvolvendo no tocante à formação dos alunos no contexto capitalista, esse modelo de escola nos moldes capitalistas que impede a prática e o desenvolvimento de uma luta revolucionária e de certa forma acaba contribuindo de maneira significativa para o aumento da marginalidade.

Assim, reproduzindo socialmente a lógica capitalista, ao invés de servir de instrumento de luta social da classe proletária em prol do desenvolvimento social e de uma elaboração teórica estratégica de combate a essa forma de controle e dominação social, dessa forma, cabe à Filosofia, em conjunto com as atividades de pesquisas educativas e

emancipadoras, auxiliar os docentes na escola possibilitando mais liberdade de expressão em nossas salas de aula, visando a emancipação e, ao mesmo tempo reduzindo nos homens o seu estado de seres naturais.

4.2 As atividades de pesquisas educativas emancipadoras e o grupo focal: uma descrição da atividade educativa

A investigação que foi produzida tem o propósito de desenvolver uma atividade educativa nas aulas de Filosofia no ensino médio no contraturno, utilizando as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, a partir de um grupo focal tendo como referencial teórico a corrente filosófica marxiana.

O grupo reduzido de 10 alunos, que participaram da pesquisa foram convidados e de maneira espontânea aderiram a ideia da pesquisa, isso facilitou nas metas, que foram traçadas em torno das leituras e das discussões, ao passo que o engajamento dos alunos com o assunto discutido, mostrou-se ser fundamental nesse período de pesquisa. No nosso primeiro encontro, informamos qual o propósito do grupo aos integrantes e a importância da pesquisa. Houve a abertura para críticas e sugestões do que estava sendo colocado como uma identidade do grupo.

A escola proporcionou cópias dos textos para cada participante para que as leituras fossem mais presentes e, dividiu-se o grupo, sendo que todos apresentariam uma parte do texto após o término da leitura. Os integrantes lentamente se acostumaram com a ideia de participarem no coletivo.

Em um primeiro momento, houve receio de alguns participantes em torno do que seria trabalhado nas reuniões, qual seria a identidade do grupo? Esses questionamentos logo foram sanados e esclarecidos, com o passar das reuniões percebemos que tínhamos avançados em relação aos conhecimentos e principalmente que tínhamos despertado a autonomia do aluno em sala de aula.

Nos tempos atuais há percepção de que é preciso estabelecer a sociedade e a vida humana em geral em bases educativas mais consistentes no sentido de se indicar, ao educando, os caminhos e horizontes que o levem a compreender o mundo e a sua existência, capaz de pensar uma sociedade realmente justa, igualitária e mais humana. (LOPES; SILVA FILHO, 2017, p. 107).

Um dos pontos importantes da pesquisa foi a liberdade dada ao grupo nas dependências da escola, uma aceitação unânime da gestão da escola, sem nenhum questionamento. Algo que nos deixou muito tranquilos para desenvolvermos a nossa pesquisa

no ambiente escolar, dessa forma vale ressaltar o apoio pedagógico e confiança na pesquisa desenvolvida na instituição.

A questão da emancipação passou a ser um assunto discutido entre nossos alunos, tanto para os que estavam fazendo parte do grupo focal e para aqueles alunos mais curiosos que não participavam, porém, queriam saber como funcionava a dinâmica do grupo, quais os temas discutidos? Os autores trabalhados? Essas indagações eram feitas como uma forma de conhecer o grupo.

O *Grupo de Estudos Emancipar* foi fundado em 09 de outubro de 2019 na cidade de Pacajus-CE, de acordo com o (APÊNDICE E), (APÊNDICE F), especificamente na Escola de Ensino Médio Dione Maria Bezerra Pessoa, sem caráter lucrativo, político ou religioso, reger-se-á pelo presente estatuto criado pela formação inicial grupo.

A ideia é propor uma proposta de atividade educativa de ensino inovadora e diferenciada aos alunos na escola, porém sem a perder o caráter educativo. O grupo focal tem como objetivo principal tornar os alunos livres de alienação, por meio da leitura de livros e artigos previamente indicados pelo grupo de acordo com o estatuto elaborado.

No primeiro momento as reuniões aconteciam de forma semanal, um encontro por semana, sendo ao todo de 10 a 15 reuniões, sempre de forma acalorada pelas leituras e interpretações dos textos e fragmentos de textos selecionados. A condução do grupo tinha uma rotatividade, nesse caso percebemos a necessidade de um acompanhamento maior com os alunos. No início houve algumas dificuldades de compreensão que exigia um pouco mais de atenção. Aos poucos a naturalidade em relação ao contato com as obras filosóficas foram despertando os alunos para diversas leituras.

O *Grupo de Estudos Emancipar* resgatou a reflexão filosófica no interior da escola, isso foi notado nas aulas de Filosofia, havia uma participação maior do grupo que estava envolvido nas reuniões, isso de alguma forma instigava a participação de outros alunos no debate, na hora da explicação dos conteúdos. Isso foi fundamental para que houvesse um engajamento maior dos alunos nas aulas de Filosofia.

As reuniões tinham duração de uma hora, podendo se estender se fosse o caso, começamos a perceber em um primeiro momento que poderíamos ir mais adiante com o grupo, já que a adesão era satisfatória naquele momento. A proposta de antemão era fazermos 10 a 15 reuniões durante um período estipulado, de acordo com o (APÊNDICE M) na pesquisa, porém, com os avanços alcançados e pela disponibilidade dos alunos resolvemos retornar as atividades e da continuidade na pesquisa.

Nesse momento estávamos mais familiarizados com o grupo e com os novos membros, nesse caso já tínhamos um número de alunos 10 integrantes novamente que participavam das reuniões, em alguns momentos recebíamos visitas de companheiros de salas, professores da instituição que assim como alunos também tinham curiosidades de saber como funcionava a dinâmica do grupo.

Aos poucos, fomos construindo uma identidade, recebendo o auxílio de alunos e ex-alunos, em especial acadêmicos de Filosofia. Isso foi fundamental para que ganhássemos visibilidade e reconhecimento pela instituição. A participação em eventos também foi crucial para que a pesquisa desse continuidade. Os efeitos desse trabalho despertaram nos alunos uma vontade de se aprofundarem nos seus estudos direcionados para a área de ciências humanas, em especial a filosofia.

A ideia do grupo não perpassa por uma doutrina, ou visa uma área do conhecimento específico, porém existe uma base na formação e nos estudos que foram fomentados que nos auxilia na compreensão das questões discutidas. Em um processo que requer um esforço dos discentes, já que se trata de um processo lento e gradual, levando em consideração que estamos fazendo uma pesquisa na educação básica e precisamos compreender a dificuldade em torno do entendimento das temáticas trabalhadas.

As leituras estão pautadas nos apêndices da pesquisa, estipulado pela organização do grupo, sendo fundamental a execução de um planejamento direcionado, porém a flexibilidade em torno do seguimento desse cronograma depende muito do aprendizado dos discentes, sendo fundamental ressaltar que o intuito da pesquisa é justamente contribuir para um melhoramento na dinâmica da compreensão dos temas filosóficos em torno da questão da emancipação, ao passo que de forma alguma esse processo pode deixar lacunas de entendimento.

Para Adorno, a sociedade cientificizada e tecnológica levou as pessoas um estado de alienação e de barbárie requerendo o resgate da humanização do homem e do pensamento esclarecido, crítico e reflexivo capaz de recuperar o ser digno do homem, uma vez que essa sociedade reprimiu a razão filosófica substituindo-a por uma razão científica instrumental. (LOPES; SILVA FILHO, 2017, p. 107).

Um dos pontos cruciais discutidos nas reuniões do *Grupo de Estudos Emancipar* é a questão da liberdade de pensamento, ao passo que todos são instigados nas reuniões a participar, aos poucos a participação acontecia de forma natural com atenção dada a cada fala dos membros de uma forma que todos sintam-se envolvidos nas discussões, ou seja o

sentimento de pertencimento é algo primordial para a manutenção do grupo, haja vista que todas as colocações são importantes, ouvi-los durante esse processo é essencial.

As leituras despertam as reflexões, fazendo com que a compressão do mundo sirva de parâmetro para percepção e entendimento da realidade. Dessa forma as questões discutidas voltam-se para a realidade, ou seja, as categorias filosóficas em torno das temáticas, sempre estão embasadas em questões sociais que se apresentam familiarizadas pelos membros do grupo.

Uma das experiências marcantes do grupo foi uma aula em especial, onde vivemos as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras na prática. Essa aula foi ministrada na cozinha da escola e nas dependências da escola. Houve um envolvimento dos funcionários, em especial as merendeiras e as auxiliares de serviço gerais da escola.

Em um primeiro momento houve uma discussão em sala objetivando quais os caminhos a seguir nessa aula específica. Uma aula conduzida pelos alunos, onde houve uma interação com os funcionários, e o que foi percebido é que as categorias filosóficas trabalhadas estão muito próximas da realidade. O diálogo foi bastante esclarecedor e surgiram muitos questionamentos dos alunos e principalmente dos funcionários da escola.

A ideia no primeiro momento era apenas colher algumas informações sobre a questão do trabalho, as perspectivas de vida dos funcionários, manter um diálogo para que eles relatassem o dia a dia na escola, porém a conversa ganhou outras proporções. Sendo uma aula importantíssima para a pesquisa. O grupo em si depois daquele momento mostrou-se mais aberto para as questões da emancipação.

As categorias filosóficas trabalhadas naquela reunião foram o trabalho, educação, mais valia, valor e emancipação. Essas categorias são fundamentais no processo de obtenção de conhecimento. As dúvidas foram sanadas e ao mesmo tempo houve uma aproximação com a realidade da classe trabalhadora.

Isso foi de extrema importância, pois a partir daquele momento eles perceberam o quanto a questão da emancipação solidificou a ideia, trouxe uma coesão entre membros de uma forma natural.

Dessa forma a liberdade e autonomia dos alunos deve ser visto como algo positivo no processo de formação, um ponto crucial também é a questão das leituras direcionadas com o contexto social, a questão da emancipação como uma porta de entrada, que possa mudar a concepção de mundo e resgatar os sonhos daqueles que almejam um futuro melhor.

O foco do grupo é dar oportunidade a todos e respeitar as opiniões de cada um, tendo em vista que o grupo tem uma identidade própria. A obra Educação e Emancipação do filósofo Adorno se apresenta como uma espinha dorsal do trabalho.

A partir daqui pode ser um outro momento...

Logo, após as pesquisas serem feitas, houve uma reunião com os membros do grupo e decidimos dar continuidade aos trabalhos. Já com uma base feita com o reconhecimento de um trabalho sólido. Com a participação do grupo em eventos organizados em faculdades públicas e privadas e pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Com dois semestres concluídos iríamos iniciar novamente mais uma etapa do projeto do grupo de estudos emancipar, porém houve a questão da crise sanitária causada pelo Coronavírus (Covid-19), isso dificultou um pouco as atividades do grupo, porém de forma remota demos continuidade às atividades.

No início, foi bastante complicado e houve algumas desistências, ou seja, abandono por parte de alguns membros, a questão da conexão e principalmente a estrutura para mantermos as reuniões periódicas semanais foram um empecilho. Um dos pontos que chamou atenção foi quando tivemos nosso primeiro contato naquele formato, isso foi importantíssimo para que houvesse o engajamento do grupo novamente.

As reuniões ganharam outra dimensão e passamos a ter uma adesão maior no formato remoto, muito por conta também da necessidade que ambos tinham de se esclarecer sobre o que estava acontecendo, muitos começaram participar espontaneamente, isso garantiu a manutenção do grupo.

A Filosofia através das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras possibilitou aos alunos em meio a pandemia, um novo olhar sobre a sociedade. Mesmo com um grupo de 10 alunos percebemos o papel fundamental da educação nesse período. Isso nos encorajou enquanto docentes e passamos a perceber também o quanto nosso trabalho faz diferença na formação dos alunos.

Uma pesquisa de mestrado profissional que ganhou uma proporção gigantesca do ponto de vista das mudanças que ela proporcionou e principalmente o engajamento dos alunos no tocante ao interesse pela temática da emancipação através do ensino de Filosofia.

O ensino remoto nesse período nos ajudou muito apesar da questão estrutural, mudamos a dinâmica, saímos de uma realidade presencial nas dependências da escola e passamos a ter um contato virtual com os alunos. As reuniões aconteciam de forma tímida no início muito por conta do processo de adaptação dos participantes.

Uma das gratas surpresas foi a manutenção do grupo, em meio a pandemia, isso nos motivou muito e passamos a criar mais expectativas em relação ao grupo, e conseqüentemente alimentar neles o desejo de conhecer e desfrutar da questão da emancipação. Algo que foi fundamental para que o grupo passasse a ter respaldo e mais produções.

O papel dos alunos na continuidade do *Grupo de Estudos Emancipar* foi de uma relevância enorme. Uma das oficinas que foram feitas nesse período foi a questão da leitura de trechos e explicação sobre o entendimento da temática da emancipação. A contextualização com a realidade, as reuniões com análises de filmes e músicas também foram cruciais para o desenvolvimento de uma criticidade por parte dos alunos. Todo o conteúdo trabalhado tinha uma relação direta com as questões do campo da emancipação e foram registrados conforme (APÊNDICE G) e (APÊNDICE H).

Vale ressaltar o apoio pedagógico também nesse momento dos companheiros professores de área, ajudando e participando como membros do grupo, além da participação de acadêmicos no grupo, da área de filosofia. Isso nos ajudou bastante e possibilitou uma proximidade maior com os alunos.

A construção dos documentos e dados detalhados nos apêndices foram acompanhados de perto pelos alunos, com ajuda inclusive na elaboração dos instrumentais. Nesse ponto precisamos ressaltar o papel dos alunos na pesquisa. Desde as ações registradas nos (APÊNDICE A) e (APÊNDICE B).

As reuniões sempre eram um ponto de interrogação, pois apesar do planejamento das ações, sempre tínhamos surpresas, a ideia de não termos uma cartilha parte muito desse pensamento, nesse caso o filosofar fazia com que as discussões fossem levadas para pontos que iam de encontro com a realidade social de cada um. Daí a importância na escolha da obra descrita no (APÊNDICE J) para as leituras semanais do grupo.

De forma alguma a ideia do grupo perpassava por uma doutrina, até porque a liberdade faz-se presente. As apresentações eram feitas de formas bem simples, sendo apresentadas de maneira formal. Isso não nos garante um ideal de um projeto utópico, a forma como era conduzido e o dinamismo fazia como que fossemos melhorando a cada reunião.

A garantia da manutenção do grupo, dependeu muito da aceitação dos membros, e continuidade deles no grupo, por isso a importância de estar acompanhando de perto cada participante como é colocado no instrumental dos (APÊNDICE B) e (APÊNDICE I), afinal para aprendermos faz-se preciso estamos em um ambiente onde todos sintam-se bem, que esteja, sempre participando das reuniões para que possam acompanhar o processo e ao mesmo tempo fazer uma autoanálise do que o grupo está propondo.

A aproximação dos alunos com a questão da emancipação trouxe uma nova perspectiva para todos do grupo. O sentimento de pertencimento ao grupo também fez com que a vontade de conhecer e de se aprofundar nos assuntos debatidos fossem ainda maiores. Isso parte muito do trabalho que foi desenvolvido no grupo de estudos emancipar, apesar da pandemia era notório o intuito de aprender e de participar da pesquisa.

Nesse sentido, com a pesquisa desenvolvida, houve um envolvimento significativo dos alunos. Por conta disso, foi bastante salutar, uma vez que se mostrou como um aprendizado relevante: professor, alunos e colaboradores cresceram no processo de ensino e aprendizagem. Houve uma maior participação do pesquisador como espécie de guia, pois saiu da simples observação da pesquisa, para atuar como membro ativo do grupo de estudos.

4.3 As contribuições das atividades de pesquisas educativas emancipadoras nas aulas de Filosofia no ensino médio: uma análise na perspectiva dos estudantes

As atividades de pesquisa utilizadas nas reuniões do grupo de estudos emancipar estão pautadas numa perspectiva marxiana de educação com viés filosófico, voltada para a questão da emancipação humana. Esse ideal pedagógico parte da necessidade dos alunos em superar as amarras postas pela lógica do capital, através da alienação imposta a sociedade.

A linguagem juvenil utilizada no grupo nos aproxima do filosofar a partir dos problemas sociais que eles vivenciam. Trazendo a realidade coletiva da grande maioria dos membros do grupo, proporcionando o interesse pelo assunto abordado, despertando os alunos para o filosofar em sala de aula.

Os questionamentos em torno das problemáticas levantadas em sala nas reuniões do grupo despertam o interesse do público discente. Permitindo desmistificar os estereótipos em torno do ensino de Filosofia, dessa forma mostrando que a Filosofia na educação básica contribui no processo educacional.

A pesquisa nasce da necessidade de uma compreensão de mundo, a partir de uma proposta de ensino de Filosofia que possa contribuir para a formação dos alunos na educação básica. Daí a ideia da desmistificação desse discurso que nega a Filosofia como uma disciplina que agrega valores na formação dos alunos. O propósito é mostrar as contribuições das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras, através do ensino de Filosofia.

O apelo a dar mais calor humano às crianças é artificial e por isto acaba negando o próprio calor, Além disto o amor não pode ser exigido em relações profissionalmente intermediadas, como entre professor e aluno, médico e paciente, advogado e cliente.

Ele é algo direto e contraditório com relações que em sua essência são intermediadas. O incentivo ao amor – provavelmente na forma mais imperativa, de um dever – constitui ele próprio parte de uma ideologia que perpetua a frieza. (ADORNO, 1995, p. 135).

A educação nesse sentido exerce um papel fundamental, pois garante um avanço no amadurecimento dos indivíduos, impedindo que os homens em seu estado de natureza possam alimentar a barbárie. Nesse caso, o esclarecimento é uma necessidade para que o homem desenvolva a autonomia, garantindo conseqüentemente a sua sociabilidade.

Figura 1 – A primeira reunião do grupo de estudos emancipar.



Fonte: dados da pesquisa.

A pesquisa desenvolvida na escola Dione Maria Bezerra Pessoa na cidade de Pacajus – CE, proporcionou aos alunos uma experiência incrível, onde foram trabalhadas questões filosóficas pautadas na emancipação. Um momento formidável na formação dos alunos, possibilitando aos envolvidos na pesquisa um saldo positivo, no tocante a aprendizagem.

O engajamento dos alunos era visível, daí a importância em dar continuidade ao projeto nos espaços da escola, fazer com que haja uma sequência naquilo que vinha sendo desempenhado. Até porque a pesquisa teve muitos pontos positivos, como as oportunidades que foram dadas e pela própria proximidade dos alunos com os textos filosóficos, despertando inclusive o interesse de alguns membros de cursar Filosofia no ensino superior.

Uma garantia de que teremos perspectivas de mudanças, ou seja, que proporcionamos aos alunos um novo olhar sobre a realidade. O propósito é fazer brotar novamente na escola o desejo de aprender e aproximar o ensino de Filosofia a partir da realidade

social. O foco da pesquisa é propor uma atividade educativa que possa nos ajudar na dinâmica de sala de aula, facilitando no ensino e na aprendizagem dos alunos.

Figura 2 – A reunião de produção de cartazes para divulgação do grupo.



Fonte: dados da pesquisa.

O grupo de estudos emancipar em uma de suas reuniões no contra turno, a pesquisa ainda estava no início, porém os alunos estavam empolgados com o andamento da pesquisa. A participação massiva dos alunos nas reuniões possibilitou o seguimento do trabalho na escola. Uma oportunidade que foi dada aos alunos de ter o contato com a temática da emancipação através do ensino de Filosofia.

O emancipar, como o grupo é chamado carinhosamente, em seu pouco tempo de existência na escola Dione Maria Bezerra Pessoa ganhou espaço e reconhecimento. Muito por conta do trabalho desenvolvido com os estudantes, isso além da visibilidade com a participação em eventos, trouxe aos alunos um contato direto com a temática filosófica que acaba agregando um conhecimento que traz em si um refinamento intelectual.

A atividade educativa desenvolvida no grupo estava direcionada para o campo da pesquisa voltado para a questão emancipatória, partindo de um ideal educacional que visa o esclarecimento e a autonomia dos alunos, além da liberdade que é dado aos participantes em relação a escolha dos materiais trabalhados, esse diálogo aberto contribui para que haja uma sintonia entre todos. Daí partimos da ideia de que não seguimos uma cartilha, porém seguimos

um direcionamento que está pautado numa educação com viés filosófico que estejam fomentados conceitos de natureza marxiana.

Figura 3 – A aula de Filosofia na cozinha com os funcionários da escola.



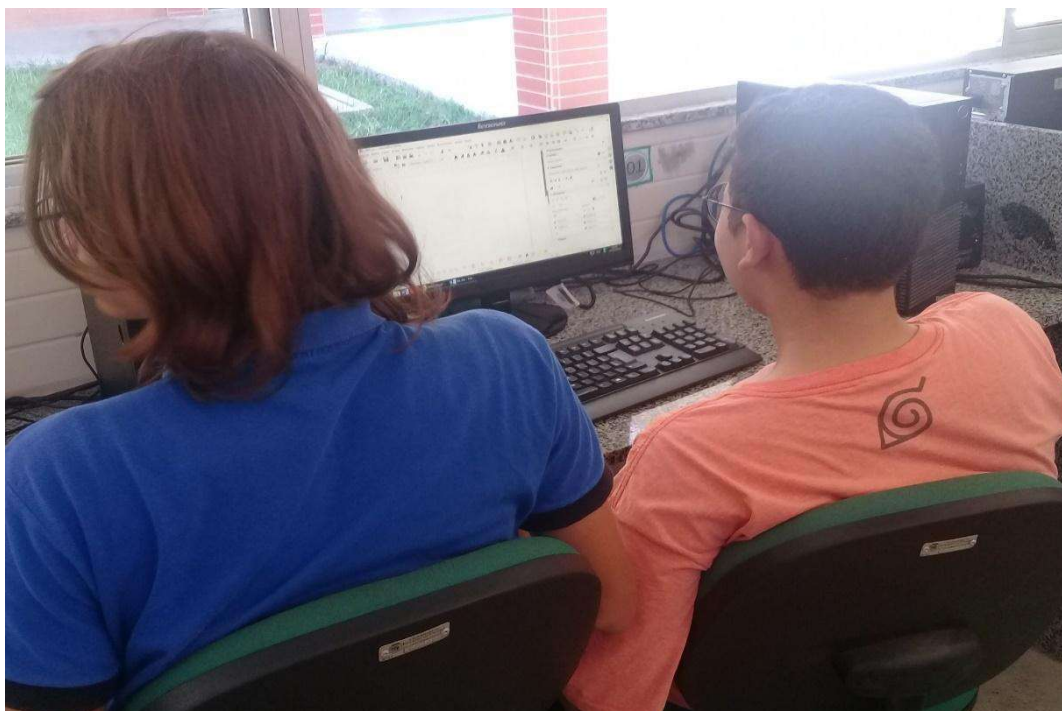
Fonte: dados da pesquisa.

Uma das reuniões mais importantes do grupo, onde tivemos uma vivência do que é as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras na prática, isso nos proporcionou a possibilidade de trabalharmos o protagonismo com os alunos. Podemos perceber o entusiasmo dos estudantes naquele encontro.

Essas experiências foram formidáveis e serviram de combustível para a continuidade da pesquisa, a cada reunião novas vivências e oportunidades para aqueles que ingressaram no grupo. Aos poucos fomos nos impondo e criando o hábito da leitura e propondo aos alunos o diálogo como forma de aprendizagem.

O dinamismo e a facilidade de adaptação dos alunos a atividade de pesquisa, trouxeram uma perspectiva para uma continuidade da pesquisa em outro momento, porém, o propósito é manter o grupo de estudos na escola para que possa ajudar e despertar o interesse nos alunos para essa questão da emancipação e principalmente manter o contato com os textos de natureza filosófica.

Figura 4 – A pesquisa sobre os teóricos e as obras utilizadas nas reuniões do grupo.



Fonte: dados da pesquisa.

Um dos pontos fundamentais da pesquisa foi a utilização de um espaço fixo na escola para o planejamento das atividades, nesse caso o laboratório de informática era bastante utilizado para as pesquisas e leituras. Além da biblioteca da escola que foi essencial para as reuniões e ações do grupo no ambiente escolar.

O *Grupo de Estudos Emancipar* se caracteriza por ser um grupo bastante heterogêneo, onde esse espaço democrático possibilita que todos tenham voz e vez. Independente das opiniões e dos questionamentos levantados, o grupo sempre está aberto ao diálogo.

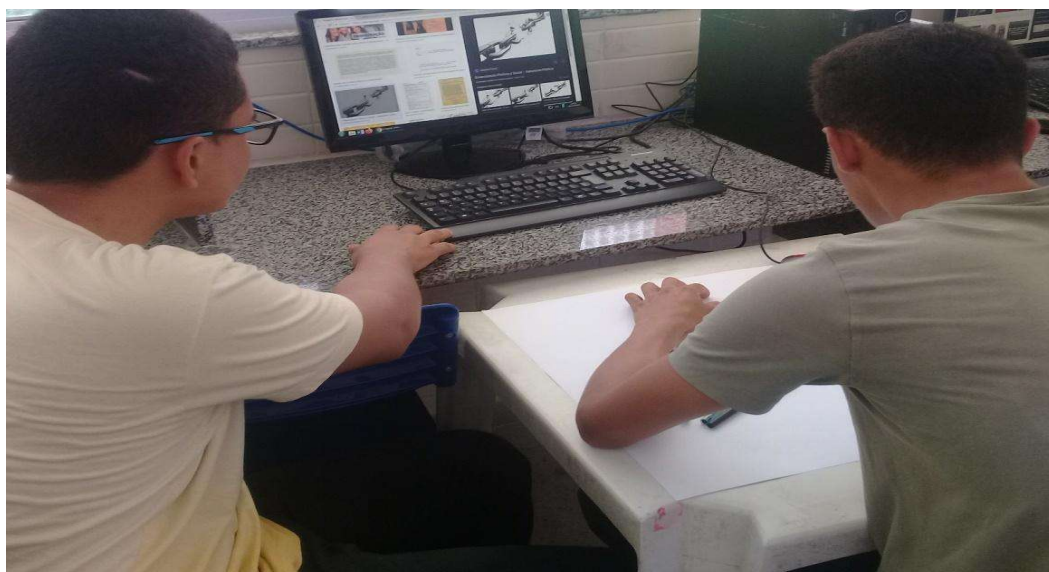
Os alunos com toda jovialidade e disposição para o diferente, ou seja, o novo, exerceram um papel fundamental na pesquisa. Essa capacidade de absorver as ideias e colocá-las em prática faz com que possamos sair da nossa zona de conforto. Isso garante uma solidez no estudo e fundamenta o trabalho que vem sendo desenvolvido durante esse percurso.

Figura 5 – Planejando ações do grupo de estudos emancipar.



Fonte: dados da pesquisa.

Figura 6 – O emancipar trabalhando com o protagonismo juvenil



Fonte: dados da pesquisa.

A educação através de um ensino de qualidade possibilita essa transformação social, já que devido às necessidades vigentes precisamos agir para que no momento oportuno com as ações educativas pautadas nas atividades de pesquisa educativas emancipadoras, possamos edificar e realizar o esclarecimento e a autonomia dos alunos, incluindo dentro de si ensejos para a aproximação do objetivo, que é obter e se apropriar dos conhecimentos já produzidos.

Figura 7 A vivência da pesquisa no ambiente escolar.



Fonte: dados da pesquisa.

Portanto, cabe ao ensino de Filosofia cumprir o seu papel no processo de formação dos nossos estudantes, contribuindo no campo educacional. Daí a importância das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras como uma forma de mudar essa realidade no ensino de Filosofia. Isso irá exigir muito do magistério, o aparato teórico é de suma importância, porém a atuação do professor no chão da escola fará uma diferença enorme.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa desenvolvido, aqui exposto, não pretende apresentar considerações acabadas, pelo contrário, intuímos estimular o debate e a compreensão crítica acerca do ensino de Filosofia no nível médio, haja vista que partimos da necessidade de propormos uma atividade de pesquisa que desenvolva os nossos estudantes, com a perspectiva de contribuir com a formação esclarecedora, crítica e emancipadora dos estudantes na educação básica.

O ensinar Filosofia em um contexto educacional é uma tarefa muito árdua, pois o ensino de Filosofia no nível médio requer um esforço muito grande do professor. Provavelmente por conta do nível educacional da nossa população e pela instabilidade ideológica que permeia a nossa realidade. Daí a necessidade da aplicação das atividades educativas emancipadoras para fazer frente a reprodução da lógica do capital.

Como pesquisadores buscamos, dentro dos limites, aprofundar e ampliar todos os aspectos essenciais à construção desse horizonte encantador que é a educação. Entretanto, destacamos ainda as possibilidades de viabilizarmos um ensino de Filosofia voltado para a questão da emancipação no interior das salas de aula, visto que essa conjuntura não foi pensada nem para o desenvolvimento e nem para a satisfação dos estudantes.

O dinamismo e a adaptação dos alunos à metodologia proposta trouxeram uma perspectiva para a continuidade do trabalho desenvolvido, porém, o propósito é manter o grupo de estudos na escola. Tendo em vista que o *Grupo de Estudos Emancipar* despertou o interesse dos alunos de cursar Filosofia no ensino superior.

De acordo com a pesquisa desenvolvida na escola, constatamos que nos achados coletados no (APÊNDICE A), houve uma evolução dos alunos no tocante ao conhecimento. E que o trabalho feito com os alunos no contraturno das aulas mudaram a percepção, ou seja, o olhar deles em relação a disciplina de Filosofia, pois, houve uma compreensão de que o entendimento da realidade é fundamental para a construção de uma criticidade numa perspectiva de uma sociedade emancipada.

Esse trabalho trouxe aspectos importantes para pensar em um ensino de Filosofia com viés emancipador, no sentido de ter sido apresentada a perspectiva da emancipação. Tomamos como referencial teórico central o pensamento do filósofo Theodor Adorno amparado por outros pensadores correlatos. O tipo de técnica realizada na pesquisa foi de um grupo focal, com um estudo voltado para uma observação do participante com a aplicação de

um questionário com os membros do *Grupo de Estudos Emancipar* sobre a pesquisa desenvolvida.

Adorno acredita e defende que por meio da educação podemos chegar à emancipação, ou seja, a uma sociedade desenvolvida através de uma luta constante dos homens pelos seus direitos. Já que o papel do ensino no processo educacional é uma parcela imprescindível ao longo da história, por isso salientamos a necessidade de uma formação de qualidade.

Vislumbramos através da pesquisa a compreensão crítica e reflexiva dos nossos estudantes, tendo em vista que as atividades de pesquisa educativas emancipadoras por meio do ensino de Filosofia no nível médio irão desenvolver essas potencialidades. Destarte, o nosso objetivo na pesquisa é possibilitar aos estudantes o entendimento da realidade por meio do ensino de Filosofia.

Diante de um cenário onde a educação não reflete a nossa situação política e econômica, em um contexto no Brasil onde se efetiva a falta de informação, por conta de um momento que nega o valor da educação na formação dos nossos estudantes. Isso acaba sendo reflexo de algo desvinculado da nossa realidade.

Entretanto, devemos continuar acreditando e buscando meios necessários para mudar esse cenário, para que a crítica estabelecida nos possa dar indicativos de caminhos possíveis, cuidando do ensino e conseqüentemente da nossa educação. Visto que a ideia das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras no ensino de Filosofia no nível médio deve transpor o campo da crença e se transformar em ações pontuais que surtam efeitos.

Na perspectiva do filósofo Adorno, é sabido que a educação, ou seja, o ensino de Filosofia com viés emancipador não pode ser pensado fora da desvinculação de um projeto social mais amplo. Isso engloba várias possibilidades dentro dos limites nos quais não pode ser atrelado ao processo de reprodução da lógica do capital, sendo a possibilidade vinculada a uma maneira de realizar uma formação para o esclarecimento, liberdade e autonomia dos estudantes.

Essa possibilidade que visa o esclarecimento através do ensino está mais próxima de promover as condições de possibilidade de uma intervenção no processo de formação dos discentes a médio e longo prazo. É preciso, no entanto, que o ensino de Filosofia parta de uma objetivação que consista na práxis humana.

Dessa forma o estudante ao ter acesso ao ensino de Filosofia a partir das atividades de pesquisa educativas emancipadoras irá passar por um processo de esclarecimento que lhe dará liberdade e autonomia para lutar por melhorias sociais, trazendo em si uma ideia social além da lógica capitalista reproduzida.

Nesse sentido, não é possível chegar a outra conclusão que não a de que o ensino de Filosofia através das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas escolas faz-se necessários, haja vista que os estudantes ao terem esse contato com essas atividades de pesquisa irão passar por uma transformação do senso comum ao esclarecimento.

Essa conclusão, parte das experiências tidas no grupo focal com os alunos, é uma prática concreta abordada nessa pesquisa, da qual fiz parte. Não somente o que foi relatado na pesquisa, mas o que vivenciamos, as percepções sobre a nossa realidade, os desafios enfrentados na escola pública e as possibilidades de propor outras atividades de ensino.

Vale ressaltar, que o ensino de Filosofia por meio das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nos possibilitou uma visão mais consciente da nossa realidade. Isso aconteceu com a ajuda dos nossos estudantes que foram figuras imprescindíveis durante a pesquisa desenvolvida.

Portanto, a contribuição de ensino das atividades de pesquisa educativas e emancipadoras no processo de formação crítica dos nossos alunos é verídica, por agregar valores e possibilitar novas experiências, pois a prática de ensino permeia os diversos campos do saber. Nesse caso, durante o processo é necessário a realização da autorreflexão como um elemento fundamental para a obtenção de um saldo positivo no tocante à questão da emancipação.

Com base na pesquisa desenvolvida percebemos que os problemas e entraves no campo educacional, limitam a prática de um ensino esclarecedor, embora que seu campo de atuação seja os espaços pedagógicos nas unidades escolares, os docentes precisam ir além do que é proposto como forma de dominação e controle.

Nesse caso lembramos do filósofo Adorno quando disse no texto *Educação após Auschwitz*: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todos para a educação” (ADORNO, 2003, p. 119). Sendo preciso ressaltarmos o papel da educação, ou seja do ensino com viés emancipador, para que possamos chegar à emancipação. Assim, percebemos que educar é permitir uma mobilização no sentido de transformar os indivíduos leigos em sujeitos esclarecidos, através de uma consciência emancipada.

Portanto, há uma necessidade de uma formação política nas escolas através das atividades de pesquisa educativas emancipadoras que possam construir uma criticidade própria dos nossos estudantes. Que os elementos cruciais na prática de ensino possam permitir mudanças pontuais no ensino de Filosofia. Que a Filosofia possa se fazer presente além dos discursos acalorados do academicismo, promovendo um diálogo com a educação básica.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar e Terra, 1985.
- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. [s.l.]: Editora Zahar, 2012.
- BRASIL. **Lei nº 11684, de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, DF: Congresso Nacional, 03 jun. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm. Acesso em: 04 nov. 2011.
- BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Brasília, DF: Congresso Nacional, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 04 out. 2016.
- CARTOLANO, M. T. P. **Filosofia no ensino de 2º Grau**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.
- CERLETTI, A. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.
- CHAUI, M. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- CHAUI, M. **O convite a Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- COSTA, C. **Panorama da História da Filosofia no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1960.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Política e Educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GOMES, R. **Crítica da Razão Tupiniquim**. 14. ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2008.
- IASI, M. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. [s.l.]: EDIÇÕES 70, 2007.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. 2. ed. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1999.

- KONDER, L. **Marxismo e alienação**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LESSA, S; TONET, I. **Proletariado e sujeito revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
- LOPES, F. M. N; SILVA FILHO, A. L. Formação e Semiformação: notas sobre a docência de filosofia no nível médio. **Sofia**, Vitória, ES, v. 6, n. 3, p. 106-122, jul. 2017.
- MARX, K. **A Ideologia Alemã**. [s.l.]: Editora Martin Claret. 2008.
- MARX, K. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MARX, K. **Crítica a Filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. **Crítica ao Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, K. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K. **O Capital**. Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1983.
- MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MÉSZÁROS, I. **A Educação para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- MÉSZÁROS, I. **O Século XXI: Socialismo ou Barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2008.
- MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- SAVIANI, D. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira. *In: PROJETO 20 ANOS DO HISTEDBR*, 2005, Campinas, SP. **Comunicação...** Campinas, SP: [s.n.], 2005. p. 1-38.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados. 2008.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- TONET, I. Atividades Educativas Emancipadoras. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, PR, v. 9, n. 1, p. 9-23, jan. 2014.
- TONET, I. **Educação contra o capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

TONET, I. Educação e Formação Humana. **Ideação**, Alagoas, v. 8, n. 9, p. 9-21, jan. 2000.

TONET, I. Educação e Revolução. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Alagoas, v. 2, n. 2, p. 43-53, ago. 2010.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. 159 f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2001.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZATTI, V. **Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE MESTRADO

Grupo de Estudos Emancipar



Questionário – Pesquisa de mestrado

Pesquisa: AS CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES DE PESQUISA EDUCATIVAS E EMANCIPADORAS NAS AULAS DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO

Primeiramente, gostaria de agradecer sua participação nesta pesquisa. Por gentileza, seja o mais sincero possível nas suas respostas. A finalidade aqui é levantar dados avaliativos acerca da metodologia proposta que são as atividades de pesquisa educativas e emancipadoras nas aulas de Filosofia no nível médio, além de examinar o quanto é relevante os aspectos pedagógicos dessa metodologia de ensino de Filosofia. É importante esclarecer que a análise dos dados obtidos neste levantamento terá uma finalidade exclusivamente acadêmica, na qual os indivíduos envolvidos serão mantidos em total sigilo.

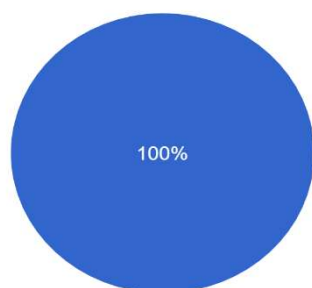
Nome: _____ Idade: _____ Série: _____

Contato: _____ E-mail: _____

Escola onde estuda: _____

01 - A leitura da obra Educação e Emancipação do filósofo Theodor Adorno, pode nos ajudar a pensar sobre os conceitos ESCLARECIMENTO, MUDANÇA, LIBERDADE, AUTONOMIA, ETC?

10 respostas



● sim
● Não

02 - A frase do filósofo Adorno presente na obra Educação e Emancipação. “A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no

aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado.” (ADORNO, 1995, p. 27). Qual seria o questionamento filosófico citado no trecho da obra? Qual a relevância de discutirmos isso?

10 respostas

(As resposta estão indicadas com a letra R)

R1 - Para criticarmos a educação quando preciso, não seguir a forma de educação bancária e sim diferenciar, criticar opinar, não seguir o que dizemos com um "padrão" estabelecido.

R2 – Falar sobre educação, como algo essencial para nos ajudar a debater sobre a nossa realidade.

R3 – Acredito que ele quis fazer a crítica a forma de ensino, onde temos que aprender sempre oralmente e dificilmente aprendendo na prática. Sendo preciso que se obtenha um aprendizado que equilibre sempre essas duas formas de ensino.

R4 – A educação fechada limita o potencial do indivíduo.

R5 – Que a educação crítica está em constante transformação, romper um certo tipo de “coletividade”, ser o diferenciado, com inspiração própria. A importância disso, nos faz olhar amplamente como um todo, para a educação.

R6 – Questionamento sobre o que realmente é educação, tem uma grande importância para que possamos repensar o que nós achamos ser e não ser educação para a vida pessoal e escolar.

R7 – Questionar a respeito da educação crítica. Faz-se necessário levantar discussões em torno da construção de novos métodos / diferentes métodos de aprendizagem.

R8 – Aprender é algo fundamental, mas não se deve fazer isso pensando apenas no sucesso que vamos ter e passando a olhar somente para nós mesmos, esquecendo as pessoas ao nosso redor, a educação deve ser algo prazeroso, porém coletivo e justo.

R9 – Mudar o foco da educação puramente instrumental e ausente de crítica para uma educação que sirva de lupa intelectual para a investigação crítica, sendo até mesmo subversiva ao modo dominante.

R10 – Em relação a educação. Esses questionamentos nos servem de alicerce para uma compreensão da nossa realidade.

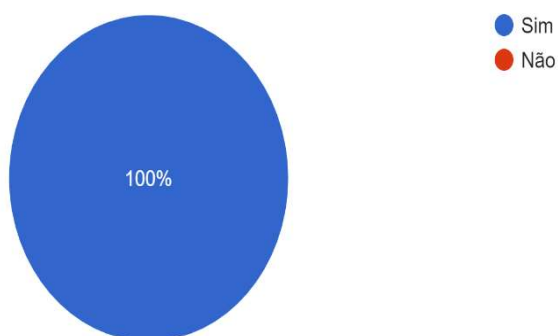
03 - Qual a importância da obra Educação e Emancipação para a sua formação no Ensino Médio?

10 respostas



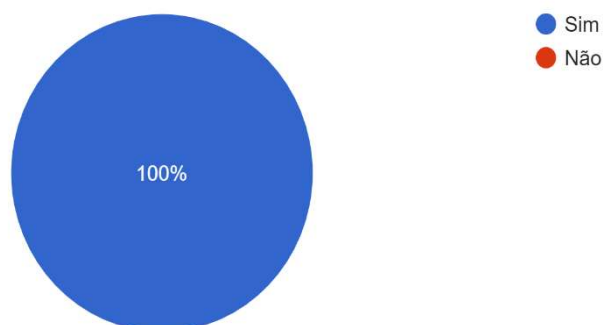
04 - O tema da emancipação que é trabalhado no grupo pode influenciar na sua visão de mundo?

10 respostas



05 - A obra educação e emancipação do filósofo Adorno tem contribuído para a sua compreensão em relação as categorias filosóficas EDUCAÇÃO, BARBÁRIE, FORMAÇÃO HUMANA, AUTONOMIA.

10 respostas



06 – As atividades de pesquisa educativas e emancipadoras têm acrescentado o que em relação ao ensino e aprendizagem?

10 respostas

(As resposta estão indicadas com a letra R)

R1 - Na compreensão do pensamento de outros filósofos.

R2 - Com isso olhamos para filosofia do jeito mais diferente inovadora.

R3 - Foi possível que eu visse o meu ensino de outra forma e que eu me tornasse crítica em relação a isso.

R4 - Melhor compreensão nos estudos.

R5 - No meu conhecimento sobre a sociedade, principalmente a democracia.

R6 - Sim, além de trazer melhores reflexões para a vida também aumenta o conhecimento pessoal e melhoria na interpretação de texto.

R7 - Amplia o nosso olhar em torno de possíveis novas vertentes do saber.

R8 - Elas ajudam muito na compreensão de diversos assuntos, dentre eles a educação e nos ajuda a nos aprofundar mais nesses temas.

R9 - Nos conhecimentos de cada época e o que vivemos agora.

R10 - Tem acrescido uma nova perspectiva do objetivo da educação ao aluno, antes acostumado a educação como meio de inculcar ideias prontas como repositórios de conhecimento.

07 - Ao fazer a leitura dos textos filosóficos propostos pelo grupo, o que mudou na sua vida enquanto compreensão de mundo?

10 respostas

(As respostas estão indicadas com a letra R)

R1 - Não muito ainda, apenas na questão da minha compreensão sobre a política.

R2 - Sobre vários assuntos.

R3 - Passei a ver o mundo com outros olhos e pude começar a perceber coisas que eu ainda tinha total entendimento sobre elas.

R4 - Eu comecei a abrir a mente para novas ideias.

R5 - A minha visão sobre as pessoas e no modo participativo de tais coisas, compreendi mais ainda sobre a emancipação e sei dos meus direitos e deveres.

R6 - A maneira que vemos o que acontece e porque acontece.

R7 - Ajudou na emancipação do saber e na evolução do pensamento crítico.

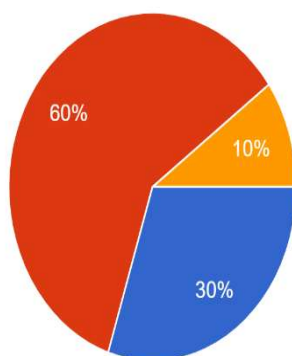
R8 - Pode mudar não só os nossos pontos de vistas sobre alguns assuntos, como também nos tornar mais críticos.

R9 - Estou tentando ainda compreender.

R10 - Principalmente após ler Educação após Auschwitz, pude melhor entender o papel da educação infantil na construção do futuro civilizacional.

08 - Você acha que a obra educação e emancipação do filósofo Adorno irá agregar alguma coisa na sua vida?

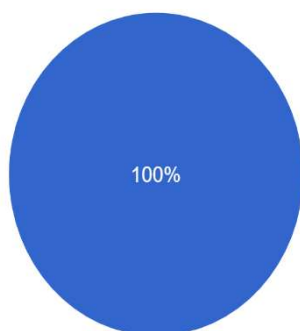
10 respostas



- Sim, extremamente necessário.
- Sim, é importante para vida escolar e para vida pessoal.
- Tem a sua devida importância por conta das avaliações externas.
- Tem a sua devida importância, mas não concordo como é proporcionado.
- Não vejo relevância nenhuma.

09 - É comum sentir um sentimento de liberdade ao ler essa obra filosófica educação e emancipação?

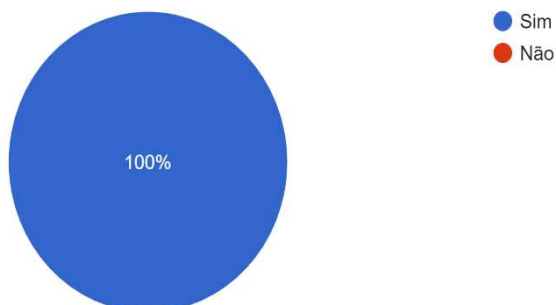
10 respostas



- Sim
- Não

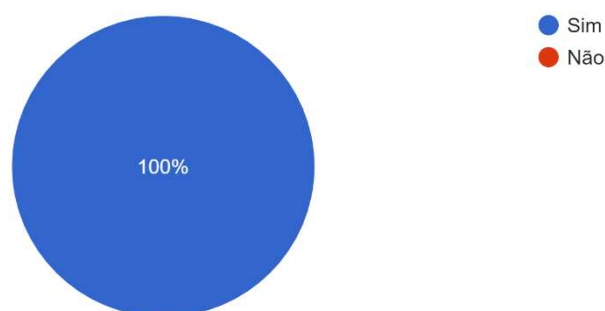
10 - Você gosta de fazer reflexões em torno dos conceitos filosóficos trabalhados na obra? Ex: LIBERDADE, AUTONOMIA, ESCLARECIMENTO, FORMAÇÃO HUMANA E EMANCIPAÇÃO.

10 respostas



11 - Você acha importante o grupo de estudos emancipar na escola?

10 respostas



12 - O que é Filosofia para você? E a questão da emancipação representa o quê?

10 respostas

(As resposta estão indicadas com a letra R)

R1 - Refletir, opinar sobre o senso comum. O esclarecimento.

R2 - Podemos ter uma visão melhor do mundo, e tentar olhar para o mundo com um olhar diferente.

R3 - A filosofia na minha percepção, é uma linha de pensamento que nos faz sempre julgar tudo a nossa volta e vê sempre todos os lados das coisas. Acredito que emancipação é um termo usado para descrever os esforços feitos para que seja possível obtermos igualdade de direitos.

R4 – Liberdade.

R5 - Para mim, filosofia é sabedoria de si mesmo, reconhecimento próprio. Liberdade.

R6 - Definiria como um estudo sobre causas, ideias e pensamentos que podem nos ajudar a emancipação é algo para se libertar do cotidiano e pôr em prática conversas sobre temas da filosofia.

R7 - A Filosofia, ao meu ver, é a ciência que estuda a construção dos pensamentos e ideais que conhecemos hoje. Já a Emancipação representa a libertação de paradigmas que nos impedem de evoluir.

R8 - Filosofia é pensar, se questionar sobre perguntas importantes, buscar uma verdade por meio de questionamentos. A Emancipação representa a independência.

R9 - A filosofia pra mim além de uma matéria maravilhosa me traz histórias e cultura. isso é muito importante. A emancipação significa liberdade no seu sentido real.

R10 - É o amor a sabedoria que pode ser uma doce indagação sobre o mundo, uma foice para abater os velhos dogmas ou um martelo para forjá-lo.

13 –**Você considera que as nossas atividades de pesquisa em torno da obra do filósofo Adorno contribuíram para o desenvolvimento de aulas educativas e emancipadoras no âmbito da Filosofia? Justifique a sua resposta.**

10 respostas.

(As resposta estão indicadas com a letra R)

R1 - Sim, acho extremamente relevante para a construção do conhecimento.

R2 – Sim, agrega valores e tem contribuído para minha formação.

R3 – Sim, tem acrescentado um ganho na minha formação no ensino médio.

R4 – Sim, tem ajudado bastante no meu desenvolvimento escolar.

R5 – Sim, depois que entrei no grupo passei a valorizar mais as aulas de filosofia.

R6 – Sim, apesar da minha paixão pela matemática percebi o quanto a filosofia nos ajuda no nosso desempenho escolar.

R7 – Sim, passei a tirar boas notas por conta do hábito que peguei com as leituras feitas no grupo.

R8 – Sim, só tenho de agradecer ao grupo pela oportunidade de me ajudar, passei a valorizar mais meus estudos.

R9 – Sim, claro houve uma ajuda significativa, pois no grupo todos são valorizados e nos sentimos muito bem. Isso acaba refletindo no nosso desempenho em sala de aula.

R10 – Sim, quero agradecer pela oportunidade de fazer parte desse grupo, o grupo foi de uma importância enorme para o meu desempenho nas avaliações na escola. Construímos o hábito de estudar isso foi muito importante.

14 – Você acha necessária a abertura de novas atividades de pesquisa em torno de obras de outros filósofos? Teria alguma sugestão de tema e/ou de pensador?

10 respostas

(As respostas estão indicadas com a letra R)

R1 - Sim, poderíamos ler as obras de Marx.

R2 – Sim, a escola de Frankfurt é bastante interessante.

R3 – Sim, poderíamos discutir mais sobre política nacional.

R4 – Sim, podemos tentar criar uma semana de filosofia na escola.

R5 – Sim, podemos ler Paulo Freire.

R6 – Sim, que as outras disciplinas também trabalhassem nessa perspectiva.

R7 – Sim, gostaria de ler sobre a filosofia brasileira.

R8 – Sim, podemos ver no grupo uma oportunidade de relacionar uma proximidade da filosofia com a literatura.

R9 – Sim, a abertura do grupo em outros horários atenderia a todos da escola.

R10 – Sim, seria muito bom que as outras disciplinas adotassem essa questão da emancipação nas aulas.

APÊNDICE B – FICHA DE INSCRIÇÃO

Ficha de inscrição:

Grupo de Estudos Emancipar



Data da inscrição: ____ / ____ / ____ nº ____

Dados de Identificação do(a) integrante do Grupo:

Nome: _____ Sexo F () M ()
 Nascimento ____ / ____ / ____ Número do RG _____ Estado
 civil: _____
 Endereço: _____ Número _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
 Tel. Residencial: () _____ Cel. () _____
 Telefone de genitores ou responsáveis: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 E-mail: _____

Deferido (a) na entrevista: ()SIM ()NÃO Data da entrevista: ____ / ____ / ____

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do integrante do Grupo de Estudos Emancipar

Responsável pela inscrição

APÊNDICE C – BLUSA DO GRUPO

Grupo de Estudos Emancipar



Blusa do Grupo:



APÊNDICE D – LISTA DE FREQUÊNCIA**Lista de Frequência:**

Grupo de Estudos Emancipar

**Lista de Frequência****Mês** _____**Data** ____ / ____ / ____

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____
- 6- _____
- 7- _____
- 8- _____
- 9- _____
- 10- _____

APÊNDICE E – ESTATUTO DO GRUPO

Grupo de Estudos Emancipar



Estatuto do Grupo de Estudos Emancipar

ESTATUTO DO GRUPO DE ESTUDOS EMANCIPAR

Artigo 1º Grupo de Estudos Emancipar, fundado em 09 de outubro de 2019 na cidade de Pacajus-CE, sem caráter lucrativo, político ou religioso, reger-se-á pelo presente Estatuto.

Artigo 2º O Grupo terá como objetivo principal tornar-se livre da alienação, por meio da leitura de livros e artigos previamente indicados pelo grupo.

Artigo 3º O Grupo foi iniciado pelos participantes da primeira reunião, cujos nomes constam da Ata de fundação.

Artigo 4º O Grupo terá o suporte técnico nas reflexões filosóficas pelo professor José Wandregesílio dos Santos Silva.

Artigo 7º São deveres dos participantes do clube: a) cumprir as disposições deste Estatuto; b) adquirir e ler o livro indicado; c) participar dos encontros; d) colaborar na indicação de livros; e) acatar a decisão do grupo quanto ao livro a ser lido; f) informar ao secretário (a) e coordenador(a) as mudanças de seus endereços; g) participar e justificar junto ao grupo as ausências; h) desincumbir-se com eficiência dos encargos recebidos; i) organizar um dos encontros quando for indicado.

Artigo 8º São direitos dos participantes: a) votar e ser votado para os devidos cargos no grupo; b) apresentar sugestões de leitura; c) consultar os participantes do Grupo sobre a possibilidade de levar algum convidado. d) declinar da indicação para sediar os encontros.

Artigo 9º O Grupo constará de uma Diretoria assim constituída: a) Coordenador, b) Secretário.

Artigo 10º O mandato do a) Coordenador, b) Secretário. Será de um ano, podendo ser reconduzido, por uma vez. a) A eleição ocorrerá sempre no mês de FEVEREIRO, com o quorum presente à reunião.

Artigo 11º Compete ao Coordenador(a): a) Representar o grupo; b) Delegar poderes a terceiros; c) Presidir os encontros semanais; d) Colaborar com os trabalhos de secretaria.

Artigo 12º Compete ao Secretário: a) Secretariar os encontros e elaborar a memória do Grupo; b) Cuidar da lista de e-mails, criação de grupo (whatsApp) e convidar para os encontros; c) Registrar a frequência; d) Promover os desligamentos e adesões solicitados.

Artigo 13º O Grupo somente poderá ser dissolvido em decorrência de decisão do grupo.

Artigo 14º O Grupo não terá sede própria.

Artigo 15º Este Estatuto poderá ser reformado em reunião ordinária e com aprovação da maioria mais um dos participantes.

Artigo 16º O presente Estatuto foi aprovado em reunião ocorrida em 21 de fevereiro de 2020.

APÊNDICE F – ATA DE FUNDAÇÃO DO GRUPO

Ata de Fundação do Grupo de Estudos Emancipar:

Grupo de Estudos Emancipar



Ata de fundação

Ata de fundação, aprovação de estatuto, eleição e posse da diretoria do Grupo de Estudos Emancipar.

Aos 09 (nove) dia do mês de OUTUBRO de 2019, reuniram-se os abaixo assinados, doravante designados fundadores, na Av. José Lopes de Mesquita, 300 - Banguê II. Na cidade de Pacajus - CE, com a finalidade de fundar um Grupo de Estudos, sem fins lucrativos, que se denominará Grupo de Estudos Emancipar. Iniciada a reunião, foi escolhido para presidi-la a srta. Antônia Aldaiza Nogueira Holanda, aluna do 3º ano do Ensino Médio da EEM Dione Maria Bezerra Pessoa (2019). Para secretariá-lo foi indicado o sr. Antônio Guilherme Alves dos Santos Lima. Logo a seguir, a srta. Coordenadora solicitou ao sr. Secretário que procedesse à leitura do projeto de estatuto, artigo por artigo. Concluída a leitura, foi o mesmo submetido à discussão e posterior votação. Ouvidos os presentes, o estatuto foi, então, aprovado por unanimidade. Dando-se prosseguimento aos trabalhos, e após sugestão de nomes para comporem os órgãos diretivos, procedeu-se à eleição e posse da Coordenação e Secretaria. Que assim ficou estabelecido: coordenação-geral do clube Professor de Filosofia José Wandregesílio dos Santos Silva e secretário Antônio Guilherme Alves dos Santos Lima aluno do 3º ano do Ensino Médio da EEM Dione Maria Bezerra Pessoa (2019), este com mandato vigente entre os meses de outubro de 2019 a outubro de 2020. Nada mais havendo a tratar, a Sra Coordenadora declarou encerrada a reunião e eu, secretário, lavrei a presente ata, que será assinada por todos os presentes, que serão considerados fundadores.

Pacajus-CE, 09 de outubro de 2019

Presentes estavam:

1- Antônia Aldaiza Nogueira Holanda _____

2- Antônio Guilherme Alves dos Santos Lima _____

3-Alan Alexandre Rocha Pinheiro _____

4-Debora da Silva Freitas _____

5-Italo Guilherme Silva Angelino _____

6-Jamilly Rodrigues Silva _____

8-Ruan Pablo Oliveira Roseno _____

9-Ryan Souza de Assis _____

10-João Carlos de Souza Oliveira _____

11-Daniel Barreto de Souza _____

APÊNDICE G – PLANO DE ENCONTRO**Plano de Encontro:**

Grupo de Estudos Emancipar

**PLANO DE ENCONTRO**

DATA ____ - ____ - ____

COORDENAÇÃO: Prof^ª José Wandregesílio dos Santos Silva**ÁREA DE ATUAÇÃO:** Ciências Humanas.**ÁREA TEMÁTICA:** Filosofia**TEMA DO ENCONTRO:****DURAÇÃO:****OBJETIVOS:**

CONTEÚDO:

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS:

RECURSOS UTILIZADOS:

ATIVIDADES PARA CASA\AVALIAÇÃO:

DATA PARA ENTREGA: ____ - ____ - ____

DICA DE FILME\MÚSICA\DOCUMENTÁRIO\VIDEO:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DATA DE ELABORAÇÃO: ____ - ____ - ____

APÊNDICE H – RELATÓRIO SEMESTRAL

Relatório semestral

Grupo de Estudos Emancipar



Relatório semestral

1. Informações sobre o responsável

Nome da pessoa no cargo de responsável pelas atividades do Grupo de Estudos, que preenche o formulário:

Sr.

E-mail:

2. Informações sobre os alunos que participaram das atividades estabelecidas no quadro do GRUPO DE ESTUDOS:

Nomes:

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____
- 6- _____
- 7- _____
- 8- _____
- 9- _____
- 10- _____

3. Informações sobre as atividades realizadas

Qual tema de estudos do GRUPO DE ESTUDOS EMANCIPAR vocês escolheram para suas atividades?

4. Resultados

Breve descrição dos resultados obtidos:

Tipo de resultados anexados a este relatório

- Documento escrito / publicação (2 no máximo)
- CD-ROM
- Fotos com legendas (2 no máximo)
- Obras de arte (2 no máximo)
- Desenhos (2 no máximo)
- Exposição

5. Quais procedimentos e instrumentos que vocês utilizaram ao longo da realização das atividades do GRUPO DE ESTUDOS EMANCIPAR?

APÊNDICE I – ACOMPANHAMENTO DE CADA PARTICIPANTE

Grupo de Estudos Emancipar



Nome: _____

Início do Grupo de Estudos: ___ - ___ - ___

Data de análise: ___ - ___ - ___

	Ótimo	Muito bom	Precisa melhorar	Ainda não conseguiu o mínimo	Não houve como avaliar
1. Pontualidade.					
2- Organização como o material pessoal destinado às atividades do Grupo					
3. Criatividade.					
4. Leitura em voz alta.					
5. Comunicação.					
6. Escrita					
7. Teorização e aplicabilidade na realidade.					
8. Reflexão e posicionamento crítico.					
9. Postura mediante conflitos pessoais.					
10. Interação coletiva no Grupo.					

11. Habilidade para superar dificuldades.					
12. Compromisso em alcançar os objetivos programados.					
13. Compreensão dos conceitos filosóficos discutidos no Grupo.					
14. Disponibilidade para participar das atividades propostas no Grupo.					
15. Postura ética e empática.					

Avaliado por: _____

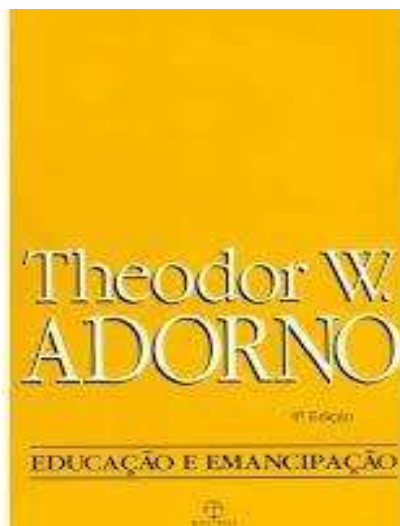
APÊNDICE J – OBRA LIDA NO GRUPO DE ESTUDOS EMANCIPAR

Grupo de Estudos Emancipar



Obra lida durante a pesquisa no Grupo de Estudos Emancipar

1ª Obra: Educação e Emancipação. Theodor Adorno



APÊNDICE L – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES - 2019

Grupo de Estudos Emancipar



CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	Início	Fim
Levantamento bibliográfico.	Janeiro/2019	Julho/2019
Leitura e fichamento críticos das obras gerais.	Abril/2019	Julho/2019
Sistematização das ideias e dos resultados iniciais. Início da redação do texto.	Agosto/2019	Dezembro/2019
Envio da 1ª versão ao orientador, orientação virtual, correção, reenvio para nova apreciação.	Fevereiro/2020	Julho/2020
Reuniões semanais com o grupo focal de pesquisa. Aplicação de um questionário de modo online, formulário eletrônico para a obtenção de dados.	Maio/2021	Maio/2021
Transformação dos resultados em potenciais conclusões.	Maio/2021	Junho/2021
Elaboração final da dissertação.	Junho/2021	Junho/2021
Apresentação	Junho/2021	

Cronograma

Segunda-feira	I	
	04/11	13h50min às 15: 10
	11/11	13h50min às 15: 10
	18/11	13h50min às 15: 10
	25/11	13h50min às 15: 10
	02/12	13h50min às 15: 10
		13h50min às 15: 10
Quarta-feira.	II	
	09/10	13h10min às 14: 10
	16/10	13h10min às 14: 10
	23/10	13h10min às 14: 10

	30/10	13h10min às 14: 10
	06/11	13h10min às 14: 10
	13/11	13h10min às 14: 10
	20/11	13h10min às 14: 10
	27/11	13h10min às 14: 10
	04/12	13h10min às 14: 10

	TEMA	CONTEUDO	ATIVIDADE
09/10	Apresentação do Trabalho (Metodologia) pelo Profº André Silva	Leitura base do grupo – Educação e Emancipação – Theodor Adorno.	Leitura e dialogo coletivo entre os membros do grupo focal.
16/10	Continuação da exposição do Artigo da aula anterior.	Leitura dos documentos do projeto. Leitura base do grupo – Educação e Emancipação – Theodor Adorno.	Leitura e dialogo coletivo entre os membros do grupo focal.
23/10	Categorias marxistas	Categorias (trabalho, educação, Emancipação, Estranhamento, Mais Valia e Alienação)	Aula de Filosofia na cozinha da escola e diálogo com as funcionárias (merendeiras) (serviços gerais)
30/10	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A filosofia e os professores</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
04/11	Exposição de um filme com a temática da emancipação	Filme - Diário de uma motocicleta	Debate sobre o filme que aborda a temática da emancipação.
06/11	Filosofia e Literatura Marginal como viés emancipatório.	Apresentação do que é a literatura marginal e quais as suas ligações com a filosofia marxista.	Diálogo com os membros do grupo sobre o assunto discutido.
11/11	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Televisão e Formação</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
13/11	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Educação após Auschwitz</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
18/11	Um diálogo entre a Arte e a Filosofia com a perspectiva	Aula sobre músicas com a temática da emancipação.	Oficinas de Arte e Filosofia.

	emancipadora		
20/11	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Educação para quê?</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
25/11	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A Educação contra a barbárie</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
27/11	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A Educação e Emancipação</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
02/12	Aula de Filosofia Emancipada	Emancipação e Liberdade de Expressão na escola.	Criação de um manifesto – Produção de cartazes para serem expostos
04/12	ENCERRAMENTO		

APÊNDICE M – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2020.1

Grupo de Estudos Emancipar



Cronograma

Sexta-feira	I
28/02	13h15min às 15: 15
06/03	13h15min às 15: 15
13/03	13h15min às 15: 15
27/03	13h15min às 15: 15
03/04	13h15min às 15: 15
17/04	13h15min às 15: 15
24/04	13h15min às 15: 15
08/05	13h15min às 15: 15
15/05	13h15min às 15: 15
22/05	13h15min às 15: 15

	TEMA	CONTEUDO	ATIVIDADE
28/02	Apresentação do Trabalho (Metodologia) pelo Profº André Silva	Leitura base do grupo – Educação e Emancipação – Theodor Adorno. Leitura dos documentos do projeto.	Leitura e dialogo coletivo entre os membros do grupo focal.
06/03	Categorias marxistas	Categorias (trabalho, educação, Emancipação, Estranhamento, Mais Valia e Alienação)	Aula de Filosofia na cozinha da escola e diálogo com as funcionárias (merendeiras) (serviços gerais)
13/03	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A filosofia e os professores</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
27/03	Exposição de um documentário com a temática da emancipação	Os campos de concentração de <u>Auschwitz.</u>	Debate sobre o documentário que aborda a temática da emancipação.
03/04	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Televisão e Formação</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.

17/04	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Educação após Auschwitz</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
24/04	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Educação para quê?</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
08/05	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A Educação contra a barbárie</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
15/05	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A Educação e Emancipação</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
22/05	Aula de Filosofia Emancipada	Emancipação e Liberdade de Expressão na escola.	Criação de um manifesto – Produção de cartazes para serem expostos

APÊNDICE N – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2020.2

Grupo de Estudos Emancipar



Cronograma

1º SEMANA		I
	14/09	19h00min às 20: 00
	15/09	19h00min às 20: 00
	16/09	19h00min às 20: 00
	17/09	19h00min às 20: 00
	18/09	19h00min às 20: 00
2º SEMANA		II
	21/09	19h00min às 20: 00
	22/09	19h00min às 20: 00
	23/09	19h00min às 20: 00
	24/09	19h00min às 20: 00
	25/09	19h00min às 20: 00

	TEMA	CONTEUDO	ATIVIDADE
14/09	Apresentação do Trabalho (Metodologia) pelo Profº André Silva	Apresentação dos membros do grupo. Leitura dos documentos do projeto.	Leitura e dialogo coletivo entre os membros do grupo focal.
15/09	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A filosofia e os professores</u> <u>Preencher um formulário.</u> <u>01 Questionário.</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
16/09	Exposição de um filme com a temática da emancipação	Filme - Diário de uma motocicleta	Debate sobre o filme que aborda a temática da emancipação.

17/09	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Televisão e Formação</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
18/09	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Educação após Auschwitz</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
21/09	Um diálogo entre a Arte e a Filosofia com a perspectiva emancipadora	Aula sobre músicas com a temática da emancipação. <u>Preencher um formulário.</u>	Oficinas de Arte e Filosofia.
22/09	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Educação para quê?</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
23/09	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A Educação contra a barbárie</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
24/09	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A Educação e Emancipação</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
25/09	Aula de Filosofia Emancipada	Emancipação e Liberdade de Expressão na escola. <u>Preencher um formulário.</u> <u>02 Questionário.</u>	Criação de um manifesto – Produção de cartazes para serem expostos

APÊNDICE O – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2021.1

Grupo de Estudos Emancipar



Cronograma

1º SEMANA		I
	03/05	19h00min às 20: 00
	04/05	19h00min às 20: 00
	05/05	19h00min às 20: 00
	06/05	19h00min às 20: 00
	07/05	19h00min às 20: 00
2º SEMANA		II
	10/05	19h00min às 20: 00
	11/05	19h00min às 20: 00
	12/05	19h00min às 20: 00
	13/05	19h00min às 20: 00
	14/05	19h00min às 20: 00

	TEMA	CONTEUDO	ATIVIDADE
03/05	Apresentação do Trabalho (Metodologia) pelo Profº André Silva	Leitura do artigo Atividades Educativas Emancipadoras Apresentação dos membros do grupo. Leitura dos documentos do projeto.	Leitura e dialogo coletivo entre os membros do grupo focal.
04/05	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A filosofia e os professores</u> <u>Preencher um formulário.</u> <u>01 Questionário.</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
05/05	Exposição de um filme com a temática da emancipação	Filme – O contador de histórias.	Debate sobre o filme que aborda a temática da emancipação.

06/05	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Televisão e Formação</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
07/05	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Educação após Auschwitz</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
10/05	Um diálogo entre a Arte e a Filosofia com a perspectiva emancipadora	Aula sobre músicas com a temática da emancipação. Analisar imagens escolhidas pelo membros do grupo com a temática da emancipação. <u>Preencher um formulário.</u>	Oficinas de Arte e Filosofia.
11/05	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>Educação para quê?</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
12/05	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A Educação contra a barbárie</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
13/05	Uma proposta metodológica de ensino de Filosofia	Apresentação de trechos da obra Educação e Emancipação. Adorno <u>A Educação e Emancipação</u>	Debate sobre o contexto atual da educação brasileira.
14/05	Aula de Filosofia Emancipada	Emancipação e Liberdade de Expressão na escola. <u>Preencher um formulário.</u> <u>02 Questionário.</u> <u>Participação de ex-alunos do Emancipar.</u>	Criação de um manifesto – Produção de cartazes para serem expostos